

ALMEIDA BARROSO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS 1918 - 2018

FIGURAS, IDEIAS, OPINIÕES



Coleção Pensamento Amazônico <u>Série Joã</u>o Leda – v. 15



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



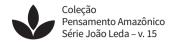












FIGURAS, IDEIAS E OPINIÕES

ALMEIDA BARROSO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS (1918-2018)



DIRETORIA BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes
SERGIO VIEIRA CARDOSO
JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
iguras, Ideias, Opiniões	.11

© Almeida Barroso, 2021

Coordenação Editorial José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira, José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso, Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico Marcicley Reggo

Imagem da capa © kenishirotie/Envato

Digitalização dos originais Roumen Koynov

Ficha catalográfica Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277f Barroso, Almeida

Figuras, ideias, opiniões. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf) Coleção Pensamento Amazônico. Série João Leda– v. 15;

ISBN 978-65-86325-56-0

1. Literatura brasileira – Crônicas I. Título

CDD B869.45

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98). Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361 N. Sra. das Graças – Sala 303 69053-110 – Manaus-AM



PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

arlos Almeida Barroso, nascido pelas terras de Manacapuru, interior amazonense e ali criado até pequeno rapaz, é um dos exemplos da atenção especial que o então juiz de direito, André Vidal de Araújo, dedicou aos jovens talentos que foi encontrando pelas barrancas dos rios amazônicos quando de sua judicatura, visto que Barroso foi um desses orientandos conduzidos para os estudos pelo dedicado pernambucano que se fez amazonense de coração.

Almeida Barroso, como ficou conhecido no magistério, no jornalismo, na advocacia de Manaus e do Rio de Janeiro e na Academia, formando-se em humanidades e direito, tornou-se professor de Filosofia e diretor do Colégio Estadual do Amazonas e mestre da Escola de Serviço Social de Manaus, em cuja casa de ensino se constituiu em um dos baluartes. Contribuiu intensamente na imprensa, inclusive, como um dos últimos polemistas de seu tempo, e, tempos depois, ingressou na Academia Amazonense de Letras, na cadeira de Araripe Júnior na qual foi recebido por Aristophano Antony, sob a presidência de Salignac e Sousa. Foi essa instituição que representou, anos mais tarde, no Rio de Janeiro, junto a Federação das Academias de Letras do Brasil como representaram Violeta Branca, Ulysses Bittencourt e haviam atuado Benjamin Lima e Raul Azevedo.

Nessa obra, agora reeditada para a rede mundial de computadores pelo portal da Academia, Barroso cuida de temas variados da atualidade com textos leves, quase jornalísticos, diretos e em boa linguagem. Lançado em 1975 pelas edições da Fundação Cultural, em evento bastante prestigiado no salão Alberto Rangel nos altos da Biblioteca Pública, mereceu o prefácio do historiador Arthur Cézar Ferreira Reis.

O que se vai ler, além de vários outros temas, são observações do autor sobre algumas personalidades das letras e da política no Amazonas, como Ruy e André Vidal de Araújo, Álvaro Botelho Maia, Aderson Andrade de Menezes, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres e Francisco Pereira da Silva, por exemplo, assim como, sobre Raimundo Farias Brito e Sílvio Romero. Por este livro, Barroso mereceu artigos de jornal com elogios de Mário Ypiranga Monteiro, Pablo Cid e Ildefonso Pinheiro que o conheceram ao longo de uma carreira que foi traçada com tenacidade e dedicação.

A inclusão dessa obra *Figuras, ideias, opiniões,* nessa coleção da Academia, honra a memória do escritor e projeta a instituição.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o "livro sem papel" muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

COLEÇÃO PINDORAMA VOLUME VIII TEMAS DE LITERATURA BRASILEIRA

Copyright

ALMEIDA BARROSO

Planejamento gráfico da equipe da I.O.

Manaus - 1975

Printed in Brazil

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Os artigos e trabalhos diversos que compõem este livro foram escritos, quase todos, entre a década de 40 e a de 60. Os escritos a partir daí compreendem alguns já produzidos aqui no Rio, onde o Autor fixou residência em 1965. A produção da fase de Manaus, toda ela, reflete ou tentou refletir o estado de espírito da geração a que pertence o Autor frente aos problemas da terra, encarados nos seus aspectos sociais, com predominância dos de ordem política, econômica e cultural. Neles houve sempre a preocupação de retratar, partindo de uma posição que hoje se chama de contestativa, o clamor de uma geração ante a inércia que se traduzia no comodismo, no conformismo e até na impossibilidade diante das exigências do progresso dos novos tempos, dos surtos de desenvolvimento deste País nas suas unidades mais adiantadas, dos anseios universais de mudança. Desses artigos, alguns focalizam problemas e reivindicações do torrão natal então bastante esquecido dos poderes centrais da República. Outros, enfocam personalidades que, pela sua inteligência e devotamento ao Amazonas tornaram-se dignas de serem sempre lembradas. Muitas delas já deixaram o rol dos vivos e relembrá-las traduz, certamente, um preito de homenagem aos seus merecimentos e uma indicação do que representaram no cômputo dos esforcos despendidos visando o progresso da boa terra. As novas gerações, sobretudo, muito terão que lucrar com esse levantar de cortina do esquecimento, sabendo-se que não podem ser indiferentes aos que ajudaram a construir muito daquilo que hoje constitui, no grande Estado nortista, motivo do seu desvanecimento.

Uma ou outra das questões que serviram de tema aos escritos agora reunidos em livro, sob o impacto de novas idéias ou em face da solução alcançada, não seriam mais hoje debatidas da forma por que o foram. Tem-se um exemplo com a solução dada ao problema do ensino, sobretudo o ensino clássico e citadino. Mas é fora de dúvida que ela resultou de um processo de luta, de uma cristalização do idealismo de poucos.

A marcha do tempo, as mudanças políticas, o avanço tecnológico, a idade da eletricidade impondo novo comportamento ao homem atual no encarar a solução dos problemas coletivos dão dimensões àquelas questões diferentes do tempo em que se verificou o modesto pontificado do Autor na imprensa amazonense. Há, finalmente, entre os trabalhos aqui reunidos, alguns que chamaria, mesmo incorrendo no risco de ofender os brios dos pretensos donos da posição no Brasil, de trabalhos de crítica, literária e artística. Todos eles conservam o sentido intelectual que os informou, mesmo dentro das exigências da intelectualidade dos nossos dias. Não se devem afigurar, assim, de menor valia ao gosto daqueles que se comprazem com as labutas do espírito e se entusiasmam com as múltiplas modalidades do saber e da cultura, dando o que fazer à sua capacidade de pensar.

Um registro final se impõe ao Autor sobre as motivações que recebeu, de maneira a animá-lo à publicação deste livro. A primeira, partiu desse renomado homem de letras amazonense que é ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS, quando governador do Amazonas. Chegou a ser incluido no seu plano publicitário levado a efeito com o mais expressivo êxito, como uma das metas da sua administração. O acúmulo de publicações, todavia, não permitiu que FIGURAS — IDÉIAS — OPINIÕES fosse dado à publicidade. Isso ensejou, também, uma escolha mais cuidadosa entre os trabalhos que formavam a primeira coletânea com o acréscimo, na presente, de outros que não figuravam naquela.

Um outro e decisivo estímulo, partido do ilustre e saudoso titular da Representação do Amazonas no Rio, dr. Francisco Galvão Jucá, animou o Autor a voltar à carga, na tentativa de trazer à publicidade em livro o produto de uma atividade intelectual inegavelmente sincera e honesta.

Após aquele último incentivo, reli os originais e resolvi enviar uma cópia à ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, a quem represento aqui, na Federação das Academias de Letras do Brasil. O trabalho recebeu a aprovação dos meus confrades, que resolveram inclui-lo no seu plano publicitário. Foi isso no ano passado.

Já no fim do ano, porém, em contato nesta cidade com esse vanguardeiro da atividade cultural no Amazonas que é o escritor JOÃO MENDONÇA DE SOUZA, meu confrade naquela Academia, propôs-se ele a apressar aquela publicação através do setor cultural que dirige, com o maior descortino, no Estado. Como é compreensível, aceitei com entusiasmo seu franco e espontâneo oferecimento.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1974.

O Autor

APRESENTAÇÃO

A literatura não vem sendo realizada unicamente pelos escritores nascidos na região. As contribuições maiores são da responsabilidade dos que, em contacto com ela, passageiro ou não, tomam-se de interesse pelo que ela importa, reflete e exige, como mundo exótico, que o homem ainda não conseguiu, de todo, possuir na plenitude de sua força criadora e do seu ímpeto possessivo.

No Amazonas, a vida literária começou justamente por um desses que se enamoraram da terra nova, onde não haviam nascido e dela nos deram as primeiras páginas de entusiasmo lírico — Henrique João Wilkens, no poema "A Muraida".

Hoje, é certo, já as gerações de escritores amazônicos sucedem-se, contribuindo fartamente para divulgar o físico e o humano que marcam o extremo-norte do Brasil nos seus aspectos mais legítimos. Os ensaios de história literária, escritos por Anísio Jobim e Djalma Baptista, falam claro, indicando, ao lado dos que nela não nasceram, os que a tomaram por berço e souberam interpretá-la no romance, no conto, no ensaio, na poesia e na análise de sua paisagem, nos traços por que podemos analisar essa paisagem, natural ou elaborada pelo engenho do homem.

O autor deste livro, hoje faturando sucesso nos meios intelectuais do Rio de Janeiro, onde representa a inteligência amazonense na Federação das Academias de Letras do Brasil, não é um principiante que busque, nos primeiros trabalhos, criar-se nomeada, investindo para o futuro. Sua produção intelectual, publicada na imprensa diária de Manaus, revela o homem de espírito em permanente renovação, na linguagem escrita do escritor sadio e voltado, fundamentalmente, para as coisas de sua terra natal. Li-o nos momentos em que divulga-

va seus artigos, todos valendo pelo conteúdo, pelas idéias propostas, pelas observações e reflexões que emitia e lhe singularizavam o perfil intelectual. Aqueles artigos, de várias idades, juntam-se agora em volume que, sob o nome de "Figuras, Idéias, Opiniões", a Fundação Cultural do Amazonas lança para assegurar existência mais intensa e menos passageira ao que neles se contém, tanto mais quanto há, em todos eles, o comentário e o exame maduro de épocas, figuras, episódios, de nossa atualidade.

Um dia em Manaus, dirigindo o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, cuja estrutura, em forma de projeto na Comissão que o Conselho Nacional de Pesquisas criara sob a presidência do almirante Álvaro Alberto, dispusera-me a uma série de palestras visando ao professorado amazonense. Tive grande público. Entre os que me escutaram estava Almeida Barroso, atento, olhos indagadores. Quando o curso se encerrou, em artigos na imprensa da capital amazonense comentou o que lhe pareceu a essência nos objetivos visados e, de certo modo, alcançado.

Neste "Figuras, Idéias, Opiniões", há tipos amazonenses de ontem, divagações de ordem cultural, variações sobre a problemática regional, com que se completa a série de manifestações de natureza literária e, mais que isso, de natureza cívica. Porque, nas páginas deste livro, essa preocupação é visível, refletindo o comportamento e as aspirações do autor, no que diz respeito ao passado e ao presente do Brasil, e em particular da Amazônia.

Almeida Barroso, é tempo de findar, está na linha das melhores expressões do pensamento amazonense, realizado com
senso firme, talvez lento mas seguro e capaz, portanto, de influir, no caso, na melhor formação dos contingentes moços que
a Universidade de Manaus está elaborando para que os quadros necessários à sua evolução sejam os quadros mais legitimamente locais e não estranhos, aventureiros. Na lição dos
fatos e dos homens de ontem, aqui evocados com tanta simplicidade, mas com tanta fidelidade, há uma lição pura, valiosa
profunda, que se faz necessário bem conhecer e assimilar.

Arthur C. F. Reis

PARTE I VULTOS DAS LETRAS E DA POLÍTICA DO ÀMAZONAS DE ONTEM E DE HOJE

A LEGENDA DE HUASCAR DE FIGUEIREDO

Há qualquer coisa parecida com um amargo desencanto, com uma dolorosa decepção, nas nossas tentativas de evocação dos intelectuais que viveram no Amazonas e aqui morreram, depois de terem dedicado o melhor da sua vida, da sua cultura e do seu talento à grandeza da terra querida.

Tem-se a impressão que este maravilhoso cenário, "última página do Genesis", na expressão consagrada de Euclides da Cunha, arrasta consigo o fantástico e ingrato destino de fascinar os homens de inteligência que a ela se prendem, acorrentados pelo nascimento ou pelo coração, para depois devorálos, abismando-os num incompreensível esquecimento, eis que quando se vão do rol dos vivos, deles já não fica senão na memória uma esbatida lembrança.

É grande o número dos intelectuais que aqui viveram transformando-se, no seu tempo, em figuras da mais alta projeção literária ou política, fazendo da sua vida uma legenda de trabalho em prol da terra, a respeito dos quais pouco conhecem as novas gerações e, como é facil prever, muito menos conhecerão as gerações vindouras, se não surgirem historiadores da nossa civilização e da nossa literatura para lhes fazerem justiça, arrancando-os do imerecido esquecimento. Parece que a força erosiva do tempo manifesta-se nestas paragens com caráter mais implacável do que nas outras partes, realizando a sua prejudicial missão de soterrar no olvido os nossos valores, tão logo eles são retirados da cena da vida. Dir-se-ia que o fe-

nômeno de devastação observado no nosso formidável rio com referência às terras por ele percorridas, e que levou o autor de "Os Sertões" a considerá-lo o mais impatriótico do mundo, encontra o seu símile na ação do tempo sobre os homens de ação e de inteligência que mais de perto ajudaram a construir a grandeza do Amazonas.

Nesta terra, mesmo sendo grande, de valor positivo, mormente nos domínios das letras, só ficam, só escapam à pátina do tempo, os que tiveram consubstanciado o labor da sua inteligência em livro, penetrando além fonteiras.

Por isso, é de grande interesse evocar figuras que já se foram e ainda ontem catalizavam as nossas atenções e a nossa admiração, pelo fulgor da-sua inteligência e pela expressão marcante da sua personalidade. É preciso que todos tenham delas a mais viva sensação de presença, o que geralmente só acontece àqueles que mais se aproximaram do círculo da sua afetividade, pois que isto é tarefa de salvamento do olvido a que as destina a força inabalável da terra...

Lembro-me que era ainda ginasiano quando tive a oportunidade de ouvir, numa das suas memoráveis preleções, o professor Augusto Rocha, em apreciação crítica, discorrer sobre os intelectuais do Amazonas, sobre os seus melhores escritores vivos. Para ele, uma das mais robustas e eruditas formações de professores que conheci, sempre prudente no elogio e, não raro, contundente nas restrições que fazia aos valores literários, Huascar de Figueiredo era o nosso mais aprumado escritor. E este julgamento, partido de fonte tão respeitável, num meio onde fulgiam nomes como os de Péricles Morais, João Leda, Ramaiana de Chevalier, Leopoldo Péres, Adriano Jorge, entre muitos outros, teria de encontrar uma grande repercussão no espírito de todos nós.

Nessa época, de fato, refiro-me ao ano de 1936, Huascar de Figueiredo era conhecido como um dos nossos mais categorizados jornalistas e advogados, aureolando-lhe a personalidade vibrante com côres entontecedoras para a nossa inteligência e sensibilidade de adolescentes, a fama da sua verve

encantadora, do seu gosto pelo trocadilho, das suas tendências para os ditos chistosos e sarcásticos, da sua predileção pela anedota hilariante.

Poucos dias após ter feito o exame de habilitação para a Faculdade de Direito do Amazonas, dentro de um espírito de intensa vibração em torno das coisas da cultura e do curso jurídico em particular, nota marcante na geração dos que fizeram o Curso Complementar Pré-Jurídico, estava eu no café Ponto Chic à mesa onde figuravam o então juiz de menores André Araújo e três ou quatro pessoas mais, inclusive um cidadão que ali já encontrei ao chegar, de fisionomia característica, muito corado, de bigodes bem aparados, trajando-se elegantemente e que falava com muita correção, dando às suas palavras uma entonação incisiva, acompanhada com gestos do indicador direito. Pontificava na roda. Como eu não sabia de quem se tratava e presumia ser um intelectual, olhava-o com desmedido interesse, atento ao que dizia. Foi quando ele se virou para mim e perguntou, como se fizesse uma intimação:

- Quem é você?

Alguém do grupo, que o conhecia fez a apresentação:

- É um acadêmico de direito, que entrou agora para a Faculdade, vai cursar o primeiro ano.
- Ah, sim, está bem. Você é aspirante a futuro Presidente da República, não é? Veja se ao terminar o quinto ano não se vai contentar com uma simples promotoria no interior do Estado!

Ao deixar a mesa perguntei a um do grupo se aquele era o dr. Huascar de Figueiredo e a resposta foi afirmativa. Foi esse o meu primeiro encontro com essa inteligência marcada por notáveis panejamentos.

Posteriormente, pude conhecê-lo melhor, acompanhando a verdadeira predestinação do seu rutilante espírito pelos problemas do Amazonas, por ele tão admiravelmente prescrutados e dos quais fez uma legenda para a sua fulgurante atividade cultural, especialmente no jornalismo, onde se manifestava com indiscutivel brilho a sua qualidade de amazonólogo.

João Huascar de Figueiredo, este o seu nome completo, era natural do vizinho estado do Pará, tendo concluído o seu curso jurídico pela Faculdade de Direito de São Paulo. O Amazonas, com o renome de seu foro, logo o atraiu, como fazia a dezenas de outras inteligências fascinadas pela advogacia. Aqui chegou e o fascínio da terra misteriosa e lendária o envolveu, passando ele a querê-la, como se fosse seu filho, pugnando pelo seu engrandecimento, partilhando das suas alegrias e acompanhando com a alma em chamas as suas vicissitudes.

A sua legenda era estudar e compreender os problemas do Amazonas, o passo inicial para o trabalho do seu glorioso destino. E tornou-se, realmente, uma das expressões mais altas e mais alcandoradas de amazonismo consciente, de amor sincero pela terra, sem qualquer mescla de interesse subalterno ou personalista. Era uma cultura e um caráter. Tinha a fibra do intelectual destemido e a contestura do advogado valoroso. A sua personalidade literária reconheceu-a a Academia Amazonense de Letras, que o acolheu entre os seus imortais. E a sua personalidade de intelectual aliada à sua impressionante bravura cívica são, sem dúvida nenhuma, um belo padrão de exemplo duradouro.

A MORTE DE SEVERIANO NUNES

Nunca fui da intimidade do ilustre político que acaba de desaparecer, para sempre, do nosso convívio. Nos raros contatos que tive com ele, nestes últimos dez anos, pude recolher, entretanto, do homem, a melhor das impressões e do político, impressões favoráveis, entrecortadas com algumas reservas. ²

É que o dr. Severiano Nunes pertencia a outra geração, estava ligado a um outro passado, comprometido, finalmente, por um imperativo das circunstâncias em que formou a sua personalidade de homem público, com uma mentalidade diferente daquela em que a da nossa geração se desenvolveu.

Pertencia, realmente, a outro tempo, a outra época, eis que se integrara aos movimentos políticos que prepararam a queda da velha República e, no Amazonas, a queda das oligarquias que até 1930 pontificava na sua administração.

O tempo, esse demolidor implacavel de reputações, de conceitos e de amizades na memória dos próprios coevos, vinha produzindo nestes cinco últimos anos, um desgaste progressivo no prestígio que o ilustre chefe udenista ostentou nesta terra a partir daquela data, prestígio à sombra do qual dezenas, centenas e talvez milhares de pessoas galgaram posição nos nossos quadros políticos ou administrativos, sendo que dentre estes, avultado é o número dos que tiraram a barriga da miséria, graças ao seu auxílio. Esse desgaste era completado, ora pela morte de alguns dos seus antigos companheiros de luta, ora pela mudança de residência de alguns deles de Manaus para outros estados da Federação.

Ultimamente, ainda outros fatores conspiravam contra o prestígio do velho chefe, tais como a sua derrota em dois plei-

tos eleitorais sucessivos e, finalmente, a insidiosa doença que o prostrou inapelavelmente. O seu sol, portanto, empalidecia a olhos vistos. Era um sol, ao contrário daquele famoso sol de Homero, o bardo helênico, que não resistia à ação depreciadora do tempo. Mas, apesar disso, apesar do drama angustiante desse declínio irrefragável, vez por outra tinha-se fugaz impressão de que ele voltava a brilhar, lembrando os seus dias de fastígio. Foi o que sucedeu na eleição para presidente do diretório da UDNA, quando Jaime Araújo, num desajeitado golpe político, tentou substitui-lo à sua revelia. É que o brilho do sol em decadência ainda iluminava o coração dos seus antigos e mais fiéis correligionários. E, então, a injustiça foi digna e vibrantemente repelida. Severiano era a tradição viva da luta do partido brigadeirista no Amazonas e urgia respeitar pelo menos o seu glorioso passado. Foi o que sucedeu, realmente.

.

Vasculhando a memória, lembro-me que meu primeiro contato com o antigo temido "PAJÉ" da política Baré, foi em janeiro de 1946, na "Galeria Cruzeiro", no Rio de Janeiro. Ali me encontrava, casualmente, num grupo de amazonenses modestos, quando se aproximaram o dr. Arthur Reis e o recémeleito senador pelo Amazonas. Foi então que este, como se fosse meu antigo conhecido, falou cordialmente comigo e me apresentou, em termos lisonjeiros, ao dr. Arthur que, aliás havia sido meu professor no Colégio Dom Bosco. É preciso notar que eu havia, poucos meses antes, combatido o senador Severiano Nunes, defendendo, nos comícios e na luta multiforme desenvolvimento pelo PSD, a candidatura do sr. Cunha Melo. Era um gesto, de feito, cativante.

Um outro fato, também, se deu comigo e veio avivar no meu espírito a impressão favorável do dr. Severiano, contribuindo para me dar a conhecer o que havia de humano no político.

Estávamos no último período de domínio político-administrativo da UDN no Amazonas. Leopoldo Neves havia deixado o governo para pleitear o cargo de senador. Com o afastamento do titular constitucional, o executivo ficou nas mãos de Júlio

de Carvalho. Foi nessa ocasião que, por sugestão de Ney Rayol, aquele governador e o dr. Nunes acolheram a idéia de eu ser colocado na direção do Colégio Estadual do Amazonas. A nomeação foi feita, justamente, na ocasião em que me encontrava em Pitangui, Minas Gerais, em gozo de férias. Ali recebi, sobre o fato, a comunicação do governador Júlio de Carvalho. Em meiados de julho de 1950, poucos dias depois daquele aviso, voltei para Manaus. Mas aqui chegando, encontrei a política fervendo. Os ataques, de parte a parte, pela imprensa e pelo rádio, cruzavam-se, visando as figuras centrais do pleito, ou sejam, o "Tuchaua" e o "Pajé", até então os dois majores chefes políticos locais. O ambiente estava tenso. No dia posterior ao da minha chegada, justamente aquele em que eu deveria assumir a direção do Colégio, ouvi pelo rádio e li nos jornais uma notícia sobre o meu ingresso nos quadros políticos da UDNA, que seria na noite daquele dia. A notícia, como era natural, me desconcertou. Minhas simpatias pela causa brigadeirista no País e neste Estado eram indiscutíveis. Mas ninguém havia me pedido autorização para anunciar o meu ingresso naquele partido. Decidi-me, face ao sucedido, depois de trocar idéias com o meu compadre e amigo des. Felismino Soares, a não aceitar o cargo sob aquela condição política que tacitamente me estava sendo imposta.

Tudo isso eu estou narrando aqui para mostrar ao leitor o quanto havia de humano no admirável sedimento de afetividade que marcava a personalidade do grande político recém-morto.

Fui, então, pela primeira vez à residência do dr. Severiano Nunes nesta cidade, à rua Monsenhor Coutinho, que era também, do seu genro, dr. Garcia Gomes. Depois dos cumprimentos de praxe, fui incisivo: estava ali para agradecer a deferência e a honra que ele me dispensou, confiando-me, como chefe da UDN, um cargo de auxiliar no governo Júlio de Carvalho. Achava, entretanto, que a militância político-partidária, seria um entrave aos bons propósitos de trabalho que eu trazia para o CEA, caso passasse ao seu comando administrativo. Como o momento era político, depositava, sem qualquer constrangi-

mento, o cargo em suas mãos, para deixá-lo à vontade na escolha de alguém que melhor pudesse servir o governo fiador da sua candidatura. Quer dizer: não entraria para os quadros da UDNA. A resposta do político, ao contrário do que tinham certamente me assegurado, veio através da palavra humanizada do homem. Relembrou os laços que o prenderam ao meu falecido pai como alunos no antigo Ginásio Pedro II; recordou sua velha camaradagem com meu padrasto, para terminar afirmando que me queria mesmo assim no Colégio para aproveitar a minha disposição de trabalhar em favor da nossa juventude escolar. Foram dois gestos altivos, não há dúvida, enobrecedores do político e do homem, como se tornou proverbial nesta terra, amigo dos seus amigos, que faz da atividade partidária um fulcro de consolidação de amizade, com instrumento a servico das reivindicações humanas daqueles aos quais estava ligado.

A feira de interesses materiais que vai absorvendo cada dia mais os homens, nesta época tumultuosa em que vivemos, corrompendo consciência, mercantilizando ideais, vai deixando para traz os tempos em que no Amazonas se fazia política na base de um sadio e legal comércio de amizade, comércio no bom sentido, onde o compadrio era o seu mais forte alicerce. Nesse tipo de política foi mestre, indiscutivelmente, Severiano Nunes. Não havia um município do nosso interior em que ele não contasse com um grupo de amigos, dentre os quais alguns de uma fidelidade legendária. Pode-se dizer que, com Álvaro Maia, o mais ilustre da sua cadeia de compadres, ele dominou, com ligeiros iatos, a política e a administração amazonenses de 1930 até o início do govêrno atual. Diziam, mesmo. os seus adversários, que entre os dois havia um pacto secreto, para o continuismo do poderio sobre o Estado. Disso não sei. O que posso afirmar, depois que me aproximei, nestes últimos anos, do ilustre amazonense, é que ele tinha, de fato, uma grande amizade ao dr. Álvaro Maia, apesar das rusgas ou mesmo da célebre contenda em que os dois disputaram o Palácio Rio Negro.

Naquela pugna, o dr. Severiano foi fragorosamente derrotado. Logo depois, porém, com o fracasso do governo daquele seu compadre e adversário, se quisesse teria se credenciado na opinião pública para reabilitar integralmente o seu partido. Mas não o quis. A questão sentimental levou-o a considerar a situação dos seus amigos perseguidos. E preferiu colaborar com o grupo político que com ele havia sido implacável, naquele pleito. Assim era o fundador e chefe incontestável da UDNA.

.

NO ÚLTIMO GOVERNO, quando exercia o cargo de Secretário de Interior e Justiça do Estado, costumava visitá-lo ligeiramente no seu gabinete, na sua repartição ali próxima à Prefeitura. Diante dos erros administrativos que eu combatia pela imprensa e que ele reconhecia, às vezes perguntava-lhe:

— Senador (assim eu o chamava), qual a vantagém do senhor, em estar escorando o edifício em ruínas do governo que aí se encontra? E a resposta era sempre a mesma, amiga, cordial, envolvente: — Barroso, o que é eu posso fazer? Tudo isso eu digo ao Álvaro, mas ele não me quer ouvir. Paciência...

Quando dele me despedia, trazia no espírito a convicção de que ali estava um político humanizado, um homem bom, mas com a sua carreira política, por diversas circunstâncias, prestes a encerrar-se, submergida na voragem de interesses adversários que se avolumavam, com outros processos de luta, sob os imperiosos impactos de solicitações da política mercenarizada dos novos tempos, tempos a que ele não pôde ou não quis se adaptar. Por isso, acho que a morte não o deve ter surpreendido. Ela veio inegavelmente, atendendo ao chamamento do seu firmamento político já ensombrecido pela decadência irremediável do sol que o iluminara com a luz forte e enternecedora que hoje ilumina apenas o coração dos amigos que, como eu, não podem reprimir a profunda emoção provocada pela notícia recente do seu passamento.

HOMENAGEM A LEOPOLDO PERES

A assistência que compareceu, à noite de sábado último, à Academia Amazonense de Letras, foi simplesmente decepcionante. 3

É de justiça ressaltar, entretanto, que aquele cenáculo cumpriu à risca o magnífico programa que traçou para homenagear a memória de Leopoldo Peres, que foi um dos seus membros mais destacados e de inteligência mais fascinante.

Acredito que grande parte dos que tiveram vontade de comparecer à Academia e partilhar das homenagens por ela prestadas à memória do notável intelectual e orador que foi Leopoldo Peres, inclusive com a aposição do seu retrato no salão de honra daquele silogeu, ali não foi pelo mesmo motivo que quase me impediu de lá chegar. E esse motivo não pode deixar de ser mencionado, ainda que com tristeza e até vergonha: a falta de luz. A falta de energia elétrica, atestado irrefragável da incompetência e da inépcia dos que têm a seu cargo a responsabilidade pela solução desse problema nesta capital.

Muitos talvez tenham chegado em casa para jantar com o propósito de tomar um banho antes e vestir um traje adequado à solenidade tão respeitável. Chegando em casa depois das seis, ao anoitecer, quem pode ir a um banheiro, porém, com o perigo de tropeçar num candeeiro? Djalma Batista, certa vez, da tribuna da própria Academia, retraçou o panorama de tristeza e de lamentável abandono a que chegou o Amazonas, comprometido no seu progresso e na sua cultura pela incapacidade da sua administração e pela ausência de espírito de luta dos seus intelectuais. A verdade, quando contunde e humilha, é sempre desgradável. Mas, verdades como esta não é

possivel calar, a não ser aos espíritos acomodatícios, aos que fizeram conúbio com a covardia. Não foi possível, assim, na semi-escuridão, diante da imagem pouco estimuladora do candeeiro, preparar-me para ir a Academia e se lá cheguei, com o intuito de apenas assistir a sua sessão do pátio que fica ao lado do seu salão de honra, é porque tinha prometido pessoalmente a Pereira da Silva ouvir o seu discurso.

Mas eu pensava que ao menos as figuras do alto comércio, da administração e os primo-felizes, para usar esta expressão que bem define os privilégios, enfim, as figuras de mais destaque nas profissões liberais e os nossos universitários, por si sós bastassem para encher as dependências da Academia.

Puro engano. O comparecimento ali se reduziu a um número inexpressivo de pessoas, num atestado lamentável de descaso ou de desinteresse por uma homenagem onde se iria prestar culto à memória de um dos homens mais respeitáveis, a uma das personalidades mais robustas que já viveram nesta terra. Mais ainda: onde o sr. Pereira da Silva, constituinte ao lado de Leopoldo Peres por ocasião da legislatura em que foi promulgada a Constituição atual e na qual figura o dispositivo que preve a Valorização da Amazônia iria dizer, como o fez com admirável fidelidade e brilho, do papel relevante desempenhado pelo saudoso parlamentar amazonense durante os debates que se travaram no Palácio Tiradentes, visando a consolidação daquele dispositivo referente à nossa região.

Pereira da Silva pronunciou, realmente, um grande discurso, notável pelo fundo como pela forma e onde colocou, com bravura e brilho, a questão da luta comandada vitoriosamente por Leopoldo Peres, objetivando a proteção constitucional, em 1946, para a região Amazônica. Foi uma luta em que colaboraram vibrantemente e imbuidos de alto patriotismo todos os parlamentares do Vale. Como em toda luta, houve o destaque maior ou menor de algumas figuras. Leopoldo Peres, porém, foi o catalizador por excelência das aspirações comuns e soube colocar sua magnifica cultura e o seu extraordinário talento oratório, naquela hora de reivindicações definitivas, a serviço da grande causa, tornando-se, por isso, o "primus inter

pares" da memorável cruzada. Foi isso o que depôs Pereira da Silva, num discurso à altura da missão que lhe fora destinada naquela casa representativa da inteligência e das letras amazonenses. Lá não deveriam ter faltado todos aqueles que se dizem interessados pelos grandes problemas deste Estado e muito menos o alto comércio que é quem mais se irá beneficiar de imediato dos resultados que advirão com as atividades recuperadoras da Valorização, esta realidade embaladora do nosso espírito e para a qual concorreu decisivamente com os lampejos da sua inteligência privilegiada o nosso Leopoldo Péres. Não deveria ter faltado, para poder conhecer, como é de sua obrigação, o papel daqueles que, como o homenageado, lutaram para tornar realidade um movimento verdadeiramente salvador de uma região antes condenada a permanecer indefinidamente no abandono e no atraso incompatíveis com os mais elevados interesses não só dos seus filhos como do próprio Brasil.



SAUDAÇÃO AO PROFESSOR

AGNELLO BITTENCOURT

Agradeço, de início, ao eminente presidente MENDONÇA JUNIOR, a minha designação para saudar, em nome desta entidade, o homenageado. 4

Uma designação por demais honrosa, que envolve incumbência de caráter ao mesmo tempo intelectual e afetiva para mim da bancada amazonense, eis que se trata de homenagem tributada a um dos filhos mais diletos do meu Estado, onde pertence a uma família de luminosa tradição e à qual ele tanto deve.

Parece-me, pelo que já conheço desta Federação no convívio com seus ilustre membros, que o culto dos valores humanos, notadamente aqueles que se projetaram ou ainda mantêm destaque nas esferas da cultura e das letras nos diversos quadrantes do território brasileiro, aqui representados através de emissários das suas respectivas academias, é uma das constantes das suas atividades.

Esse culto tem o sentido específico de alertamento em torno às personalidades de nomeada no cenário mais amplo da intelectualidade nacional, mas adquire um conteudo de grande
expressão informativa quando lembra ou revela a atividade intelectual de brasileiros que pontificaram especialmente, ou com
mais constância, nas unidades federativas distanciadas desta
capital da Civilização Brasileira, que é o Rio de Janeiro contribuindo, apesar disso para o alevantamento cada vez maior do
edifício cultural do Brasil.

No caso do escritor AGNELLO BITTENCOURT, consagrado no conhecimento e na admiração dos seus coestadanos como o professor AGNELLO, ao lado da missão que me foi atribuida de interprete dos sentimentos desta Federação, me empolga, acima de tudo, a condição de conterrâneo do homenageado, professor emérito de várias gerações na sua terra e onde, durante o tempo que alí viveu foi o **primus inter pares** no rol dos amazonenses ilustres empenhados em propugnar o progresso cultural do Amazonas.

Assim é que já em 4/4/957, num artigo publicado no matutino A CRÍTICA, de Manaus, no qual tecia considerações sobre uma homenagem que a SOCIEDADE AMAZONENSE DE PROFESSORES então lhe prestara, coloquei em realce sua personalidade com as seguintes palavras:

"Homem de letras, intelectual e homem de cultura no mais rigoroso sentido da palavra, varão respeitável na sempre lembrada acepção plutarquiana, AGNELLO BITTENCOURT é, no Amazonas, porque entre nós esplendem os lampejos impressivos da sua seducente personalidade, um exemplo e um símbolo.

Exemplo de um espírito largamente cultivado e permanentemente devotado à causa da inteligência, por ele associada à da grandeza da sua terra que aprendeu a conhecer na sua configuração sócio-geográfica como poucos estudiosos do Brasil ou do exterior.

É ele, inegavelmente, o autor consagrado da mais completa corografia que já se publicou sobre o Amazonas, a respeito da qual é oportuno fazer uma sugestão à VALORIZAÇÃO DA AMAZÔNIA, se é que isso não faz parte dos seus planos, para que contrate com o autor uma nova edição revista e aumentada daquele seu precioso livro, inegavelmente o mais completo subsídio para um conhecimento do complexo sócio-geográfico deste Estado, por parte da sua mocidade estudiosa e dos seus intelectuais.

É exemplo, também, o professor AGNELLO, de um estudioso que estratificou uma larga cultura no melhor e mais harmônico sentido, cultura, a um só tempo, como aprimoramento de uma concepção dinâmica da vida e como capacidade de perscrutação dos valores permanentes que impelem o homem e os grupos sociais na senda elevada do seu destino, do que resulta ser ele um campeador das lides da inteligência sempre jovem em espírito, não obstante ser um septuagenário.

Mas, além daquelas fulgurantes qualidades, que se constituem num exemplo para as novas gerações, o consagrado escritor amazonense conquistou entre seus conterrâneos, através de edificante labuta de meio século, no magistério do Amazonas, a posição privilegiada de figura símbolo da sua classe.

É, assim, um grande mestre, que ocupa lugar preeminente no coração da sua gente, com uma honrosa tradição que representa admirável, duradouro estímulo para o nosso heróico professorado, na perseguição dos seus ideais.

A manifestação de gratidão ao grande professor amazonense foi, portanto, o movel por excelência daquela festa tão pura, tão límpida, tão espiritual, a que emprestou memoravel cunho artístico o talento da pianista exímia que é a professora MARIA AUGUSTA BACELAR recebendo por outro lado, fascinante relevo intelectual da palavra de ouro do Ministro WALDEMAR PEDROSA, outro amazonense que honra a sua terra, grande professor e padrão da cultura planiciária, com sua saudação ao homenageado.

ULISSES, filho do nosso querido professor AGNELLO, que o Amazonas igualmente estima e considera, presente à homenagem, dirá de viva voz aos seus irmãos AGNELLO FILHO e ANTÔNIO, lá nas plagas sulinas onde residem, ambos da nossa "velha" turma, e galhos hoje frondosos daquele portentoso jequetibá, o que foi o impulso afetivo da nossa gente, representada pela sua intelectualidade, nas manifestações de apreço tributadas ao seu grande pai. Manifestações a que estiveram presentes, entre outros, o nosso imenso ANDRÉ ARAÚJO, bem assim essa relíquia do nosso meio chamada Pe. Agostinho e, como representantes da geração mais nova, professora Jandira Martins e o professor João Crisóstomo de Oliveira.

Enfim, tivemos ôntem uma grande festa de inteligência e de arte em que se realçou, com a moldura merecida, a personalidade de um dos mais ilustres filhos do Amazonas."

Esse artigo foi reproduzido, como vêem, pelo caráter ou sentido de depoimento espontâneo que apresenta, refletindo na sua simplicidade, moldada no estílo jornalístico, aspectos dominantes da grandeza de AGNELLO BITTENCOURT no seu Estado.

Por desvanecedora coincidência, para mim, quinze anos aproximadamente decorridos da publicação daquele artigo, fui eu designado como um dos representantes da Academia de Letras da minha terra nesta Federação, justamente quando se tornara impossível, dada a sua avançada idade, aquele meu eminente conterrâneo participar das suas reuniões. E não me furto em relembrar o que eu disse, na ocasião em que juntamente com o acadêmico Carlos de Araújo Lima fui aqui tão amistosamente recebido, focalizando ainda a sua personalidade.

Disse eu, então:

"Constitui, realmente, esta oportunidade uma dádiva de Deus para mim, de poder lembrar neste momento esse exemplo de grandeza humana que é o professor AGNELLO, meu exprofessor no hoje Colégio Estadual do Amazonas, varão tão incorruptivel, tão sereno e realizado nos seus noventa e cinco anos de vida devotada continuamente aos mágnos problemas da inteligência na sua terra.

É bem verdade que, como BERTRAND RUSSEL, com ele vem se verificando o drama pungente do homem que ultrapassa o ciclo vital dos da sua geração e que, porisso mesmo, ao atingir o ponto culminante de uma gloriosa jornada terrena, defronta-se com um horizonte mental brilhantemente conquistado, mas do qual não participam os companheiros dos bons tempos da adolescência.

Compensando essa lacuna da sua paizagem interior assinale-se, todavia, que o ilustre educador amazonense, autor de alguns livros importantes sobre o Amazonas, porisso mesmo, amazonólogo do melhor quilate, admirado e até venerado pelos seus conterrâneos continua, na sua soberba longevidade, com uma lucidez impressionante no seu retiro do Jardim Botânico, atento ainda aos problemas culturais da terra natal longinqua, cujos movimentos culturais acompanha com incontida curiosidade.

Sua posse nesta confraria se deu em 1959, ocasião em que pronunciou belissimo discurso com o qual, num preito de gratidão da intelectualidade baré, retratou aspectos da marcante personalidade do escritor RAUL DE AZEVEDO, que o antecedeu como nosso representante nesta Federação".

Foi justamente naquela reunião que o Presidente Mendonça Junior, com o beneplácito dos seus pares, houve por bem conferir ao grande amazonólogo que é seu ilustre pai, Sr. ULIS-SES BITTENCOURT, o título de SÓCIO VITALÍCIO cujo diploma ides, como seu representante, levar às suas mãos:

Trata-se de diploma que ele juntará, como expressivo galardão, ao da recente publicação do DICIONÁRIO AMAZONEN-SE DE BIOGRAFIAS, formoso livro de sua autoria lançado nesta capital na semana retrazada pela Editora CONQUISTA.

Um galardão, repito, a que faz jus o grande intelectual amazonense pelo muito que fez na esfera elevada da intelectualidade em prol do progresso do Amazonas e como contribuição à cultura no nosso País.



PEDRINHO: LOUVORES DE UMA GERAÇÃO

Nossa geração muito se beneficiou da cultura polimorfa que fazia de PEDRO SEVERIANO NUNES, mais conhecido como "O Pedrinho", uma das mais cintilantes formações de professores do Amazonas. ⁵

Em duas fases do meu curso secundário aqueci meu espírito ao calor da sua luminosa inteligência. Primeiro, quando cursava o ciclo ginasial no então Ginásio Amazonense Pedro II. Lembro-me bem da terceira série em que Pedrinho era nosso Professor de Física. Alguns alunos desse grupo ainda me acodem facilmente à memória, como Caio Góes, Dayse Lima, Antônio Bittencourt, Gualter Braga, Álvaro Rubim de Pinho, para só citar esses. Era uma época em que ainda existia uma marcante discriminação, com certo ranço de privilégio, que levava a maioria dos professôres a ter preferência e tratar com mais consideração certos alunos, que colocavam nas primeiras filas, enquanto outros eram olhados com inegável e absurdo despreso.

A formação democrata do Professor Pedrinho, todavia, levava-o a encarar a todos com o mesmo olhar de simpatia, incutindo confiança por igual nos seus alunos.

Depois da fase ginasial, tive-o novamente como meu professor, agora de Psicologia, no Curso Complementar Pré-Jurídico, no Colégio D. Bosco. Já então, ao lado de um grupo que se sentia vivamente atraído pelos problemas das letras, pude observar melhor as facetas daquele espírito bem cultivado.

Não era Pedro Severiano Nunes, certamente, um Professor tipo máquina servil de repetição, a repetir indefinidamente conceitos muitas vezes vazios de sentido. Bem ao contrário, as suas aulas levavam sempre o cunho da sua personalidade, o sinête da sua cultura magnificamente estruturada. Não eram aulas propriamente para encherem a cabeça dos alunos, mas para despertarem idéias, incentivarem ao estudo, à leitura, à formação intelectual. Era ele, por isso, um professor erudito e ao mesmo tempo, brilhante, eloqüente, de prosa escorreita, de leveza ática. Não reprovava alunos. Tinha uma filosofia educacional própria, que o conduzia a ajudar o discente, por sabé-lo sempre em estado de ser modelado, de plasticidade que cumpria ao professor aproveitar, estimulando-o ao gosto pelo estudo. Era um humanista, não resta a menor dúvida.

Não conheci ninguém que não respeitasse e não quisesse bem a esse grande professor. Agora, de maneira inesperada e dentro de uma das suas características, que é ser traiçoeira, a morte o surpreendeu, pôs sua mão negra sobre o estimado mestre e levou-o. Manaus recebeu a notícia do seu passamento com verdadeiro impacto. E estas recordações, que estou arrancando com lágrimas nos olhos do arquivo de minha memória, é parte do resgate de uma dívida que julgo, com minha geração, ter para com ele, pelo muito que recebemos das centelhas da sua inteligência, sempre aberta à nova geração.

O grande mestre já não vive. De algum tempo para cá, ele vinha se deleitando nas fulgurações que sua inteligência e sua cultura derramavam no rodapé diário do "Correio de Notícias", jornal político, ligado à UDNA. Apesar de colocado, até o presente, em posição antagônica à sua, no cenário da política local, dessedentava-me a sede de arte na fonte cristalina do seu estilo. Mas esse prazer durou pouco. E já não vive o grande mestre, uma formosa cultura, uma edificante formação moral. Morreu e não terá de maneira alguma um epitáfio como aquele que Keats, poeta inglês, traçou para si: "aqui jaz um homem que tem o seu nome escrito na água".

É que o nome de Pedro Severiano Nunes, o fascinante Pedrinho, conquistou lugar de destaque na história da inteligência e da cultura no Amazonas.

UM VARÃO PLUTARQUIANO:

WALDEMAR PEDROSA

Na personalidade de Waldemar Pedrosa, os dotes da inteligência se harmonizam de tal forma com as virtudes do caráter, que é dificil uma apreciação a seu respeito que não revista um sentido de conjunto, de totalização, onde o homem apareça ao mesmo tempo, não só como um valor autêntico do pensamento uma cultura de primorosos lineamentos mas, ainda, como uma formação luminosa de admiráveis predicados morais. 6

O que primeiro impressiona nesse amazonense de espírito cultivado, no confronto dos homens da sua geração, especialmente em nosso meio, é o carater de permanência do elevado conceito que de há muito grangearam as suas peregrinas qualidades morais e intelectuais. Porque é justamente nesse carater de permanência, na continuidade de um renome adquirido por merecimentos incontestáveis, que reside uma das facetas mais surpreendentes da sua personalidade.

Raros são aqueles, de fato, que, como Waldemar Pedrosa, tiveram a felicidade de verificar que o tempo, esse implacável destruidor de ilusões e demolidor de falsas glórias, nada pôde contra um conceito e um prestígio firmados através de anos de dedicação às coisas públicas e aos supremos valores do espírito. Bem ao contrário, no seu caso, o tempo tem sido a verdadeira pedra de toque da invejável posição cultural e política que hoje desfruta.

Lembro-me que era ainda menino, frequentando os bancos elementares, quando comecei a ouvir falar dos dons de espírito do atual senador amazonense. Isto há mais de cinco lustros. Estava na fase da vida em que a sede de conhecimentos é insaciável e as coisas que se nos vão ensinando de um colorido encantador. Nessa idade infantil, a biografia dos grandes homens, colhida de preferência das páginas da história, excitando a nossa curiosidade e a nossa imaginação, tem uma grande influência na evolução do nosso espírito. E a tendência inata que temos para o mito, confere luminosidade e trancendência à vida dos nossos heróis.

Por outro lado, não menor é a nossa curiosidade e interesse com respeito aos seres humanos do nosso meio ou do nosso tempo, quando nos são apresentados aureolados ao menos por algumas das qualidades comuns àquelas outras figuras. E então eles se nos apresentam com um certo fulgor estranho, que só mais tarde iremos verificar que se confunde com o daquelas regiões encantadas onde Platão situava o reinado das idéias. Disso resulta uma admiração sincera e profunda, mas que não raro se transformará, com o despertar pleno da consciência e o desenvolvimento normal das qualidades do nosso espírito, numa surpresa decepcionante, que ainda mais se acentuará com o contato pessoal.

Dos intelectuais e homens públicos do Amazonas, é Waldemar Pedrosa um dos raros cujas dimensões íntimas continuam ainda agora, na esfera da minha admiração e apreço, de contornos tão vivos e fascinantes, quanto o foram aqueles com que o seu ilustre nome chegou ao meu conhecimento, há mais de vinte anos atrás, envolto num quase halo de legenda, na então pacata mas progressista vila de Manacapurú, por elé mais tarde elevada à categoria de cidade.

Aquela altura, certamente que não seria difícil ao advogado famoso, orador de raça, literato elegante, professor emérito e homem público seduzir a minha imaginação de infante ou de adolescente. Posteriormente, entretanto, quando as minhas preocupações intelectuais me ensinaram a selecionar os valores culturais passando-os pelo crivo da crítica dentro, naturalmente, de moldes consagrados, fiquei surpreendido e desvanecido de poder verificar a grandeza das dimensões do seu espí-

— 36 —

rito. É ele, realmente, uma personalidade marcante, onde os dons admiráveis da inteligência se conjugam perfeitamente com as magníficas qualidades de um carater sem jaça, um homem ilustre a todos os títulos, de seducente austeridade, personificando, perfeitamente, com as medidas do nosso tempo, as virtudes dos chamados varões plutarquianos.

Assim se explica, porque é no Amazonas o senador Waldemar Pedrosa uma figura largamente querida e admirada, digna de servir de exemplo às novas gerações. E foi reconhecendo as suas nobres e lúcidas qualidades, que os seus pares do Palácio Monroe, logo que ali penetrou com um mandato confiado pelos seus conterrâneos, acolheram-no como uma das figuras mais dignas das suas tradições e austeridade. Daí também as missões delicadas e honrosas que lhe têm sido atribuidas, de todas se saindo sempre com brilhantismo e sobranceiria, prestando assim os melhores serviços à nossa Pátria.

Tornou-se ele, hoje, sem dúvida nenhuma, graças à sua robusta personalidade, um dos vultos marcantes do cenário cultural deste País.

Por isso, este registro, que é menos uma incursão crítica nas qualidades de intelectual e na sua edificante biografia do que uma ligeira tentativa de apreensão das suas qualidades morais, vale como uma homenagem sincera ao grande senador conterrâneo.

Na verdade, se diante de uma montanha, de um rio, de um lago, de uma floresta, da beleza de um jardim florido, sabemos nos quedar ungidos de panteística admiração, como lembrava, certa vez, renomado pensador do nosso tempo, 7 por que não admiraremos, também, esse outro prodígio da natureza, ou melhor, da criação, que é um homem ao mesmo tempo grande e bom?



PERFIL DE UM POLÍTICO:

RUI ARAÚJO

Encontra-se em Manaus, há alguns dias, o dr. Rui Araújo, destacado procer do PSD local e, inegavelmente, no Amazonas, um dos mais respeitáveis baluartes desse partido. 8

Ao que se comenta, o prestigiado político amazonense retornou aos seus pagos para rever amigos, tomar contato com o seu eleitorado e tentar uma rearticulação dos quadros pessedistas dirigentes ,visando um apronto de forças para as próximas lutas eleitorais.

Homem de luta, altivo, dotado de impressionante rigidez de caráter, desambição pessoal, inflexibilidade de opiniões, coerência de atitude, serenidade, o ex-candidato ao governo do Amazonas possui, indiscutivelmente, uma sólida experiência de fatos administrativos e políticos recolhida na sua longa vida pública nesta terra, o que o capacita à posição de guieiro enérgico, sereno e experimentado com que é olhado pelos seus simpatizantes dentro e fora do PSD.

Rui Araújo, apesar de alguns penosos reveses políticos que tem sofrido neste Estado, em parte devido à sua alevantada consciência cívica, honestidade de opiniões e rigidez do seu caráter, continua a ser uma das mais autênticas reservas morais com que conta a atividade político-partidária do Amazonas. E, em momentos como este que estamos vivendo onde, de permeio com alguns valores da nova e velha geração de homens públicos, se mistura, nesta terra, a safra espúria dos mediocres e insensatos que vêem nos cargos administrativos unicamente uma oportunidade para a satisfação de interêsses pessoais, encarando-os como simples instrumentos de gozo particular, mais ainda ressaltam as virtudes morais do político pessedista, tantas vezes postas à prova nas diversas funções que exerceu na administração amazonense e, mais recentemente, na última legislatura, como nosso deputado federal.

Estas considerações, acentúo, não as estou tecendo como elogio encomendado, nem como profissão de fé pessedista e nem tampouco em virtude de qualquer vínculo místico de minha parte para com a sua pessoa. Mas, exclusivamente, à conta da minha sincera e serena admiração por um homem de bem, simples e honesto, em cuja personalidade é facil prefigurar admiráveis virtudes morais; que escalou as alturas do conceito lisonjeiro em que o situa a admiração dos seus concidadãos por uma estratificação paulatina mas segura de qualidades de caráter evidenciadas no correr da sua ora serena, ora tumultuosa, porém, sempre digna vida pública.

Os reveses eleitorais que tem sofrido, por contingências do nosso regime democrático, reveses estes, entretanto, que em nada contribuiram para deformar os traços marcantes da sua austera figura, lembram-me um político mineiro dos nossos dias, Pedro Aleixo, uma das mais sólidas expressões da into lectualidade política das Alterosas, o qual, não obstante, tem sido batido em alguns pleitos em sua terra e, por conseqüencia, após cada derrota, obrigado a voltar-se à simplicidade da sua atividade particular onde, com modéstia e altivez, retempera o seu espírito para novas lutas em prol da grandeza do seu povo. Assim é Rui Araújo, sempre o mesmo, resistindo impavidamente os bons e os maus ventos da fortuna política, sóbrio, sincero, altivo, incorruptível, incapaz de desencantar os seus amigos ou os simples admiradores das suas qualidades pessoais.

Vez por outra, ao cair da tarde, o encontro na Avenida, fazendo ali um pontinho, como no tempo em que era Secretário do Estado, na interventoria Álvaro Maia. É o momento em que dá uma prosa com os amigos e os homens de bem que exultam com a sua presença em Manaus. Diante dele, porém, não acredito que se sintam à vontade os ratos, os covardes, e os, indignos que se aproximam a título de amigos ou partidários, ou os que um pouco à distância percebem o seu perfil a semelhança de uma ameaça a vista nestes nossos tempos de incríveis defecções morais...



POLÍTICO EM FÉRIAS

Pereira da Silva encontra-se entre nós. Férias parlamentares? Não é bem isso. São férias por ele mesmo tomadas, aproveitando uma ligeira trégua nas suas assoberbantes atividades da Câmara. 9

A presença do simpático e combativo parlamentar em Manaus dá ensejo a que se faça, a traços largos, um ligeiro balanço da sua vida pública, ao fim do qual se é forçosamente levado a concluir por um expressivo saldo coletivo a seu favor. E esse resultado não deixa de ser bastante significativo nesta época em que os mandatários do povo vivem a passar continuados blefes na sua confiança.

Pereira, — o "Pereirinha", para os seus íntimos — tem sido eleito pelo voto espontâneo do eleitor amazonense em três legislaturas consecutivas para a Câmara Baixa do País., sendo um dos pouquissimos políticos desta terra que souberam se afirmar na admiração da nossa gente., durante esse período com conceito cada vez mais sólido.

Sua folha de serviços prestados ao Amazonas, de fato, a partir de 1956, como seu representante naquela casa legislativa, sem discrepar de uma sempre correta vida pública e profissional, quer ao tempo em que militou como um dos mais renomados advogados do Foro local, quer nos cargos da administração estadual exercidos a partir da revolução de 1930, é um exemplo edificante da sua destinação de bem servir os interesses da terra que o tem honrado com a sua confiança.

Pereira foi eleito, pela primeira vez, nesta terceira República, nas tumultuosas eleições que conduziram o general Dutra ao Catete. Formou na legenda do PSD, ao lado de Leopoldo Peres e outros. Isto em dezembro de 40. Em princípio de 46 estava ele, portanto, no Palácio Tiradentes, participando da Assembléia Constituinte. Ali se encontravam, também, vários representantes do nosso Estado, tais como Álvaro Maia, Waldemar Pedrosa, o saudoso Wivaldo Lima, para só citar estes.

Depois da elaboração da atual Carta Magna Brasileira, no correr da qual deu expressiva cooperação a Leopoldo Peres para que ele com o brilho sugestivo da sua palavra alcandorada pudesse interessar os demais representantes da Nação na inclusão do dispositivo que deu origem à Valorização Econômica da Amazônia, separaram-se as atividades das duas casas do Congresso. Os senadores foram para o Palácio Monroe e os deputdos permaneceram na sede das atividades específicas do seu mandato.

Daí por diante, a atividade do representante amazonense tem sido cada vez mais brilhante. Releva acrescentar, que, apesar de filiado desde a primeira campanha eleitoral que o elegeu às hostes do Partido Social Democrático, Pereira, não obstante, gozou sempre de muita simpatia da massa obreira que hoje integra o PTB. E isto, por duas razões fundamentais: em primeiro lugar porque, como procurador de uma autarquia no Rio de Janeiro, o Instituto dos Marítimos, seguindo as tendências naturais do seu espírito, foi sempre um defensor intemerato do trabalhador; por outro lado, havendo acompanhado Getúlio Vargas na sua arrancada revolucionária de 1930, manteve-se desde essa data até sua morte, amigo e admirador do grande defensor do operariado brasileiro.

.

Os projetos que Pereira da Silva tem apresentado visando os interesses do Amazonas e do Brasil em geral; sua luta para que os poderes centrais concedam à Valorização da Amazônia o apoio moral e material que ela necessita para cumprir as suas finalidades na região; sua atuação destacadíssima durante a elaboração do projeto de reclassificação do funcionalismo federal em geral, valendo-lhe respeitável nomeada na capital da República; sua atuação geral, multiforme e altiva no Palá-

cio Tiradentes, onde hoje está credenciado como o mais respeitável e combativo parlamentar do extremo norte, incluindo-se o Pará e, finalmente, sua participação na campanha pela eleição do presidente Juscelino Kubitschek, junto ao qual desfruta de amizade pessoal e de simpatia como parlamentar, são fatos indesmentíveis a evidenciarem o acerto do povo do Amazonas em colocar-lhe nas mãos dignas, durante três legislaturas seguidas, com ligeiríssima interrupção, um mandato federal.

Pereira, é assim, o político do Amazonas que não mentiu e não decepcionou o seu eleitorado. Sua folha de serviços é extensíssima. O número dos importantes projetos ligados ao seu nome dariam um livro se relacionados.

É um homem extraordinário. Dele se orgulham os seus correligionários. Sendo, porém, um lutador impessoal, cuja bandeira por excelência são os interesses do povo, Pereira não utiliza o trampolim partidário, ao qual é fiel unicamente por espírito de coerência, senão como um meio para desenvolver a sua atividade de carater coletivo, geral. E com essa sua atitude altaneira, da mais elevada consciências política, tem grangeado as simpatias gerais da nossa gente.

Pereira é um político que honra o Amazonas. É bom repetir, porque a verdade é que poucos dos que possuem mandados eletivos estão em condições semelhantes.

Ele agora está aí. É um homem pobre, porém, nobre.

O eleitor amazonense deve ir cumprimentá-lo, levando-lhe o seu abraço reconhecido e reafirmando a sua solidarieda-de a esse campeão indormido da luta que hoje, como ontem e mais do que nunca, ele deve prosseguir em proi da grandeza da boa terra.



MINHAS RECORDAÇÕES DE

ÁLVARO MAIA

Depois de assistir a missa de 7.º dia que o Senado Federal e a família de ÁLVARO MAIA mandaram celebrar na Igreja da Candelária em sufrágio de sua alma, um turbilhão de recordações me acorreu à mente, em torno à figura extraordinária que o Amazonas vem de perder. 10

Dizia Voltaire que devemos tratar os vivos com deferência mas, quanto aos mortos, nosso compromisso diz respeito somente à verdade. Isso, porém, nem sempre é possível. Deferência implica isenção de ânimo na apreciação, domínio emocional, serenidade e largueza de espírito. No caso dos intelectuais puros, dos cientistas, dos sábios, dos filósofos e tantos outros que ultrapassaram dimensões comuns pelas manifestações do intelecto e pelas suas obras, à margem da política, é possível a aplicação cabal da sentença voltaireana.

Os políticos propriamente ditos, ou melhor, aqueles que exercitam ou exercitaram ativamente a política partidária, sobretudo os de alta envergadura, em razão do seu envolvente poder de liderança, como foi a exercida no Amazonas por Álvaro Maia, são sempre homens providenciais, capazes de atrairem para a sua personalidade as mesmas correntes violentas e apaixonadas de admiradores, de seguidores fiéis e de adversários odientos e prevenidos. Julgá-los, por conseguinte, em vida, sob o calor do fogo cruzado de sentimentos contraditórios, é muito difícil. Foi o caso daquele grande amazonense.

Ainda perdura na memória do povo a lembrança da iníluência dominadora que o gigante de Humaitá exerceu sobre a sua e mesmo na geração mais nova dos seus coestaduanos. Uma influência de mais de vinte anos quase ininterruptos, em que polarizou as atenções e galvanizou a admiração e muitas vêzes o ódio dos seus conterrâneos. Apesar disso, ao contrário do que tem sucedido nestes últimos tempos a outros políticos brasileiros eminentes, desaparece agora sem, a rigor, ter experimentado o gosto amargo do ostracismo.

É que, grande demais foi o clarão que sua privilegiada inteligência projetou em sua terra e, por igual, a influência do seu grande poder político, graças ao qual foi por três vezes guindado ao comando do barco governamental, para que o seu destino fosse marcado pelo ocaso que surpreendeu no fim da vida outros grandes brasileiros. Nem mesmo o impacto provocado pelo calor de uma geração irrequieta e lutadora que lhe arrebatou o bastão do comando político, levou-o a experimentar a amargura que costumam sentir os homens públicos apeados do poder inesperadamente.

Bem ao contrário, tendo tido a sorte de assistir a maior revolução política por que já passou o País, com o movimento de 64, que cassou e marginalizou homens públicos eminentes dos mais diferentes quadrantes nacionais, aliás os de mais nomeada, como GOULART, JUSCELINO, LACERDA JANIO e tantos outros, o destino lhe concedeu a sorte de ser surpreendido pelas parcas implacáveis com a consciência tranquila, na simplicidade que lhe era peculiar quando fora do governo e com um mandato de senador outorgado pela sua terra, mandato que é, indiscutivelmente, um dos mais altos da República.

Minhas primeiras e impressivas lembranças daquele que, devido sua excepcional posição no comando político do Amazonas recebeu dos seus conterrâneos o apelido de "Tuchaua", símbolo baré da sua tumultuosa, brilhante e por tanto tempo vitoriosa carreira pública, se situam nos bancos ginasiais, quando aluno do outrora Ginásio Amazonense Pedro II.

Sua "Canção de Fé e Esperança" embalava, então, o espírito da juventude amazonense, como o Hino da Vitória de uma revolução que arrancara a boa terra da inércia em que a detinham governantes ultrapassados, menos por falta de merecimentos intelectuais, do que pela ação do tempo, que é inelutável e não se compadece com a cristalização improgressiva de moldes administrativos envelhecidos.

Álvaro Maia estava, então, como governante, no Palácio Rio Negro, pela segunda vez. Isso antes do golpe de 10 de novembro de 37. Cursava eu a 3.ª série do ginásio daquele educandário e a nossa turma teve a satisfação de ouvir dele a primeira aula da cadeira de português, de que era titular, presente também, além do seu substituto, Professor Augusto Rocha, do inspetor Júlio Neri, o diretor Carlos Mesquita.

Ouvimos todos embevecidos a aula prelecionada pelo literato que, ao lado de Leopoldo Peres, era considerado à época o mais fulgurante orador do Amazonas.

Sua fama e o seu prestígio eram, de fato, indiscutivelmente, notáveis, numa fase em que uma constelação de intelectuais como Adriano Jorge, Péricles Morais, Araújo Lima, Huascar de Figueiredo, João Leda, para só falar de alguns mortos, dominava com a influência da sua personalidade literária irradiante a terra cabocla.

Álvaro Maia exercia, realmente, sobre nossa geração de estudantes secundários um verdadeiro fascínio, através da sua oratória, em que a palavra límpida e envolvente, parecia que despendia chispas iluminando o nosso espírito, prendendo-o, magnetizando-o. Onde quer que ele fosse discursar alí acorria a mocidade adolescente ávida de ouvi-lo e de assistir embevecida o poder mirífico da sua palavra feita, em confirmação a uma conceituação de Latino Coelho, ao tratar da linguagem humana, para as amenas delícias do pensamento.

Depois da ditadura de 10 de novembro, continuou o prestígio intelectual de Álvaro Maia, a servir de escudo contra as investidas que, em relação à sua cidadela política, faziam os seus adversários perante Getúlio Vargas. Além disso, gozava ele de um apreço especial por parte daquele ditador, em virtude, principalmente, de ter sido, como se dizia então, professor de uma de suas filhas. Mas a verdade é que ainda dessa fase nos deixou discursos admiráveis com que mantinha acesa a chama de sua intelectualidade, jamais obnubilada sob a influência para muitos negativa da política partidária.

Nossa geração conservou, assim, do tribuno da palavra alcandorada uma impressão muito profunda e uma imagem favorável que, ligada à outra corrente da sua postura humanística e humanitária de governante, tradicionalmente conhecido como homem bom, tolerante e sem ódio, não obstante certas limitações oriundas da influência tantas vezes negativa do grupo que liderava, iria condicionar a atitude de respeito de que sempre foi cercado, fora dos entrechoques das campanhas eleitorais.

Sobre o aspecto político da personalidade do grande amazonense, agora, morto, difícil seria resumir, como no literário, as facetas da sua tão latitudinária atuação na admiração do Estado. Será tarefa em que poderão exceder-se amazonenses como Mário Ipiranga, tão notável pesquisador e conhecedor da nossa história, André Araújo, o sociólogo que tanto privou da sua intimidade intelectual e tanto o observou de perto, e tantos outros escritores que no Amazonas observaram e acompanharam sua tumultuosa e brilhante trajetória.

Mesmo assim, nenhum sentido positivo e sério teria a injustiça da negativa de alguns aspectos fundamentais da atuação dessa notável figura humana que vem de ser roubada ao cenário intelectual e político de minha terra, em favor da sua evolução, do seu progresso, da sua grandeza.

Algum leitor apressado, antes de esperar o fim destas considerações poderá arguir que nos meus 15 ou 20 anos de militância jornalística no Amazonas, jamais fiz um artigo tecendo, em torno da personalidade do grande Amazonense, o elogio que aqui estou fazendo, no realce das suas qualidades intelectuais e políticas.

Isso é verdade. Mas há uma explicação, que me apresso em oferecer, à guisa de justificativa. É que quando ingresseí, verdadeiramente, na atividade jornalística, através da tribuna

de "A Crítica" e com o apoio moral que sempre me dispensou seu diretor e proprietário, jornalista Humberto Calderaro Filho. tinha me afastado do P.S.D., partido a que pertencera logo apos sua fundação e reservara-me na minha terra o papel difícil de livre atirador, procurando, através de críticas e comentárica diários ou semanais em editoriais ou colunas próprias apreciar a atuação dos governantes e intelectuais amazonenses.

A essa altura, e a história dirá melhor do que eu, o governante Álvaro Maia havia formado uma escola de homens públicos no Amazonas que começava a entravar o progresso do Estado e que, como numa contraposição dialética, contribuia para a diminuição progressiva da auréola daquele que, com sua citada "Canção de Fé e Esperança" havia sido um dia o símbolo da renovação e da ressurrreição da terra querida. Foi isso durante sua última volta ao Palácio Rio Negro, para substituir Leopoldo Neves. Este havia sido eleito com a ajuda de Severiano Nunes, Vivaldo Lima, Aristofano Antoni e um grupo de novos que surgiu para o cenário político amazonense com Plínio, Aureo Melo e Paulo Neri à frente.

A administração do grande filho de Humaitá, nessa fase, burocratizava-se de uma forma enervante, amorfa, sem qualquer lampejo de benefício para a terra. Os problemas quer do Estado, quer de Manaus, os mais simples, desafiavam a atuação governamental. Havia, fora do grupo dominante, um anseio de mudança e urgia derrubar a inoperância estratificada em poder público. Verberei muitas vezes essa situação, convicto de cumprir um dever de defesa da terra comum.

Mesmo assim, apesar de aceitar a defender a necessidade de uma reformulação política no Amazonas, naqueles idos incertos de 40 a 50, com o domínio de figurantes mais jovens que pudessem catalizar uma mentalidade renovadora, jamais me passou pela idéia investir contra a sua honra pessoal e obscurecer seus méritos intelectuais e políticos tomando em consideração ao que o Amazonas lhe devia.

E tive ocasião de fazer sentir, com conversa amistosa com Plínio, quando este se preparava para desferir-lhe o golpe elcitoral com que desorganizou o grupo alvarista e o seu domínio

no Palácio Rio Negro, que era preciso ter cuidado de não atricar o chefe com veemência, pessoalmente, uma vez que a ele a nossa geração, cujos estudos tanto auxiliou, e o Amazonas, de um modo geral, muito deviam. Seria essa uma atitude de gratidão diante de quem, mesmo na ditadura, jamais oprimiu nossa gente.

Plínio, com aquela sua envergadura de predestinado de Humaitá para derrotar seu comunícipe, e com a clarividência de líder em ascenção, respondeu-me: — Isso que estás dizendo é verdade mas, infelizmente, o seu grupo só cairá se atacarmos o chefe de frente. O fim irá justificar os meios.

A verdade é que os meios para os fins visados, por mais elevados que estes fossem, extravasaram em retaliações e injustiças imprevisíveis. Até a aposentodoria do chefe derrubado foi objeto de absurda reformulação. E me lembro que em artigo assinado defendi as prerrogativas do grande professor do antigo Ginásio Amazonense, atitude que, tempos depois, me valeu um agradecimento público por ocasião de uma solenidade no mesmo colégio em que Álvaro Maia fora orador., em 1955 e eu ali comparecera também como professor.

O Amazonas acaba de perder, não resta a menor dúvida, um dos seus vultos de dimensões mais ilimitadas. Perde un grande homem de letras, um orador de linhagem excepcional. um político que encheu com sua personalidade marcante grande fase da sua história, enfim um dos seus maiores filhos em todos os tempos. Sua morte, como é comum, nos conduz à revisão de sua obra e a uma conceituação diferente daquela que fazíamos sob a influência de idéias perturbadoras do crivo da crítica, enquanto ele viveu e projetou a força da sua irradiante personalidade no grande estado nortista. E assim visto, a conclusão impõe-se imperiosa: a ele o Amazonas, muito deve o seu progresso atual. Foi Álvaro Maia quem preparou, no plano cultural e político, este envolvendo o administrativo, o caminho para a ação mais tarde revolucionária de Plínio e Gilberto. Não importa os exageros e erros que estes dois governantes tenham cometido. O governador Arthur Reis, por sua vez, construiu muita coisa positiva no terreno preparado pela ação dos seus predecessores em favor do progresso da terra. De igual maneira, a postura do atual governante Danilo Matos Areosa traduz-se no corolário de um processo histórico e atuante dos administradores que, anteriormente, trabalharam com as vistas voltadas para o desenvolvimento e grandeza do nosso Estado.

No plano propriamente literário, quer ao tempo em que a militância político-partidária e as atividades administrativas absorviam-no, quase por completo, quer nos últimos anos de vida, Álvaro Maia foi sempre portador de um devotado amor às letras, às quais procurou servir com a fidelidade de um predestinado.

Pode-se dizer que ele, depois que galgou posição de vanguarda nas letras amazonenses, aliás, desde muito moço, jamais deixou de servi-las, entusiástica e apaixonadamente. Daí o paralelo conservado entre o político eminente, na fase de dourada e tumultuosa atuação na cena pública e o literato privilegiado.

E, quando o estadista, cansado dos sucessivos e trepidantes embates eleitorais, ante inelutáveis imperativos biológicos e históricos, se viu conduzido a uma posição de participação mais discreta na política da sua terra, para assistir, por assim dizer, as águas rolarem, com mais lazeres sobrando-lhe para as labutas do espírito e as atividades propriamente intelectuais, ressurgiu no homem amadurecido e provido de notável experiência humana a preocupação dominante pelo pontificado das letras, através de uma constante produção literária.

Foi nessa fase, realmente, que Álvaro Maia mais produziu e melhor se afirmou como literato, numa consagradora justificação do seu antigo galardão de intelectual de excepcionais merecimentos.

Sua morte representa, sem qualquer condescendência ao chavão comum, uma grande perda para o Amazonas, ao qual ele serviu, ininterruptamente, por mais de meio século, com predestinação telúrica, inscrevendo vitoriosamente seu nome na galeria das suas figuras representativas, com aquela marca dos homens providenciais de que falavam Carlyle e Emerson.



O ADERSON QUE EU CONHECI

A campanha governamental seguia intensa e tumultuosa. Em Manaus como no interior do Estado. O PSDA, partido a que Aderson, Walder Pedrosa, Artur Virgílio Filho, Coriolano Lindoso, para só citar estes, e eu, pertencíamos, integrando a chamada ALA MOÇA, precisava realizar um comício em Manacapurú. Rui Áraújo era o nosso candidato. Foi isso em 1947. 11

Fomos àquela cidade numa caravana constituida por elementos daquela ala, mais o jornalista Djard Mendonça, o exprefeito Couto Vale e o senador Waldemar Pedrosa, entre outros. Foi uma viagem difícil. Tivemos um temporal pela frente na volta, num motor ruim. Álvaro Maia, o chefe pessedista, apesar de ainda continuar o chefe da política baré, estava fora do Palácio Rio Negro. E os puxa-sacos, os "amigos leais" do poder, donos de motores velozes e bonitos, antes tão prestativos e solícitos, não quiseram emprestar uma de suas embarcações.

Galgamos o Solimões assim mesmo, numa noite enluarada de sábado e atingimos a ilha, que ainda existia, fronteira à
sede do município, ao amanhecer do dia seguinte. Tínhamos
viajado como sardinhas em lata. Era muita gente, para pouco
motor. Tudo, no entanto, correu leve e divertido em meio à
verve do Djard, às estórias originais do Couto Vale sobre o tempo que esteve como tuxaua numa tribo de índios, e as anedotas espirituosas de alguns outros. Aderson e mestre Waldemar eram os fiéis da balança das duas gerações que tão brilhantemente representavam.

Não é preciso dizer que Manacapurú viveu naquele domingo um dos seus grandes dias e eu mesmo, seu filho, sentirame orgulhoso e envaidecido de voltar ao berço natal participando de grupo político tão expressivo. No comício, realizado em volta ao obelisco levantado na bela praça da cidade, justamente quando da elevação da antiga vila àquela categoria, graças à interferência do ilustre chefe da nossa caravana, ressalte-se, afora este último, foi Aderson de Menezes quem mais centralizou as atenções da grande assistência. Fez um discurso, como já se acostumara, empolgante, com a marca do líder jovem, de palavra fácil, culto, simpático, atraente, cuja aureola entre os da nossa geração, ninguém no Amazonas conseguiu arrebatar-lhe.

A primeira notícia sobre sua morte, ocorrida 23 anos depois daquele episódio político, chegou-me em casa, trazida
por um amigo ligado ao Amazonas. Disse-me que acabara de
ouvir a informação dada por pessoa de responsabilidade. E falou-me, também, da causa: um atropelamento, no CAMPUS da
Universidade de Brasília, de cuja Faculdade de Direito era professor. Foi uma notícia muito triste, que relutei em aceitar. Significava a perda de um bom amigo, um daqueles que conquistaram lugar cativo na nossa afetividade e um desfalque para a
cultura brasileira.

Fazia quase um ano que não o via. Mas, à distância, acompanhava as vitórias da sua inteligência bem cultivada, a que se aliava um caráter magnificamente formado, alicerçado nas boas e cristalinas fontes da educação familiar. Ultimamente, quando passava na frente da "ENTRELIVROS", livraria rescentemente aberta em Copacabana nas proximidades da Constante Ramos, onde moro, costumava dar uma olhada ligeira em alguns livros, seguindo o velho hábito dos meus tempos de acadêmico de direito em Manaus estimulado sobretudo pelo então juiz de menores André Araújo. E, não raro, deparava entre as coleções de especialidade jurídica, com o seu já consagrado "TEORIA GERAL DO ESTADO" e me sentia satisfeito por constatar nosso Estado tão bem representado no panora-

ma da cultura jurídico-sociológica do país, através da produção de um amazonense dos mais queridos dos seus conterrâneos.

Tenho a impressão e quase a certeza de que ele ainda viria a dar muito mais à literatura de sua especialidade, com a estratificação de conhecimentos e experiências hauridos nesta nova etapa de atividades na capital da República. E é preciso se ser um crente, um metafísico, um religioso, um católico, para se concordar com os desígnios de Deus impondo ao antigo e querido companheiro, admirado e conceituado, face, especialmente, as suas memoráveis tertúlias do pensamento, essa abrupta rutura numa linha de evolução terrena que se prenunciava cada vez mais promissora e brilhante.

PARTE II

CULTURA E LETRAS

NACIONAIS

O ADERSON QUE EU CONHECI

--- || ---

Entre mim e Aderson de Menezes, desde o tempo em que frequentávamos as aulas do antigo Ginásio Amazonense Pedro II, do qual éramos alunos, sendo ele um ano mais adiantado, na fase da diretoria do professor Carlos Mesquita, estabeleceu-se uma discreta relação de amizade. 12 Relação que desafiou, quando ambos começamos a galgar caminhos diferentes na vida prática, a ação dessoradora do tempo. Já situado na vida, com bom emprego, mas ainda solteiro, é sabido que ele gostava de uma certa boemia e dela participava sem máscara, com autenticidade. A atividade jornalística, o convívio com o batente de jornal onde conseguira o seu primeiro ganha-pão próprio. sempre foram em Manaus um convite a esse tipo de vida, aliás ligado a uma corruscante tradição deixada por famosos literatos brasileiros de todos os tempos, que eu achava sugestivo em alguns dos meus colegas ou amigos, mas a que, por temperamento e interesse pessoal sempre fui arredio.

Nesse particular, cheguei a constatar que a mesa de bar, em muitos, chega a formar e consolidar verdadeiras amizades; mas ao mesmo tempo, costuma colocar de quarentena aqueles que dela se afastam. Aderson, todavia, não era daqueles que procuram impor seu tipo de vida e suas predileções particulares aos seus amigos. Isto porque era um espírito superior, uma inteligência harmonicamente cultivada, sem recalques, um homem no melhor sentido.

Para os que não o conheceram durante o seu tempo de estudante, nos idos do seu curso no Ginásio Amazonense Pedro II, no Colégio D. Bosco quando da fase do Curso Pré-Jurídico e na Faculdade de Direito do Amazonas, por ocasião do curso de bacharelado, é interessante retraçar alguns aspectos do adolescente que sempre manteve um admirável poder de liderança entre seus colegas. E mais: um moço que constantemente procurou o sentido da sua dignidade. Desde os bancos ginasiais, aquele estudante vindo de Parintins, elegante de maneiras, bem aprumado no envergar a farda do velho Ginásio, falando e argumentando com desenvoltura, começou a despertar a atenção e a admiração dos que participavam da sua roda.

Terminada a fase do ginasial, fui encontrá-lo no Complementar no Colégio Dom Bosco. Era a época em que sobre esse educandário pairava a influência envolvente e quase seráfica do Pe. Agostinho. Já então se firmara a condição de líder estudantil brilhante conquistada por Aderson. E no seu espírito se consolidavam os pendores pela intelectualidade. O próprio corpo docente do Pré-Jurídico concorria para produzir na sua mocidade verdadeira efervescência intelectual. Augusto Rocha, Pedro Severiano Nunes, Arthur Reis, André Araújo, Mário Jorge e o fulgurante Leopoldo Peres, para só citar os mais entusiasmados pelas letras, constituiam estímulo irresistível a uma aventura nas regiões da cultura. E em Aderson notávamos o crescimento animador das azas que o iriam impelir aos produtivos vôos nesses domínios.

No final do Complementar e com a entrada para a Faculdade de Direito, a mesma a que ele, mais tarde, prestaria inestimáveis serviços como seu professor e diretor, um fato começou a preocupar-lhe. E a respeito, certa vez, desabafou em tom irônico para mim: — "É, Barroso, você não acha que essa história de ser brilhante, de receber elogios continuados, mas sem um emprego e com os bolsos vazios é agradável, mas desconcerta e até cansa"?

Concordei com ele e externei-lhe também minhas queixas, que eram as de toda uma geração que estudava com parcos

recursos, cada família dependendo de minguados caraminguás percebidos pelo chefe, geralmente como funcionário público. Era a época em que todo estudante andava duro, em Manaus, mesmo como acadêmico. O dinheiro que corria era pouco e os empregos que serviam, os públicos, só se conseguia com forte pistolão. Felizmente, houve um momento em que foram abertas muitas oportunidades, trazidas pela Lei das Desacumulações. E a primeira e expressiva chance para um grupo, a que eu também pertencia, veio com Colégio Estadual do Amazonas, novo nome do velho estabelecimento padrão de ensino secundário, sob a direção do então também líder jovem Machado e Silva. Muitas cadeiras vagas foram nessa ocasião preenchidas com professores contratados. Ao Aderson coube a de Geografia. Uma cadeira ingrata, na qual ele esteve pouco tempo, uma vez também que não era sua inteção ficar congelado no magistério secundário. Daí por diante, no entanto, o caminho estava aberto àquele que se tornara um dos valores mais positivos da sua geração. O jornal, de início, testou o poder de sua pena. A deputação e a cátedra deram oportunidade ao político e ao tribuno, bem assim ao mestre da geração mais nova, para comprovar seu poder excepcional de comunicação e liderança. Outras atividades e do maior destaque ele soube desempenhar, deixando em todas sempre a marca de sua personalidade realmente invulgar.

Anote-se, porém, que Aderson de Menezes aproveitou os cargos públicos e as missões que sua terra lhe confiou e, mais amplamente, o Brasil, através das suas atividades no magistério superior, para bem servi-los. E era desvanecedor vê-lo, então, como um verdadeiro catedrático do brio, da decência, da amplitude de visão na compreensão das coisas, de uma consciência humanística. Ele era daqueles que repeliam com altivez, partissem de onde fóssem, as missões tristes, visando a perseguição dos outros, injustas e até indecorosas, tão comuns aos govêrnos poliqueiros e de tão fácil acolhimento pela cínica subseviência de muitos.

Era um bravo esse ilustre conterrâneo que o Brasil vem de perder. Um lutador vitorioso de emocionantes batalhas em prol das boas causas públicas e das enobrecedoras conquistas da inteligência. Viveu e morreu possuido do ideal de bem servir ao seu Estado e à sua Pátria, com uma predisposição que já esplendia em centêlhas nos bons tempos da adolescência, que eu conheci e que aquí rememorei como um preito da mais sincera homenagem.

FARIAS BRITO — O FILÓSOFO BRASILEIRO

Raimundo de Farias Brito é uma das mais completas cerebrações filosóficas que já surgiram no Brasil. 13

Nasceu no Ceará em 1862, onde fez os seus primeiros estudos, diplomando-se em direito pela Faculdade do Recife. Depois de formar-se, voltou à sua terra natal, passando, então, a imprimir os seus primeiros trabalhos. No Ceará, exerceu também alguns cargos públicos. Começou pela magistratura, uma promotoria, mas logo enveredou pelo terreno político e administrativo do Estado, atingindo, por fim a sua secretaria geral, cargo em que teve de fazer frente às investidas apaixonadas dos políticos que com ele não simpatizavam, rebatendo a todos vigorosamente.

Já então, por volta dos fins do século, se havia dedicado quase exclusivamente ao estudo e à produção de trabalhos sobre assuntos filosóficos. São dessa época os trabalhos intitulados "A filosofia como atividade permanente do espírito humano" (1895) e "A filosofia moderna (1899).

Pouco depois, deixou Farias Brito a terra de Iracema e seguiu para o Pará, acrescendo aí a sua já expressiva produção literária, no campo da especulação filosófica, com a "Evolução e relatividade" (1905), e a segunda série dos "Ensaios sobre a filosofia do espírito" (1905).

A sua passagem pelo Pará assinalou-se por uma proveitosa e retumbante atividade cultural, empregando a sua múltipla atividade além da pena e da advogacia, na regência de uma cadeira na Faculdade de Direito e num curso de lógica que manteve no Ginásio Paes de Carvalho.

Tornara-se, a essa época, pela continuidade e pela paixão dos seus estudos, uma robusta e penetrante formação de pen-

sador. Na tribuna, como orador, igualmente se afirmava a sua personalidade, agitando os meios culturais da capital paraense com a força e o brilho da sua eloquência, ao mesmo tempo que alí também pontificava a palavra arrebatadora do famoso pregador sacro padre Júlio Maria.

A sua permanência no Pará, no entanto, seria rápida. A convicção do valor próprio, fortalecida ao impulso do êxito das suas obras, logo despertara no pensador cearense a certeza de que a metrópole seria o meio mais propício para o amadurecimento completo da sua cultura e para a projeção nacional dos seus estudos.

E em 1909 chegou ao Rio, para estabelecer-se definitivamente.

Foi então que tomou parte num concurso de lógica para reger a cadeira dessa matéria no Colégio Pedro II. Foi um concurso sério, em que teve como competidor Euclides da Cunha. Apesar da incomparavelmente maior projeção intelectual com que este último era conhecido no Rio de então, Farias Brito soube fazer valer a sua personalidade de homem afeito aos meandros da metafísica, conquistando brilhantemente o primeiro lugar no concurso e impondo-se imediatamente aos meios culturais da Capital Federal.

No Rio produziu ainda "A base física do espírito" (1912) e "O mundo interior" (1914). Faleceu em 1917, quando já havia firmado a sua obra, pasando à história da filosofia em nossa pátria como o seu vulto por excelência, como uma inteligência que para ela se voltou com aquele amor de que falava Pitagoras.

Farias Brito, foi sem dúvida um verdadeiro apaixonado da filosofia. É certo que, no seu tempo, não gosou da fama e do cartaz literário e cultural de escritores que tinham o nome aureolado pelo noticiário louvaminheiro dos jornais, muitos dos quais hoje estão completamente esquecidos. As suas obras e idéias, como assinala o padre Leonel Franca, por mais de vinte anos passaram, entre nós, quase despercebidas. A justiça da história, no entanto, teria que vir e veio. E hoje a crítica apon-

ta em Farias Brito uma das figuras de maior realce da nossa evolução filosófica, sendo para muitos o nosso maior filósofo.

A sua dedicação extraordinária à filosofia, as suas idéias, as suas obras, além da influência com que se projetaram na nossa cultura, serviram de estímulos para vários vultos das nossas letras, que também passaram a ver no prato filosófico o alimento capaz de elevá-los às mais altas e puras concepções da vida e do universo. É ainda o padre Leonel Franca quem, depois de fazer-lhes os mais altos e incontidos elogios e ao mesmo tempo as mais largas restrições, classifica-o de pampsiquista panteista. De qualquer forma, o que não se pode negar é ter sido ele um espiritualista, um idealista na mais exigente expressão do vocábulo.

Uma análise da sua obra e das suas idéias não comportariam estas breves notas.

Tempos atrás, os jornais e revistas espalharam a notícia de que a obra do grande pensador cearense, uma das sólidas expressões da cultura filosófica do seu tempo, ia ser objeto de cuidadosa edição. Isto, porém, ao que parece, ficou apenas em projeto.

É pena. Farias Brito precisa ser melhormente conhecido.

A sua posição é singular na história da nossa especulação filosófica, principalmente tendo-se em vista, como observou Tobias Barreto, que o nosso meio sempre se revelou avesso ao cultivo das idéias que fornecem, para a sabedoria, as grandes sínteses universais. A filosofia, no Brasil, sempre encontrou dificuldade para medrar.

Daí porque, a exceção de Farias Brito, por luminosa e atraente, é digna de ser o mais largamente conhecida, pois que certamente maiores seriam também as probabilidades de provocar a imitação com a qual só poderá lucrar a evolução da nossa cultura.



SILVIO ROMERO E A

CULTURA LITERÁRIA NO BRASIL.

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto, no Estado de Sergipe, a 21 de abril de 1851, tendo falecido no Rio de Janeiro, em 17 de Julho de 1914. ¹⁴

Espírito largamente cultivado, trabalhador infatigável, temperamento combativo, servido por admirável talento, Sílvio Romero ocupa lugar de remarcado relevo na história da literatura brasileira.

Foi um polígrafo de formidável operosidade, aplicando-se, com a mesma impressionante desenvoltura a penetração ao estudo da história, da etnografia, do direito, da poesia, da sociologia, da filosofia, da crítica e de tantos outros domínios da literatura e das ciências sociais.

Em todos esses setores deixou trabalhos de valor indiscutível que compõem uma obra da mais alta expressão a documentar a atividade de uma privilegiada inteligência voltada para os problemas da cultura e para as questões de interesse vital à evolução da nossa nacionalidade. Para atestar a fecundidade prodigiosa do seu espírito, basta que se cite: "A Poesia Contemporânea", "A Filosofia no Brasil" "Estudos de Literatura Contemporânea", "Machado de Assis", "Ensaios de Sociologia e de Literatura", "O Brasil Social", "História da Literatura Brasileira", entre mais de cinqüenta obras que escreveu.

Na crítica literária, entretanto, encontrou Sílvio Romero a atividade mais adequada para a realização da obra a que se propunha em prol da nossa cultura e do aprimoramento do nosso pensamento literário, sociológico e filosófico. E foi, de fato, um grande crítico, talvez o maior de seu tempo, ao lado de José Veríssimo, firmando-se nesse domínio com uma projeção tão relevante que até hoje enche a nossa história literária.

Sobre José Veríssimo, com quem geralmente é posto em confronto, levava ele a vantagem da cultura mais vasta e mais profunda. Em favor de Veríssimo, pode-se alegar uma maior serenidade e, talvez, coerência nos julgamentos. Sílvio era mais apaixonado, impetuoso, arrebatado, valente. Nada temia, nem encarava conveniências quando queria elogiar ou combater. Costuma-se dizer que olhava sempre as idéias e as obras que caiam sob o crivo da sua crítica em função da personalidade dos seus autores. Para ele não existia valor intrínseco ou peso específico nos trabalhos dos indivíduos que o seu capricho condenava. Isto, porém, pode ser levado à conta do seu temperamento de polemista franco e desabusado, sempre pronto a entrar na liça toda vez que a oportunidade se oferecia, para a luta clara, sem subterfúgios, de armas à mostra. E se é verdade que muitas foram as injustiças que praticou, quando, com o prestígio do seu nome e da sua autoridade, concorreu para evitar que muitas personalidades literárias de indiscutível merecimento adquirissem a projeção que faziam jús no panorama da nossa literatura, não é menos certo o número daqueles que não foram soterrados no esquecimento, não obstante o seu valor positivo, devido ao esforço de habilitação do prestigioso crítico sergipano. Nesta última assertiva se enquadra perfeitamente o caso de Tobias Barreto, seu conterrâneo e amigo, por quem tinha uma grande admiração. A projeção de Tobias Barreto na história da nossa cultura, sobretudo os seus esforços para nos fazer penetrar da cultura alemã, é em nossos dias assunto pacífico. Mas é muito duvidoso que assim o fosse sem o trombeteamento que em favor do nome do filósofo de Escada, morto como "pensionista da caridade pública", fez o seu conterrâneo.

Sílvio, diz Ronald de Carvalho, "é um dos mais nobres exemplares da cultura européia no Brasil".

Penetrado dessa cultura é que ele realizou uma obra de proporções agigantadas, que retrata o esforço admirável de um grande espírito consciente do seu predestinado papel.

Disso é uma prova exuberante, por si só, a sua "História da Literatura", com a focalização de idéias e homens em função das suas respectivas obras.

Depois do trabalho de Sílvio, fácil se tornou a tarefa de historiar a nossa literatura. "O trabalho de Sílvio — afirmou Medeiros e Albuquerque — foi prodigioso. O que ele encontrou — os livros de Ferdinand Wolf, de Sotero dos Reis e de Joaquim Norberto — bem pouco lhe serviu.

Em questões de sociologia, foi ele no Brasil, incontestavelmente, o mais entendido do seu tempo. Cabe-lhe bem o título de nosso maior sociólogo do século XIX. Neste particular, a vitória das suas idéias sobre as de Tobias, que negara a sociologia, foi indiscutível e brilhante.

Nos domínios propriamente das idéias, não se pode afirmar que Sílvio se tenha saído tão bem como nos da crítica e história literária, por si mesmos bastantes para lhe conferirem nomeada incontestável no nosso cenário cultural. Filósofo ele não o foi, no sentido de criador de sistemas originais, de desbravador ou mesmo de aperfeiçoador de campo ainda virgem ou pouco conhecido de doutrinas ou idéias.

"Filósofo foi-o também, mas incidentemente" — disse o Pe. Leonel Franca nas suas "Noções de história ya Filosofia".

É ainda desse insigne jesuíta, ao falar sobre Sílvio naquele seu livro, esta opinião: "Numa palavra, no tempestuoso mar das opiniões modernas Sílvio Romero foi um barco sem leme nem bússula. Vageou à mercê dos ventos dominantes, oscilou entre vagas e por fim submergiu sem deixar traços de sua passagem, sem sondar profundidades, sem descortinar novos horizontes."

Claro se depreende que essa conclusão diz respeito apenas às idéias do polígrafo sergipano passadas pelo crivo da crítica na base da história das idéias ou do pensamento filosófico. Sílvio, realmente, não deixou nem uma doutrina ou sistema filosófico, como também ninguém ainda o deixou neste pais. Encarado, porém, no seu tempo e em face das suas dificuldades, justamente quando era ele mesmo quem contribuia com Tobias Barreto para fazer conhecida entre nós a cultura alemã; encarado ainda pelo seu prodigioso esforço de penetração e dilucidação dos nossos múltiplos problemas culturais, inclusivé sociológicos, e pelos seus trabalhos multiformes evidenciando um acendrado amor às coisas da inteligência e do saber e um admirável poder de crítica e de reciocínio; encarado finalmente no papel que teve para o norteamento definitivo da nossa história literária, foi Sílvio Romero um barco mais do que seguro que singrou o mar das nossas cogitações literárias e de pensamento com a firmeza de quem estava realmente servido por uma inteligência e cultura das mais respeitáveis do seu tempo.

Ajustam-se, portanto, as palavras deste artigo ao espírito da homenagem prestada ao grande brasileiro pela Academia Amazonense de Letras na sessão solene que realizou no dia 21 do corrente, por ocasião da passagem do primeiro aniversário decorrido após o centenário de nascimento do genial crítico, e onde discursaram, sobre a sua inconfundível personalidade, os acadêmicos João Leda e João Mendonça de Souza.

GILBERTO FREYRE E SUA

VISITA A MANAUS

Vindo até Manaus, acompanhado da sua esposa e dois filhos, a convite do Instituto de Pesquisas da Amazônia, convite esse que lhe foi endereçado por intermédio do historiador e sociólogo amazonense Arthur Reis, o grande compatricio visitante, figura das letras e da cultura das mais marcantes e notáveis da sua geração que é Gilberto Freyre, já teve oportunidade de proferir para os nossos meios intelectuais duas aplaudidas conferências: a primeira, no auditório da Associação Comercial do Amazonas e a segunda, no salão de honra da Sociedade Beneficente Portuguêsa. O tema fundamental de ambas: a participação portuguesa na formação de uma cultura luso-tropical em diversas partes do mundo, antigo e moderno, notadamente na Amazônia brasileira. ¹⁵

Foram ambas as oportunidades mostras realmente convincentes que o grande pesquisador social do Recife, hoje considerado pela crítica como uma das mais respeitáveis figuras de sociólogo e antropólogo, dentre os que ocupam, no panorama científico e literário universal, a primeira plana nesses dominios de investigações e estudos, deu à nossa intelectualidade das suas verdadeiras e já tradicionais dimensões de homem de saber, de ciência e de estudo.

Aliás, convém lembrar que a geração de estudiosos que no Amazonas frequentou os bancos universitários e mesmo, ao tempo da Reforma de Ensino Francisco Campos, o Curso Complementar —, a partir de 35, foi uma geração impregnada das idéias novas que o sr. Gilberto Freyre trouxe para a interpreta-

ção da história social do Brasil, seus métodos de estudo, sua maneira de dissecar nossa estrutura social com verdadeira habilidade de fisiologista e anatomista, para revelar e explicar as tendências do nosso povo, seus hábitos, costumes, temperamento, predileções, qualidades, defeitos, como resultante também da miscegenação européia-afro-indígena, constituiam, para aquela geração, um galardão que dava ao nome do sociólogo pernambucano notável e seducente prestígio, um prestígio por assim dizer fascinante.

Não é surpresa portanto, que muitos dos seus admiradores daqueles tempos, que o conheceram depois de terem devorado insopitadamente a primeira edição de "Casa Grande & Sensala, quando não pelas aulas de literatura ou de português de um Augusto Rocha ou Leópoldo Peres, ou pelas aulas de história de um Arthur Reis, lá estivessem, no auditório da A.C.A., terça-feira última, para entrar em contato, não apenas com o pensamento vivo do mestre, através do trabalho de sua lavra, mas, especialmente, com a sua pessoa, em corpo e espírito, com a magia da sua presença física, para acompanhá-lo na dissertação de pensador emérito.

E foi justamente o que aconteceu, sendo-nos grato registrar no início da sua conferencia, os termos elogiosos e para nós amazonenses, de grande e inestimável significação, com que se referiu aos brazões intelectuais e morais do escritor Arthur Reis, por ele considerado um homem daquela estirpe rara e privilegiada que o Barão do Rio Branco costumava selecionar para a sua equipe de colaboradores e aos quais cometia as mais sérias incumbências de ordem cultural neste País. E perfilou a seguir, o historiador amazonense na linhagem de Euclides da Cunha e tantos outros, ressaltando a honra para o Amazonas de possuir no seu reduto de combate pela grandeza da terra, uma figura do seu porte privilegiado.

Teríamos de nos alongar muito, contra as limitações de espaço características desta coluna, se tivessemos de acompanhar, numa tentativa de reconstituição, ainda que focando angulos fundamentais, o tema segura e brilhantemente desenvolvido pelo consagrado escritor do Recife, perante o numeroso e

— 74 —

selecionado auditório que o ouviu na ACA. Sua conferência, entretanto, pode ser dividida em duas partes: a primeira em que ele faz considerações gerais, de ordem teórica e filosóficas, sobre a posição lusa no mundo e a filosofia que ditou a ação dos portugueses na era das conquistas, uma posição pragmática perfeitamente assimilável àquela que haveria de ser recomendada, ou caracterizada, séculos mais tarde, por William James ou John Dewey em referência aos americanos do norte. Neste particular, pelo que alcançamos da exposição do filósofo-sociólogo Gilberto Freyre, Camões, o gênio da língua portuguesa, é ainda mais do que isso, mais do que o seu poeta, por excelência, um precursor da concepção pragmática da vida, ou seja aquela que encara a verdade como norma de ação, precursor, bem entendido, como divulgador dessa orientação do pensamento e da conduta humana.

A segunda parte, a mais objetiva, mais sociológica e antropológica do seu trabalho, voltou-se, especialmente, para a fixação da posição do povo português como criador de uma civilização ou de uma cultura luso-tropical, com expansão não apenas nos domínios territoriais onde se tem feito sentir, no correr de séculos, a ação lusa mas, ainda, por todas as principais nações civilizadas do globo. E, neste particular, sua predominância, e suas vantagens, como colonizadores de áreas tropicais, a todos os demais povos europeus.

NA BENEFICENTE PORTUGUESA, falando perante um auditório mais restrito, retomou o ilustre sociólogo o ponto de partida que lhe serviu de temática na conferência anterior, no que diz com a colonização portuguesa nos paises e áreas territoriais batidas pela inclemência do clima tropical, tal como o da Amazônia, a respeito do qual confirmou a assertiva de outro escritor, chamando-o de "clima caluniado".

. . . . **.** .

Essa outra conferência, porém, teve um destaque maior, pelo seu valor cultural ligado ao nosso meio, do que a primeira. É que nela o admirável sociólogo teve a preocupação especial de focalizar a ação dos portuguêses na Amazônia, notada-

mente tendo por centro de irradiação as vizinhas cidades nortistas de Belém e Manaus.

No prefácio da 1.ª edição de "Casa Grande & Zenzala", afirmou o sr. Gilberto Freyre que: "Para o conhecimento da história social do Brasil, não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros, impondo-se, entretanto, muita discriminação entre os autores superficiais ou viciados por preconceitos — os Thevet, os Expilly, os Debadir — e os bons e honestos da marca de Lery, Hans Staden, Kister, Saint-Hilaire, Rendu, Martius, Burton, Tonelare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher".

Mostra-se o pesquisador, como se deduz daquelas cautelas, sempre rigoroso na seleção do documentário de que se serve para uma determinada pesquisa social.

Para o conhecimento do meio social amazônico, no que diz com a evolução social e histórica à base da participação do elemento luso na sua vida, o sociólogo, além das informações de viajantes que em várias épocas por aqui andaram, vem de utilizar um precioso e pitoresco documentário, por ele mesmo adquirido para o seu arquivo particular, como afirmou, na sua última e recente estada em Portugal; são os "cartões postais" enviados, no fim do século passado, e princípio deste, por portugueses que tinham vindo para a Amazônia, aos seus parentes da mãe pátria de além-mar.

Como frisou Gilberto Freyre, os "cartões-postais", com enfeites e vistas locais, eram meio muito comum através dos quais o imigrante luso enviava, de Belém ou de Manaus, suas impressões da terra e da sua nova aventura para os amigos e parentes distantes.

Estávamos, então, no princípio do século, com Belém e Manaus vivendo uma existência de cidades opulentas, verdadeiras metrópoles de mais de uma metade do Brasil, atraindo, com o dinheiro que nelas corria, seu comércio próspero, sua vida social e mundana, seus prédios, seus teatros, seu luxo, seu espírito, enfim, seu áureo esplendor, as atenções de todo o mundo. Dessa Manaus e dessa Belém é que falavam os mencionados "cartões-postais", que o sociólogo pernambucano

acaba de adquirir em Portugal. E falavam, como é claro, numa exaltação verdadeiramente chauvenista da terra, do seu meio social, da sua vida, do seu progresso, pondo água na boca dos compatrícios que os liam, embevecidos, lá do outro lado do Atlântico, com um desejo louco de aventurar-se, também, aqui por este El Dourado.

Não era outro, realmente, o entusiasmo com que pintava Manaus, com côres verdadeiramente resplandecentes e sugestivas, um luso chamado Virgílio, que no seu "cartão" revelava indisfarçáveis tendências para as letras, como observou o sociólogo.

Dentre os pontos mais interessantes dessa conferência, finalmente, queremos ressaltar, aqui, as informações que o escritor trouxe, no seu memorável trabalho, sobre a participação de elemento italiano na vida da região, aí pelo princípio deste século, participação que, apesar de interrompida, diante da crise calamitosa dos preços da borracha, deixou, notadamente em Manaus, marcas indeléveis e de grata recordação sobretudo na nossa cultura musical e nos requintes de arte de que o Teatro Amazonas é, sem dúvida nenhuma, apenas a sua expressão máxima.

Foi, por todos os títulos, uma noite memorável, a que viveu o salão de honra da Beneficente Portuguêsa, quarta-feira, com a presença ali de um intelectual e de um sábio da estatura do sr. Gilberto Freyre, de cuja visita devem se sentir honrados e desvanecidos os nossos meios culturais bem assim lusos e descendentes de lusos que nele têm, no panorama da cultura do mundo hodierno, um dos mais categorizados intérpretes da sua participação na chamada civilização lusitano-tropical.

RUI BARBOSA — FIGURA CICLÓPICA DA

CULTURA BRASILEIRA

Acabo de reler trechos do bonito e alentado livro de R. Magalhães Júnior sobre Rui Barbosa. 16

"RUI O HOMEM E O MITO", publicado em 1965, conseguiu, à época, sensibilizar alguns setores literários que lhe foram contrários ou não. Convém lembrar, para explicar certa receptividade encontrada pelo livro nos meios jovens, notadamente de esquerda, que o monumental tribuno deixou páginas de combate memorável ao comunismo, por ele encarado com a percepção ligada à sua época. Esse fato, por si só, deixaria margem hoje à abertura de um front em torno da autenticidade da sua luta no plano social. Qualquer que seja a restrição que se possa fazer a um outro ângulo da sua formação cultural e da sua personalidade restar-lhe-á, sem sombra de dúvida, um ativo formidável para ser levado à conta da sua contribuição extraordinária à cultura e à civilização brasileiras.

Daí não terem os rebates de Magalhães Júnior, apesar da sua nomeada literária, alcançado senão de raspão o alvo visado, sem atingir a pretensa revisão de uma glória concretada com o cimento inamovível da história.

Para mim, quer encarando Rui na sua aura mitológica, que é uma espécie de moldura dos gênios, quer no seu aspecto humano, o torpeador da sua glória, ao fim do seu trabalho, onde a pesquisa histórica e o valor literário se destacam, não conseguiu absolutamente alcançar o desiderato a que se propõe. E o que é pior: deixou uma impressão negativa e desoladora, ao procurar apequenar, através de conceitos sem profundidade, um dos mais respeitáveis representantes da nossa espécie nascidos em terras brasileiras. Isso numa época em que o exemplo de Rui deve-se fazer presente para os jovens das escolas como para os que respondem, nesta hora, pelas magnas tarefas de conduzir a nacionalidade para o futuro.

Mas isto aqui não é uma apreciação sobre o livro de Magalhães Júnior e sim uma tentativa, sob a sugestão da sua leitura, de reviver alguns aspectos da vida e da personalidade do nosso grande patrício nascido na Bahia, num momento em que o exemplo do seu incendiante patriotismo mais deve ser lembrado às novas gerações. Nesse sentido é que prosseguirei justificando o título dado ao presente trabalho.

Foi Rui Barbosa, sem dúvida, o profeta por excelência da nacionalidade. O profeta da nossa democracia.

Ninguém como ele, de fato, reuniu e sintetizou. transformando-as em valores simbólicos pelo cadinho de uma personalidade que era toda cintilações geniais, as virtudes mais esplendentes da raça. Rui é figura ciclópica, de legenda. Há que distinguir nele, porém, para uma mais exata compreensão do destino profético da sua mensagem o fundo permanente do seu espírito de iluminado, das suas manifestações meramente formais. Há que distinguir o Rui - uma consciência com a intuição divinatória das mais puras tradições da Pátria, o prescrutador maravilhoso dos seus gloriosos destinos, do Rui, gigante inconteste da nossa literatura, prodigiosa organização verbal que, como assinalou Sílvio Romero, está para nós como Vitor Hugo para a França; há que distinguir, de resto, o Rui orador, o político, o poliglota, o jurista, o advogado, o estadista e todas as demais facetas da sua personalidade em que transpareceu, sempre com igual fulgurância, a sua robusta e inconfundível estrutura mental. Todas elas, porém se completam como suporte do seu magnífico apostolado de profeta que trouxe para o seu povo a mais luminosa e mais séria das mensagens, pois que o seu verbo refletia a própria consciência da pátria num brado de alerta em torno da sua grandeza e pelas suas mais elevadas reivindicações. Por isso mesmo, o grande agitador de consciências, o iluminado e corajoso combatente das causas nobres, é um dos poucos profetas que continuam vivos, bem vivos, na nossa lembrança.

Um diploma, acima de todos, que aliás bem pode resumilos, lhe assenta à maravilha — o de estadista, o "Estadista da
República", como já o notara com grande felicidade um dos
seus mais autórizados biógrafos, o seu ex-discípulo João Mangabeira. Como estadista é que casou magnificamente a sua invejavel cultura a uma inigualável coragem cívica, para nos
transmitir a sua mensagem, mensagem de amor à pátria, às
suas tradições, aos seus ideais de grandeza e de aprimoramento de todos os valores morais, políticos e culturais. É como estadista, enfim, que se eleva às alturas alcandoadas do maior
profeta do seu povo.

Diz-se que a era dos profetas já passou. Talvez por isso seja Rui o último dos nossos. Não importa. A sua mensagem aí ficou, como um fanal de esperanças a iluminar o fundo trêmulo deste Brasil revolvido pela incerteza, pela descrença e pela tibieza daqueles que descrêem dos grandes destinos históricos que temos a cumprir. O seu exemplo e a sua mensagem poderão, em nossos dias, servir de guias seguros, capazes de nos levar sem hesitação e com coragem à meta da luta pela nossa maior grandeza.

Rui era uma cultura universalizada. Sem dúvida a maior que já possuímos. Como humanista, acreditou sempre na superioridade do espírito sobre todas as agitações da matéria, no primado da inteligência sobre as forças rudes da natureza, na supremacia dos valores permanentes da civilização em relação aos dados transitórios do espírito. Foi um grande que nunca traiu a si mesmo, nem àqueles para os quais doutrinou, transmitindo o calor da sua irradiante personalidade. Homem de prodigiosa cultura, não chegou a ser, entretanto, um filosófo, no sentido exigente do termo. Os seus olhos de capacidade perceptiva semelhante à da águia, não se detinham sobre a noite insondável dos mistérios da vida e do mundo, para arrancar a trama de concepções metafísicas, à maneira de um Pla-

tão ou de um Schopenhauer. Mas era, em compensação, um pensador de estirpe como o foram Cícero e Goethe.

Na literatura, a sua grandeza é poliédrica e a sua produção exuberante. Do prosador e do purista da língua, basta citar para título de glória essa monumental "Réplica"; do jurista, o nosso Código Civil, obra a que imprimiu a marca dos seus avantajados conhecimentos linguísticos, do advogado, um labor ininterrupto de decênios, onde, acima de tudo, é sempre defendida a essência eterna do direito; do tribuno, por onde se derrama a torrente inexaurivel do seu verbo candente, é suficiente mencionar a escalada às culminâncias de Haia, impondo ao mundo o prestígio desta Pátria; do jornalista e do político, o esplendor do seu apostolado.

A grandeza de Rui é perturbadora. Como orador, emula com Desmosthenes e com Cícero, situando-se no plano dos maiores oradores do mundo em todos os tempos. O seu destino, porém, confunde-se com o da pátria, de cujas virtudes se tornou um verdadeiro catalizador. É que Rui ensinou o Brasil a conhecer melhor a sua grandeza e a seu povo, como preservála e aumentá-la até atingir sua meta final, seu destino teleológico. Eis porque o seu papel de profeta se realiza melhor no estadista, que é igualmente soberbo nos momentos de crise como de triunfo. As causas de Rui eram, de fato, as causas do povo e este sentia que quando estava em jogo a sua consciência, era ele mesmo, o povo, a nação, representada pelas suas camadas mais significativas, que se revia no seu profeta. É quando o seu verbo inflamado adquiria as ressonâncias de uma clarinada de alerta. Cite-se, por exemplo, a campanha civilista na qual Rui polarizou os mais profundos e ferventes anseios democráticos da nação, moldando, no calor do seu verbo incandescente, a imagem pura dos ideais de um povo amante da liberdade. Desses ideais, ele tornou-se intérprete por excelência. Daí o significado supra temporal da sua palavra nas lutas que fez desencadear ou de que participou como vanguardeiro em prol das nossas liberdades públicas, defendendo indormidamente e sem trégua o regimem, sempre que ameaçado na sua estrutura e na sua integridade, ou na da Pátria em qualquer dos

seus aspectos, onde não raro se confundiam, harmonizando-se na mesma pessoa, o precursor e o visionário.

O sentido dessa luta é que é preciso avivar na mente das novas gerações, uma vez que as mais antigas, com raríssimas exceções, não se tem sabido portar à altura do plano que era a categoria vivencial da famosa "Águia de Haia".

Nosso tempo é menos propício às tentativas de desmitização de Rui do que às de revivificação ou reformulação positiva da sua grandeza humana ou mesmo mitológica.

Temos de ir buscar nele o exemplo, encarando suas qualidades válidas, seus predicamentos de inteligência, suas alcandoradas virtudes morais no cenário do seu tempo, procurando fazer para o nosso a projeção irradiante da sua personalidade no que pode ser ultizado em benefício do Brasil, dentro do espírito da época em que vivemos. Porque foi Rui, indiscutivelmente, um dos brasileiros que conceberam a forma mais alta de amor e dedicação à patria. E tanto o seu fulgurante apostolado como a sua ação edificante a serviço da Pátria, e das mais elevadas categorias do espírito, continuam, porisso, uma fonte inesgotável de inspiração e de exemplo para as gerações que lhe sucedem.

PARTE III

CRÍTICA

ESTUDOS DE SOCIOLOGIA — de

ANDRÉ ARAÚJO

Inúmeros são os fatores que concorreram para tornar a intelectualidade do extremo norte quase despercebida dos outros centros culturais do País. 17. Não adianta discuti-los, porque eles aí estão, aos olhos de todos nós, imperiosos, dominadores, aniquilando as melhores reservas da nossa capacidade de sentir e pensar, em dia com o espírito do nosso tempo. Se a literatura é, como que De Bonald, a expressão da sociedade, o que podemos esperar dentro do círculo de incubação fronteiriça em que somos mantidos por força desses fatores? Pondo de lado o aspecto unilateral desse conceito de literatura, mesmo assim, ainda podemos aproveitá-lo para a conceituação e interpretaão da fase que está vivendo este Estado nortista com os seus homens de letras e de pensamento na sua major parte desconhecidos fora das nossas lindes, fato que nos leva à consideração de que o Amazonas, nesse sentido, é uma espécie de país dentro de outro.

Mas a verdade é que, se somos pouco conhecidos lá fora, no mundo das letras, é mais por falta de condições extrínsecas favoráveis do que por deficiência de valores voltados para as meditações do pensamento científico, filosófico, sociológico, artístico ou literário propriamente dito. Através da nossa existência histórica, não tão curta, a começar pelo poeta Tenreiro Aranha, cujo nome, corre pelas páginas de antologias, o Amazonas e, notadamente, Manaus, a meca das suas letras tem sido, sem solução de continuidade, um cenário propício ao florescimento das mais primorosas inteligências em todos os gê-

neros literários. E atualmente grande é o número de intelectuais da nova e da velha guarda que pelo seu talento e cultura, formada ao influxo das mais avançadas correntes do pensamento literário moderno são o mais autêntico e esmagador desmentido àquela pilhéria ouvida pelo escritor Sebastião Norões, em sua viagem recente ao nordeste, num serão literário em que tomou parte em Fortaleza, onde se encontravam, reunidos elementos dos mais representativos das letras dessa cidade, escritores em trânsito por ali e a conhecida e consagrada escritora cearense Raquel de Queirós.

Talvez a pilhéria seja pouco conhecida ainda. É bom contála.

A conversa la animadíssima naquela reunião elegante e de confraternização e aproximação de intelectuais. Romancistas, contistas, poetas, pintores, cientistas se confundiam dominados pelo tom de envolvente e encantadora espiritualidade que se espalhava no ambiente. O escritor Sebastião Norões fora apresentado aos demais: — é poeta, do norte, lá do Amazonas.

- Do Amazonas…?
- A conversa, agora, girava em torno do movimento literário nos mais variados estados da Federação, especialmente da contribuição exuberante e nervosa dos intelectuais moços que se vêm agrupando numa onda de reação ao indiferentismo dos nomes consagrados, veiculando a sua atitude de combate principalmente por meio da imprensa e de revistas.

Falava-se do Pará, do Rio Grande do Norte, do Piauí, dos estados do nordeste, de São Paulo, de Minas, de Mato Grosso e menos do Amazonas.

É quando alguns do grupo se voltam para o poeta Norões e perguntam:

— Afinal, e vocês lá, o que fazem, não se ouve falar em vocês. Vamos ver ao menos se vocês nos acompanham. O movimento dos novos está explodindo por toda parte. É preciso sair dessa inércia. Que é isto?

É claro que o nosso poeta ensaiou as suas justificações, que naquele momento pouco podiam ser levadas a sério. É

quando interveio a escritora Raquel de Queirós, com uma solução.

— Olha, meu caro, o Amazonas está intimamente ligado ao Ceará. A terra de vocês está cheia de cearenses que a querem como ao Ceará. Vocês estão muito moles, nada produzem. Vejam se nos acompanham. Descobri: vamos fazer de Manaus um subúrbio de Fortaleza. Pronto.

Manaus, um subúrbio de Fortaleza... O que será, estão, do Rio ou São Paulo? Boa pilhéria.

Foram essas reflexões, que evidentemente não traduzem a realidade do nosso meio literário e muito pouco se aproximam do que há de verdadeiramente fulgurante na atual geração de intelectuais do Amazonas, que nos acudiram ao espírito quando acabavamos de reler um dos capítulos do livro que André Araújo há poucos meses atrás ofereceu às letras amazonenses, num verdadeiro e titanico esforço de publicação, pela biblioteca da "Escola de Serviço Social de Manaus". Mas as reflexões logo cederam lugar às idéias que o livro nos havia sugerido, através da leitura de seus capítulos, alguns dos quais, como o discurso em homenagem a Araújo Lima, verdadeiramente cintilantes.

O livro de André Araújo, como muitos outros que ultimamente têm sido publicados em Manaus, inclusive "Verdade Contra Verdade", desse simples e brilhante jornalista nordestino que é Adauto Rocha, provoca na nossa afetividade e na nossa inteligência pouco inclinada, ou melhor, quase nada inclinada a aceitar a pilhéria de Raquel de Queirós, em que pese o seu humor, uma sincera e transbordante admiração.

"Estudos de Sociologia" foi arrancado quase a pulso do ineditismo em que se encontrava ao lado de vários outros que o autor ainda não se encorajou a trazer à publicidade. Porque, poucos são aqueles que em Manaus podem arrostar as dificuldades da publicidade de um livro. Vivemos muito distantes dos centros distribuidores do sul, que absolutamente não se interessam pelos livros publicados nestas paragens. É o caso de perguntar, e porque não mandou o livro para ser publicado na Metrópole? Mas à resposta vem facilmente: Porque, lá na Metrópole, para se publicar livros ou melhor, interessar os edito-

res na sua publicação, é necessário alí estar ambientado, o que vale dizer, para lá ter seguido, deixado o seu Estado distante e, depois da trabalheira de viagem e de adaptação, perder o contato com ele. Quem vive aqui e sem ligação com o meio publicitário metropolitano, tem que publicar seus livros é aqui mesmo. E a verdade é que Manaus não oferece mercado para os autores sem fundo financeiro e, mesmo sem se ser marxista, chega-se à conclusão que nesse sentido ainda esperamos por melhores dias.

A personalidade literária de André Araújo já é por demais conhecida em nosso meio. Homem de vasta cultura, jornalista, orador, conferencista, sociólogo, jurista, pedagogo e pensador cristão da escola de Maritain, em seu espírito, onde se joeiraram as mais brilhantes qualidades de inteligência e de coração, domina, configurando uma constante da sua vida, o homem dedicado às causas do reajustamento social. Daí sua predileção pelos problemas da infância abandonada e do homem marginal. Assim se justifica, igualmente, ter ele preferido entres outros livros, prontos para serem dados à publicidade, de feição mais nitidamente literária, como "DOSTOIEVSKY — UM IRMÃO MISTICO NO DESESPERO" — a presente coletânea de trabalhos que está sendo objeto desta apreciação.

André Araújo pertence à estirpe de escritores católicos que no Brasil seguindo o exemplo de Jackson de Figueiredo, Perilo Gomes, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde e outros, compreendem a atividade literária, em grande parte, como veículo de comunicação e transparência das idéias hauridas nas fontes inesgotáveis do cristianismo. Para eles nada mais inoperante do que o conceito literário de arte pela arte. Cada homem possue o seu universo mental, ou seja, uma trama de idéias e concepções em torno das quais gravitam todas as suas demais preocupações, o farol que ilumina o caminho da sua existência. Para o cristão, na sua experiência terrena de preparação para a vida sob-humana, o seu universo é o cristianismo, que não comporta na personalidade mais do que uma atitude: a atitude cristã. Viver, antropológica ou psicologicamente, é marchar em busca da realização e do aperfeiçoamento dessa atitude. Den-

tro dela, o escritor cristão, antes de ser escritor, tem que ser substancialmente cristão.

Agindo e escrevendo dentro desse sentido da existência, André Araújo é desses escritores que fazem da sua pena não somente um instrumento a serviço de criações para gozo exclusivamente estético, mas uma arma de combate, pela causa do bem, da felicidade coletiva.

"Estudos de Sociologia" contém páginas admiráveis, pela beleza das idéias que nele se espelham, como pela erudição e pelo tom de convicção que as animam. O estilo é simples, por vezes despreocupado, mas a linguagem é eurrítmica, elegante. Não há dúvida que em algumas páginas, como nas do capítulo "Agonia do pensamento contemporâneo", o autor esclarece menos do que pretende com seus gritos lancinantes, verdadeiramente ensurdecedores. É uma tése com a qual absolutamente não estamos de acordo, tanto que já em outra oportunidade defendemos ponto de vista completamente oposto. Isto, porém, é um ponto de vista nosso e em nada diminui o valor do livro que é, incontestavelmente, o de um pensador e um sociólogo, além do mais, um moço no sentido da inteligência, de uma inteligência que ele soube colocar magnificamente a servico da luta pelas reivindicações sociais, no plano das idéias hauridas na doutrina social da IGREJA.



"VERDADES CONTRA VERDADES" - de

ADAUTO ROCHA

Não conheço, porque não me foi dado lê-las, as diversas opiniões dos intelectuais desta terra que se pronunciaram em letra de forma sobre o livro "Verdades Contra Verdades", de Adauto Rocha. 18

Trata-se de um livro publicado em 1948, constituído por uma coletânea de trabalhos nos quais o autor, com honestidade, brilho e lisura de propósitos, versa assuntos variados, e a respeito de cujo aparecimento não poderia ficar indiferente a critica baré. E não ficou. Segundo fui informado, vários foram os pronunciamentos dos nossos intelectuais a seu respeito.

Não emprego aqui a palavra crítica, entretanto, senão no sentido mais elástico que a palavra comporta, tanto é sabido que nosso meio de há muito se vem ressentindo da presença de um crítico com exercício efetivo da sua função, dando-nos a nítida e desoladora impressão de que presentemente não temos um crítico no Amazonas. O caso do Sr. Péricles de Moraes, que certamente será apontado como refutação, de modo algum serve para invalidar o que afirmo. Estamos, de fato, diante de um homem de letras ilustre, de um beletrista de notáveis merecimentos, que se transformou hoje numa espécie de patriarca das letras amazonenses. Mas para a nova geração, no que tange ao seu pontificado crítico, o Sr. Péricles de Moraes não passa de uma figura representativa do passado, do seu e do da geração sobre a qual ele fez sentir com a força e a fulguração cuja fama conhecemos mais por tradição, a influência da ati-

vidade que celebrizou Saint-Beuve, Sílvio Romero, José Veríssimo e tantos outros de renome pátrio ou universal da história literária. É isto sim, um escritor que sabe prezar, com altivez e dignidade, os brazões conquistados em outros tempos. Ao atingir a idade do fauteil, transformara-se numa espécie de mecenas da inteligência, hoje sempre pronto a conferir por méra prodigalidade dons e qualidades literárias a quantos. Acácios e mediocridade parecidas consigam a vibração favorável das cordas da sua sensibilidade, a muitos destes conduzindo mesmo à galeria da imortalidade acadêmica. Esta, como é claro, não é a função do crítico.

A ausência de críticos ou de um crítico ao menos, com autoridade para o exercício dessa função, se reflete desvantajosamente na vida literária desta terra. "Onde falta uma crítica avisada e fecunda — diz Tristão de Atahyde no seu "O Crítico Literário" — faltam as obras de criação original. Estas precisam daquela, como um ser vivo precisa de oxigênio para viver". E essa falta no Amazonas é de se lamentar sobretudo quando é evidente que não vinguem aqui intelectuais de formação cultural e literária das mais indicadas para o desempenho dessa atividade. Se quisesse citar nomes, bastaria, entre outros, apontar o do Sr. Aristofano Antony, que poderia, entre nós, com autoridade e aplaudida desenvoltura, manter um rodapé semanal de crítica literária, no seu ou em outro jornal de Manaus. Com isto se beneficiaria muito a nova geração.

Não sei o que disseram os outros sobre o aparecimento de "Verdades Contra Verdades". O que inicialmente deve ser destacado, são as dificuldades com que se defrontou o seu autor para publicá-lo, num meio onde a atividade editorial encontra toda sorte de entraves e obstáculos. Este já é um aspecto pelo qual o livro do Sr. Adauto Rocha se credencia à acolhida simpática dos intelectuais desta terra. "Verdades Contra Verdades" constitui, inegavelmente, um repositório apreciável de dissertações sobre alguns temas de palpitante interesse para o público ledor. É bem verdade que logo se percebe, ao percorrer as suas 247 páginas, que não se trata de um livro destinado a ficar, pois que representa mais uma indicação do que nos

— 94 —

poderá ainda oferecer o talento literário do autor em publicacões sucessivas, que certamente virão. É que, a par das indiscutíveis qualidades desse livro verifica-se sem dificuldade alquns defeitos que poderão ser supridos futuramente, mas que o prejudicam sobretudo. Dentre estes, posso destacar as páginas das suas "Reflexões", por onde se vê que o autor, dominado por uma inquietante procura de si mesmo, do seu aperfeicoamento moral e intelectaul e em meio a uma luta até o presente inglória contra as circunstâncias sociais mais desfavoráveis que lhe cercam a existência, jamais nos poderia dar senão uma visão deformada da realidade. Dominado por um pessimismo cinzento, comum mesmo nos introspectivos, as "Reflexões" do Sr. Adauto Rocha representam menos uma filosofia sadia da existência, do que a visão amarga de um desencantado, que, apesar disso, ainda pode perfeitamente superar-se, pois que a isso lhe auxiliarão a sua inteligência atilada e a sua idade ainda jovem. As suas "Reflexões", talvez com mais cuidado digeridas pelo autor e separadas para uma publicação aparte, ficariam melhor situadas.

A nota que perpassa o livro, do princípio ao fim, é sempre a de cáustico pessimismo, absolutamente incompreensível num autor de leituras tão largas e variadas, num espírito razoavelmente cultivado como é o Sr. Adauto Rocha. Mesmo assim, as qualidades positivas do autor continuam de pé, dando realce a diversos ângulos de "Verdades Contra Verdades". Entre estas, destaco a segurança do estilo, que dá brilho ás suas dissertações e o gosto pela discussão dos assuntos da major seriedade, que faz vislumbrar no seu autor uma autêntica vocação de ensaista. E já que demonstra uma tendência irresistivel para o trato das questões dignas de estudo acurado, é de esperar que o autor, nas suas publicações futuras, procure separar cuidadosamente o joio do trigo, que tanto é o reparo que se pode fazer da forma porque alterna em "Verdades Contra Verdades". temas superficiais com assuntos da maior seriedade, porque assim o fazendo realizará com mais indiscutivel êxito uma obra consentânea com os seus merecimentos intelectuais, que são expressivos e brilhantes.

— 95 —



ARTISTAS VITORIOSOS

As tres récitas que venho de assistir no Teatro Amazonas pela companhia que presentemente aí está atuando, formada pelos artistas Lindberg Leite, Lúcio Mauro e Lourdes Bergmann, me deixaram a viva convicção de que se trata, inegavelmente, de um grupo de profissionais do teatro da melhor qualidade. 19

Esta convicção, por sua vez, se põe em realce o valor dos integrantes da companhia expressa, como consequência, o que há de vantajoso não só para o nosso Teatro, mas igualmente, para o gosto artístico do público amazonense a presença em Manaus de artistas do quilate dos que ora nos visitam.

Nem sempre tem tido sorte, realmente, nosso público amante das boas representações teatrais, a respeito do quilate das companhias que aquí chegam para se exibirem quer no Teatro Amazonas, quer em outros recintos mais modestos.

E quando isso ocorre, é claro que menos sorte ainda bafeja os elencos que impensadamente buscam divertir a platéia de uma cidade onde está plantado o símbolo de um dos mais apurados gostos teatrais do País, qual seja o nosso portentoso Teatro Amazonas. E, se é verdade que, de um modo geral, as elites desta terra não se têm sabido conservar fiéis às tradições da luminosa consciência artística que aquí teve o seu esplendor em outras épocas, nem por isso perdemos, por completo, as qualidades e o gosto para a apreciação da arte cênica nas suas múltiplas modalidades que fizeram naqueles bons tempos, desta cidade, um verdadeiro fulcro de cultura artística dentro do 3rasil. A prova disso é que, nos tempos difíceis de transporte entre a capital amazonense e a Metrópole brasileira, quando as

viagens, para vencer tal percurso, era feita unicamente através de navios em não menos de vinte dias, mesmo assim, recebia o Teatro Amazonas companhias do sul ou do exterior que nele se exibiam com regularidade.

Este fato, que não recordamos com predileção de "laudatores temporis acti", ou por mero saudosismo, serve para explicar as peculiaridades de gosto do nosso público em questões teatrais. Explica, igualmente, sua receptividade ou falta disso, com referência a certos artistas, que aqui chegam na doce ilusão de que qualquer coisa nos agrade.

Podemos, em matéria de teatro, sermos considerados, se quiserem, uma coletividade em decadência, que luta talvez desesperadamente contra certos fatores negativos depreciadores das honrosas tradições que herdamos, naquele sentido. Esta, porém, é uma outra questão que não aproveita absolutamente aos propósitos de certos saltibancos que por aqui às vezes chegam querendo nos impingir arte teatral de inferior qualidade e que, como consequência, não escapam ao irremediável fracasso... Destino que, por igual, tem atingido artistas de certos merecimentos, por culpa, é claro, da displicência com que se apresentaram ao nosso público.

Daí porque, a boa impressão que vem de causar nos expectadores desta cidade, as peças até agora encenadas pelo elenco que tem na sua direção essa marcante e inconfundível personalidade de ator que é Lindberg Leite, me sugeriu este comentário, feito à guisa de estímulo e de aplauso ao trio corajoso e portador, sem a menor dúvida, de uma admirável consciência profissional.

O conjunto tem se apresentado, realmente, em nossa principal casa de espetáculos, numa seqüência de sucessos, que se traduz, inicialmente, pela aceitação que têm alcançado as peças constantes do seu repertório para a temporada entre nós.

"Morre um Gato na China", "Esta Noite Choveu Prata" e "As Mãos de Eurídice", três grandes peças do teatro contemporâneo, tiveram, de fato, cada qual a seu turno, a primeira nos dois artistas com a participação de Lourdes Bergman, a segunda em Lúcio Mauro e a última em Lindberg Leite, intérpretes de

alta classe, de atuação tão marcante que se pode afirmar, sem exageros, que os situou na plana dos mais destacados profissionais brasileiros.

As peças de interpretação individual, sobretudo, produziram impressão mais forte. Em "Esta Noite Choveu Prata", vimos Lúcio Mauro, no desempenho de três papéis, mostrar a sua impressionante desenvoltura artística, a versatilidade de espírito e a sua capacidade para a imitação de tipos humanos diferentes, inclusive a fala, peculiar a cada um, enfim, senhor dos mais recônditos segredos da arte que com Pedro Bloch exige do artista maior agilidade mental e mais completa harmonização do personagem com o ambiente, mais integração na realidade, na vida, tal como acontece com o cinema.

Tudo isso foi realizado magistralmente por Lúcio Mauro.

Do intérprete de "As Mãos de Eurídice" pode-se dizer, igualmente, que correspondeu plenamente às expectativas de um público que, aliás, em boa parte já conhecia a peça representada por esse artista de nomeada do teatro brasileiro, que é Rodolfo Mayer.

Lindberg Leite mostrou-se, não há dúvida, um grande intérprete, revelando toda a excepcional dramaticidade e penetração psicológica exigidas para a personificação de Gumercindo Tavares., o personagem de vida frustada e de alma conturbada da peça de Pedro Bloch. Sua interpretação constituiu, sem favor, um notável sucesso, que tanto honra a sua companhia como se traduz numa afirmação de êxito da arte teatral.

Enfim, pode-se dizer do trio de artistas que nos visitam e que estão prestes a nos deixar, que soube se colocar à altura das tradições gloriosas do nosso Teatro, tal o desempenho magnifico que imprimiu às suas exibições.

A PINTURA DE

ANÍZIO MELO

Visitei, no início da semana que findou, a exposição dos quadros de Anízio Melo, jovem pintor amazonense. 20

O meu encontro com as suas telas no vestíbulo do edifício do "Palácio Rui Barbosa", da Biblioteca Pública, como é mais conhecido, foi casual.

Por isso mesmo, tive uma grata e enternecedora emoção ao defrontar-me, inesperadamente, naquele recinto silencioso, com esses quadros, que falam, tão eloquentemente, a linguagem expressiva e transfiguradora da beleza, através da sensibilidade do seu autor.

É uma coleção de mais de trinta telas, todas elas exprimindo o formoso talento desse nosso conterrâneo, as suas inegáveis qualidades e virtualidades pictóricas.

De início, impressiona sobremaneira no corajoso e brilhante exposicionista, mesmo em Manaus acredito que pouco ainda conhecido, a força indomável do seu espírito no sentido da realização do seu ideal nas multiformes esferas da arte. De feito, vivendo e trabalhando, quase obscuramente, num meio como o nosso, onde se nota um enervante indiferentismo para com as coisas da cultura, da literatura e das artes, inclusivé pela pintura, e digno de menção e esforço de um jovem que soube sobrepor-se corajosamente às contingências ambientes, integrando-se na categoria mental da sua vocação para a beleza e realizando assim o seu destino de artista.

Pode afirmar-se que Anízio já é um vitorioso, com um límpido horizonte pela frente. Isto demonstra, ainda, que aquí pelas nossas bandas nem tudo está perdido e as coisas não vão, de fato, tremendamente pretas como foram retratadas recentemente por esse pintor literário que é Djalma Batista, em conferência pronunciada na Academia Amazonense de Letras.

Mas Anízio não é pintor, apenas; é músico e poeta, também.

A sua sensibilidade de esteta, em conubio permanente com a beleza, numa ânsia incontida de perfeição da forma, vive constantemente inspirada pelas Musas, pelas Graças e por Vênus, seus numes tutelares, levando-nos a pensar ser ele um grego da Helade antiga perdido nas selvas amazonenses. Um grego que trocasse, por espírito de aventura, o céu azul e puro do Peloponeso pelas paisagens multicoloridas e buliçosas da Planície misteriosa...

Como pintor, porém, a meu ver, está ele revelando agora a faceta mais rutilante de sua alma de artista, artista moço, que só neste momento está surgindo a público, verdadeiramente, para expor as lavras do seu pincel. Alguns, mais céticos, como é comum, poderão considerá-lo ainda um grande pintor em embrião, como diria certa vez João Leda referindo-se a Herbert Palhano, no campo da filologia. Muito estímulo ainda precisa ele, dirão esses, para prosseguir e atingir o fastígio da sua arte.

Oscilando, por enquanto, entre as diversas tendências ou escolas, sem qualquer compromisso definido com as formas clássicas, acadêmicas ou modernas, de expressão, estou que em breve poderá atingir, em meio às várias categorias, uma posição que seja coerente consigo mesmo, e se constitua na marca da sua personalidade.

Nos quadros da presente exposição, os círculos de influência são múltiplos, desde a dos pintores seculares à dos surrealistas modernos, abstracionistas ou pintores psiquicos dos nossos dias, como Van Gogh, Picasso ou um Chagall.

De ambiente, estou certo, não precisa Anízio Melo para prosseguir. O ambiente de que ele poderia necessitar era o mental e este ele o possui exuberantemente.

Saúdo, pois, no jovem artista conterrâneo, que tem a felicidade de possuir diante dos seus olhos, para temas ou motivos de suas interpretações alcandoradas a prodigiosa natureza amazônica, a afirmação de um formoso talento que se realiza com as ciltilações dos espíritos a quem está reservado um luminoso futuro.

EXPOSIÇÃO

No saguão do edifício da Biblioteca Pública se encontram em exposição, atraindo considerável número de visitantes, mais de três dezenas de quadros dos pintores amazonenses Moacir Couto de Andrade e Oscar Ramos. ²¹ É uma exposição interessante e sugestiva, realizada sob o patrocínio do "Clube da Madrugada" e que está despertando vivo interesse da parte dos nossos círculos de cultura artística.

Os dois artistas, ambos amadores, certamente estimulados pelos seus companheiros da sociedade moça de cultura a que pertencem, resolveram, com arripiante oportunidade, colocar em contato com o grande público mais de três dezenas de telas que estão, realmente, colimando os fins visados pelos seus autores, diante da excepcional acolhida dos que as têm apreciado.

Moacir Andrade, apesar de ser pouco conhecido, mostrouse, agora, uma revelação artística entre nós, apresentando o maior número de quadros nessa exposição. Dentre estes, achei realmente interessantes e anunciadores dos largos e límpidos horizontes que o jovem artista tem pela frente, os seguintes: "Trecho do Rio Madeira", "Tarrafiando", "Lago do Anvers", "Viagem ao Careiro", "Chegando a Manaus", "Viração" e "Velho Seringueiro".

De Oscar Ramos, despertaram-me a atenção duas telas, intituladas "Preto e Branco", em razão das côres de que se utilizou o artista, o quadro "Velha Cadeira" e um outro, que não pude identificar pelo nome, mas que apresenta um homem fitando alguma coisa invisível.

..............

Quando nos defrontamos com a arte pictórica dos nossos dias, ocorre-nos, sempre, a lembrança das três principais tendências que têm impelido os artistas de todos os tempos à realização da beleza.

Para a primeira dessas tendências, somente a emoção do artista face o objeto por ele pintado ou representado tem valor. Não é a aparência das coisas, dos motivos, o que conta para a obra de arte. Mas sim, o mundo de ver do artista. Van Gogh e Kokoschka, com o expressionismo subjetivista das suas produções, onde a deformação consciente ou não da visão fotográfica aparece como traços marcantes da expressão pictórica, são dois autênticos representantes dessa concepção de arte.

Já outra teoria condiciona a arte nos seus elementos rítmicos de expressão exigindo-vitalidade plástica na tela, que contam muito mais para o espectador do que os valores transferidos da natureza. Para essa concepção de arte, tão magnificamente representado em Cezzane, a forma é elemento indispensável da pintura.

Há, finalmente, o grupo dos "decoratistas" preocupados, também, em substituir por valores expressivos os valores representativos, como fazem os subjetivistas ou abstracionistas. Uma espécie de termo médio entre as duas outras tendências.

Voltando às telas dos nossos dois pintores, ora em exposição, acho que elas revelam dois talentos artísticos de tendências bem diversas.

Oscar Ramos, que ainda é bem jovem, me parece assaz definido nas suas tendências artísticas, com parentesco pronunciado com os pintores abstracionistas, com os pintores psíquicos. O seu quadro mostrando um homem fitando uma coisa invisível, lembra vivamente a tela "A mulher e o trem", de Paul Devaux. E no seu Cristo crucificado, da tela em "branco e preto", há, se não me engano, uma indisfarçável influência do Marc Chagall.

Pena é que o sr. Oscar Ramos não tenha apresentado maior número de pinturas, que nos dessem margem a uma apreciação mais segura das suas virtualidades artísticas.

De Mocair Andrade devo dizer que é digno de elogios o seu esforço e a sua obstinação admirável em romper corajosamente as contingências do ambiente, de modo a integrar-se, no contato com o público, na categoria mental em que se traduz a sua irresistível vocação e mesmo predestinação para a beleza.

Oscilando, ainda, entre as diversas tendências arítiscas, sem qualquer ligação definitiva com as escolas dominantes, o formoso talento que veio de revelar com os quadros ora em exposição constitui, por si só, uma razão fundamental para que ele prossiga aperfeiçoando-se cada vez mais, até atingir a plenitude de uma posição artística coerente com as forças subterrâneas do seu espírito na sua predestinação para a estesia, e, mais ainda, desta, com a expressão de um ideal a atingir.

Meus aplausos, portanto, aos dois talentosos pintores, em especial ao jovem artista conterrâneo entusiasta enamorado da prodigiosa natureza amazônica, que tão bem soube apresentar em múltiplos dos seus aspectos, exortando-lhe a prosseguir na luminosa caminhada encetada agora, sob os melhores auspícios.



FATOS, GORDOS & MAGROS

"DEMOGRAFIA DESESPERADORA"

Com o título acima, vem o escritor Moacyr G. Rosas de publicar pelas oficinas da Tipografia Reis Ltda., desta cidade, um interessante opúsculo, no qual aborda, com penetração, convicção doutrinária e entusiasmo, a palpitante questão da limitação da prole no cada vez mais extenso rebanho humano mundial. ²²

O trabalho do conhecido odontólogo e literato amazonense, inicialmente, desperta a atenção dos estudiosos em virtude
da magnífica impressão e do papel que na mesma foi utilizado.
É um folheto de 18 páginas, que se lê de uma assentada, acompanhando com interesse as incursões do autor no tema que elegeu para objeto das suas considerações eruditas. O estilo é
ameno, claro, correntio, de limpidez de água de fonte, seguro.
Com páginas menos condensadas, o texto, dividido em capítulos, a capa ilustrada com uma alegoria ao assunto, "DEMOGRAFIA DESESPERADORA", teria mais expressão material, passando como trabalho de maior fôlego.

Vejamos, agora, a largos traços, quais os méritos a apontar e as restrições que se pode fazer ao ensaio do ousado beletrista. Talvez o termo ousado, aquí empregado, não seja bem entendido. Bernard Shaw, o grande dramaturgo europeu, disse certa vez que só daria sua opinião sobre o tema casamento se soubesse que estava prestes a morrer, tais as complicações que essa opnião poderá acarretar a um ser vivente. Muitos outros escritores têm evitado opinar sobre matéria de tamanha trans-

.

cendência, tal a importância que reveste para a vida tanto do homem quanto da mulher. O sr. Moacyr Rosas, porém, na sua "DEMOGRAFIA DESESPERADORA" foi muito além. Abordou problema mais grave, colocando-se ao lado de uma das correntes que o discutem, achando, em suma, que o mundo vai sendo superpovoado que o crescimento constante das populações de todos os paises, mesmo do Brasil, é uma ameaça à paz e à felicidade dos povos. Daí porque, minha impressão é que assumiu uma posição perigosa, mesmo abroquelado em inúmeras autoridades, por ele citadas constantemente, tais como Camilo Castelo Branco, Maeterlink, Malthus, Josué de Castro, Maria Lacerda de Moura, Havlock Ellis, Gayelord HaHyser, Renato Kehl e tantos outros.

Acha o nosso intelectual, enfeitando com adereços de outros escritores e cientistas, as idéias divulgadas no século passado pelo economista Malthus, que o mundo vai se tornando cada vez menor para conter a população humana em crescimento constante. Esse fato, aparentemente normal, pois que responde a uma solicitação instintiva da espécie, ou seja a satisfação sexual e a procriação, vai criando problemas seríssimos para o convívio humano, gerando o pauperismo e a decadência da raça.

Por isso mesmo, a felicidade, ou seja, aquele estado de espírito que, no dizer de Maeterlink, citado pelo autor, "se resume em se acomodar o indivíduo com a sua própria existência", torna-se sempre mais difícil de ser atingido. E, no entanto, ele é a meta encantada visada por todos os cérebros e corações, porque, inegavelmente, simboliza as mais ternas aspirações das criaturas. Pois é essa felicidade que o sr. Moacir teme que se transforme progressivamente numa miragem, tantas são as dificuldades que as coletividades humanas vão encontrando pela frente, através da sua evolução histórica, para dar à vida e ao convívio social o encanto que é a constante dos seus sonhos aquí neste mundo. Em resumo, o homem busca a felicidade através do trampolim amoroso da união entre os sexos. Mas as proles numerosas constituem, como é natural, fator decisivo no aumento populacional dos países do mundo

ameaçando, como teme o autor de "DEMOGRAFIA DESESPE-RADORA", até a sobrevivência futura da espécie.

Face a essa evidência irrecusável, que fazer, para conjurar o perigo? Vejamos, sintetizando, por falta de espaço, a contribuição que o sr. Moacyr traz para a compreensão do assunto.

......sua posição materialista na questã

A sua posição materialista na questão é indiscutível. Ele se filia, não há negar, à corrente dos que procuram interpretar as coisas da nossa passageira existência terrena reduzindo-as a um tecido material, cujo valor pode ser medido abstraindo-se qualquer consideração metafísica ou transcendental. Por isso o nosso literato é incisivo e claro na sua maneira de encarar o assunto. Para uma prole numerosa e, porisso mesmo, danosa ao convívio humano, à segurança da família e aos próprios interesses de bem estar desta, só há um remédio: a limitação dos filhos. O sr. Moacyr coloca, então, o problema, sem constrangimento, alheiando-se, entretanto, de qualquer considerações espiritualistas com às quais pudesse evitar o choque das suas idéias com os moldes de pensar e com a moral tradicionais.

Para não ir mais longe, devo dizer que concordo apenas em parte com o raciocínio expedido pelo ardoroso neo-maltusiano. Suas observações referentemente à China têm a melhor procedência. Suas generalizações a respeito do Brasil me parecem, todavia, apressadas e falhas. O Brasil, é, de fato, um país de território imenso, na sua maior parte um deserto demográfico e que precisa se pensar, ao revés da China e outras nações, é no seu povoamento, no aumento de sua população com a colaboração da imigração estrangeira, ainda que tudo isso deva ser feito racionalizadamente.

O tema, não há dúvida, é sugestivo. Adquiriu certa fulgurância servindo de matéria ao estilo agradável do sr. Moacyr Rosas. Gostaria de ver o mesmo apreciado por um dos nossos intelectuais espiritualistas com a contradita de erudição que se faz mister. Um padre Walter, por exemplo, um padre Bessa, um padre Nonato, um padre Ruas. Aí fica a sugestão. Como disse Afonso de Carvalho, no seu linguajar pitoresco, o sr. Moacyr Rosas parece mal intencionado com a sua "Demografia Desesperadora". Urge, portanto, que alguém do reduto contrário se mexa para rebater as idéias perigosas e fascinantes desse envolvente pregoeiro da doutrina materialista em nosso meio.

VIAGEM À AMAZÔNIA

Uma viagem através do vasto cenário amazônico, com contatos ligeiros ou aproximações aprofundadas dos problemas sociológicos das suas populações, é o que vem de oferecer o escritor André Araujo a todos aqueles que desejam conhecer o grande Vale ou pretendam alargar conhecimentos a seu respeito já adquiridos em outras fontes, com o livro "INTRODUÇÃO Á SOCIOLOGIA DA AMAZÔNIA", recém-saído das oficinas dos editores Sérgio Cardoso & Cia. ²³

O autor, largamente conhecido entre nós e mesmo fora das fronteiras deste Estado, pelo grande número de artigos, discursos, conferências e outros trabalhos que atestam os seus extensos conhecimentos literários, sociológicos, filosóficos, educacionais, jurídicos e científicos, é figura que dispensa elogios.

Apesar de não ser amazonense de nascimento, à vida amazônica se integrou desde muito novo, aquí formando a sua personalidade sob o alicerce de vivência e estudos que o transformaram num apaixonando das coisas do nosso meio cujos problemas sociais são por ele pesquisados e estudados com a ânsia de quem procura colaborar ativamente para a sua solução.

Depois de bacharelar-se em direito, o atual desembargador André Araújo percorreu, como Promotor de Justiça, Juiz Municipal e Juiz de Direito, várias comarcas do interior amazonense. Aí não viveu, porém, emparedado na passividade enervante da função de julgar, aguardando os processos que de longe em longe, como acontece no nosso interior, lhe chegavam às mãos para exercício das suas atribuições públicas oficiais. Bem ao contrário, foi sempre um homem que deu c que fazer às funções do seu pensamento. Assim, além de juiz era o professor e o dinamizador de múltiplos empreendimentos sociais com os quais ia demonstrando o seu interesse pelo progresso local, pelos problemas coletivos, pela situação humana dos seus jurisdicionados. Paralelamente, pesquisava e recolhia, após acuradas observações, os informes de que agora se serviu no denso livro que acaba de publicar.

Ele mesmo explica o quanto lhe valeu o contato com a hinterlândia amazonense, na **Nota** que, à guisa de prefácio, serve de introito à "INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DA AMAZÔNIA".

"Com o conhecimento de muitos dos grandes rios da planície, que uma perigrinação constante nos obrigou, como Promotor público, Juiz Municipal e Juiz de Direito em comarcas do Baixo Amazonas, do Alto Solimões, do Rio Negro, do Rio Branco, e em algumas viagens de estudos feitas através dos rios Purús, Abacaxis, Canumã, Manacapurú, Coarí, Uraricuêre, Maués, Tapajós, Madeira e inúmeros lagos, igapós, paranás, etc. — isso obrigou-nos a realizar este trabalho, para o qual trasladamos notas, fotografias, costumes, usos, hábitos, que estudamos pacientemente com muito sofrimento."

Daí por diante sua participação na vida pública do Amazonas e, particularmente, desta capital, quer como Juiz de Menores, onde se revelou um notável conhecedor dos problemas da criança, quer como Diretor do Departamento de Educação, ou ainda como Deputado Federal, foi cada vez mais intensa, ensejando-lhe uma incursão sempre maior nos conhecimentos amazonológicos, hauridos não só nas fontes livrescas, mas também através de observações e pesquisas pessoais da realidade amazônica.

Todo esse acervo de conhecimentos e experiências o autor, que é membro da Academia Amazonense de Letras, transladou para o formoso livro de agora, formando as 485 páginas de "INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DA AMAZONIA".

Não é esta a oportunidade para me pronunciar nos seus múltiplos aspectos, a respeito do valor intrínseco de obra de tamanha envergadura. Neste ensejo, quero apenas corresponder a gentileza que o autor teve para comigo, ofertando-me um volume desse seu original estudo que, a julgar pela forma magnífica da sua impressão, a começar de sua capa, enfim, pelo seu todo material, me parece um indiscutível trabalho de polpa, desses que estão destinados a consagrar um autor. E julgo corresponder, realmente, anunciando aos leitores tão alentado e oportuno estudo, que surge no nosso panorama literário e cultural como a mais séria e mesmo arrojada realização destes últimos anos.

Alguma coisa que conheco a respeito da sua origem e da sua história, ligados a um convite que o historiador Arthur Reis há pouco mais de um ano, quando era Superintendente do S.P.V.E.A. fez ao desembargador André Araújo, no sentido de escrever um livro de sociologia amazônica, do qual resultou "IN-TRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DA AMAZÔNIA", leva-me a pensar tratar-se de obra destinada a provocar intensamente o interesse dos estudiosos dos assuntos a que o autor dá interpretação de cunho sociológico. A própria natureza do tema que elegeu para suas investigações e interpretações, é um convite à controvérsia. Livro realizado, em grande parte, sob a pressão de uma encomenda, é bem possível que em muitos dos seus aspectos o pensamento do autor não transpareça revestido da forma apurada e literariamente definitiva que costuma marcar os trabalhos submetidos a um paciente lavor estilístico. Isso é o que eu suponho, com os informes que possuo sobre aquela sua origem e diante da impressão ligeira que até agora pude ter do mesmo, sem o tempo necessário para deletrear-lhe o contexto.

Convém não esquecer, finalmente, tratar-se de um livro sério, de penetração sociológica, sobre a região amazônica.

Um livro, não resta dúvida, calcado em estudos feitos com competência e seriedade, porisso mesmo, bastante credenciado, no nosso panorama cultural, aos olhos dos interessados na sua temática.



UM LIVRO DE DJARD MENDONÇA

ARQUIVO ABERTO

Possuo em minhas estantes, para serem relidos e anotados e, afinal, apreciados, com impressões críticas dadas à publicidade, um número respeitável de bons trabalhos de intelectuais que aquí vivem, alguns de fora e outros nascidos em nossas plagas. ⁴² São livros ou opúsculos com que iniciaram ou deram continuidade à sua atividade literária.

Não sei bem porque, a promessa que continuamente faço a mim mesmo de trazer para esta coluna tais impressões vai sendo adiada, quase sempre.

"Nem só de pão vive o homem" — é a advertência que nos vem de longe. Mas, por igual, pode-se replicar que também não vive somente de literatura, pelo menos em nosso meio. Os prazeres que as letras proporcionam ao espírito são, realmente, confortantes. Evidenciam, acima de tudo, que o homem é um animal superior, guiado pelos fulgores da mente. É o homem sapiens procurando se sobrepôr ao homo faber, ambos representados ou traduzindo a mesma força impulsiva de domínio exterior que vive e atua dentro dele, levando-o ora às realizações transcendentes da inteligência, ora aos comentimentos do mundo estritamente material.

Em meio às exigências febricitantes dos dias que correm, todos sacudidos pelas brutais necessidades materiais que nos assoberbam, pode alguém viver em Manaus entregue ao delicioso e suave passatempo da literatura, já não digo com o fervor com que Pico de Mirandola se prosternava, genuflexo, no iluminado santuário de Platão?

A resposta se torna desnecessária.

Assim justifico porque vou procrastinando as apreciações prometidas aos livros dos meus amigos e de todos aqueles que surgem no nosso panorama publicitário com a contribuição dos seus trabalhos intelectuais, geralmente depois de arrostarem ingentes obstáculos, trabalhos esses a mim oferecidos com nímia gentileza pelos seus autores.

ARQUIVO ABERTO, da autoria desse sensitivo e incompreendido DJARD MENDONÇA, depois que terminei a sua leitura, deixou-me uma indizível sensação de suavidade e o desejo incontido de transmitir aos outros alguma coisa da impressiva beleza que perpassa pelas suas 221 páginas.

Fiquei pensando, primeiramente, na dificuldade que terá o autor para se fazer lido, ele que é mais conhecido nesta terra como um ludibriado "seringueiro" que serviu, durante tanto tempo, com a mais edificante humildade, a esse patrão carrancudo e insensível, inimigo dos seus amigos, ingratos para com os que a ele se dedicaram desprendida e estoicamente — o PSD amazonense.

Alguem já disse que neste Estado uma forma de ver o PSD humanizado é surpreendê-lo na amargura da derrota, alijado do poder governamental.

O certo e notório no Amazonas é que Djard, da sua luta, do seu trabalho indormido e idealista de verdadeiro "seringueiro" dentro desse partido político jamais usufruiu senão os lucros negativos, semelhantes aos que expressam, no "Habitat" dos desumanos e implacáveis patrões, as contas fornecidas aos seus empregados ante as ameaças dos troncos...

Essa sua condição de espoliado político fez dele uma imagem pela qual os amigos e estranhos lhe vêem como um revoltado, um homem de arestas agressivas, um temperamento rebelde à flor da pele, revelador de irreprimíveis tumultos interiores.

Comprovando, porém, a feição deformadora daquela imagem, está aí ARQUIVO ABERTO, cujas páginas, com a transfe-

rência de céu límpido, são um repositório de experiências e ideias serenas e suaves que o autor faz questão de comunicar aos leitores.

No princípio do livro há, realmente, alguns capítulos em que a queixa e a recordação de situações difíceis, de momentos amargos atravessados por Djard, o conduzem a uma espécie de travor auto-biográfico, pela nota de agressividade para com o mundo e os homens, à maneira de um Humberto de Campos.

Mas esse tom acinzentado inicial logo se modifica para que o autor conduza o leitor na límpida pulcritude de idéias morais que dominam o livro, que ressurge das suas páginas como uma exaltação dos bons sentimentos da vida dentro do prisma cristão, como um hino de louvor à solidariedade humana.

E, dessa forma, Djard Mendonça revela-se nesse livro o homem de sensibilidade larga, um cronista benevolente e de expressiva autenticidade humana e, porque não dizer, uma espécie de pedagogo iluminado cuja missão deveria ser ensinar as crianças, os adolescentes, a arte da solidariedade que transfigura e dos gestos que dignificam.

É um livro que todas as escolas desta terra deveriam adquirir para tê-lo na sua estante, porque há nele páginas edificantes de que se poderão servir os mestres para lê-las aos seus alunos, como coadjuvante precioso na sua formação moral.

Nosso Departamento de Educação e Cultura muito faria, realmente, em favor da nossa infância e juventude escolar, se entrasse em entendimento com o autor de ARQUIVO ABERTO e contratasse com ele uma edição cuidadosamente elaborada e expungida de um ou outro defeito. Com isso estaria contribuindo para arejar os nossos foros educacionais. Como disse, com muita propriedade o prefaciador do livro — o escritor André Araújo: "Djard é um realista poderoso. Ás vezes esbanja sua caridade particular: obumbra a verdade de certas coisas; apaixona-se com seu idealismo. Outras vezes prega a urgente reforma social de certos costumes e se transforma em crítico ideológico nas colunas dos jornais em que escreve". Essa apreciação vale, por si só, por uma sedutora recomendação de AR-QUIVO ABERTO.

PARTE IV

DIVAGAÇÕES CULTURAIS

PROBLEMAS DE NOSSA ÉPOCA



CONSIDERAÇÕES SOBRE O HÁBITO

A compreensão da natureza e da importância do hábito no comportamento do indivíduo, ou mesmo, de grupos sociais, é de significativa utilidade para os professores e para todos os que se interessam pelos problemas educativos. 52

A noção de hábito, segundo nos ensina a psicologia, é um pouco diferente daquela que tem o povo, quando emprega, essa palavra. Quando o povo fala em hábito, via de regra, quer se referir ao mau hábito. Fala sempre no hábito da bebida, no do jogo, no de fumar, no de brigar, no da falta de cavalheirismo, no de falar mal da vida alheia, no de perder tempo nas esquinas, nos botequins, no de fazer ressaltar os defeitos dos outros. São os hábitos prejudiciais, negativos, que quase sempre prejudicam a personalidade em vez de beneficiá-la.

Mas poucos são os que se referem aos hábitos em sentido contrário ao referido. Ninguém gosta de falar dos hábitos que enquadram as nossas virtudes, as nossas qualidades apreciáveis.

A verdade é que a nossa vida mental, na maioria das suas manifestações, não passa de uma massa de hábitos de ordem prática, intelectiva ou emocional, sistematicamente organizados no nosso psiquismo e que nos conduzem com a força de uma fatalidade para o nosso destino, qualquer que seja a forma que ele assuma. Vícios e virtudes, qualidades e defeitos que eles constituam, são adquiridos no curso da nossa evolução mental.

Todos nós estamos sujeitos aos imperativos da lei do hábito. Foi essa evidência que levou a sabedoria popular a consagrar a expressão: "o hábito é uma segunda natureza". É uma expressão verdadeira, que os psicológos aceitam sem restrições. E há de parecer decepcionante para muita gente que confia exageradamente na força da sua vontade livre e do caráter consciente dos seus menores atos, saber que noventa e nove centésimos da sua atividade, desde que se levanta, ao amanhecer até à noite, ao deitar-se, é constituida de atos puramente automáticos ou habituais.

Somos todos esteriotipação de estados passados, que repetimos e copiamos com uma persistência sempre maior do que pensamos. Nisto porém, reside a força extraordinária que possuimos para fixarmos a experiência dos dias que passam, de modo a podermos modelar a nossa inteligência, o nosso caráter e a nossa sensibilidade em formas cada vez mais aperfeicoadas, completando assim a síntese da nossa personalidade.

William James, psicólogo americano que tão bem explorou os mistérios do nosso psiquismo, sobretudo no terreno da psicologia experimental, certa vez afirmou, falando a uma turma de alunos: "Não há ser humano mais miserável do que aquele em que nada é habitual senão a indecisão, e para quem o acender de cada cigarro, o berber de cada chávena, o tempo de se levantar são expressa deliberação volitiva".

Nada mais prejudicial, de fato, para o nosso espírito e para os seus anseios de aperfeiçoamento, do que as improvizações ininterruptas. Se bem que essas improvizações não passem muitas vezes de repetição de estados maus organizados, a verdade é que constituem um verdadeiro obstáculo à fixação dos bons hábitos que exprimem a modelagem positiva do nosso psiquismo.

O problema da educação é, dessa forma, antes de tudo, uma questão de formação de hábitos que se coadunam com o

bom comportamento individual ou social. Esse problema só será atacado com êxito, todavia, no dia em que os professores, os educadores e todos aqueles que se preocupam com esse comportamento conseguirem fixar no espírito dos educandos uma noção de hábito, no sentido das qualidades apreciáveis do indivíduo, correlata com aquela que lhe é comum, a dos maus hábitos, constituídos pelos seus vícios e defeitos.

EXISTENCIALISMO

Trata-se de uma das correntes folosóficas que nasceram no século passado, mas que atingiram à sua feição mais empolgante em nossos dias. ²⁶

O existencialismo é uma filosofia da existência, que se assenta, como muitas outras doutrinas, sobre as problemáticas da vida, especialmente da vida humana, mas revolvendo e explicando os seus aspectos fundamentais, as suas últimas origens, com todos os seus riscos, preocupações, estados contraditórios, característicos da sua completa e específica realidade. Difere de todos os outros sistemas na explicação da realidade existencial porque faz da existência humana uma espécie de "leit motiv" de todas as cogitações metafísicas ou filosóficas, erigindo-a em princípio soberano do universo.

Os grandes precursores da filosofia existencialista se encontram no século XIX. F. Nietzsche, M. Heiddegger, K. Jaspers, G. Marcel, Ch. Du Bos, entre outros, foram os primeiros a assentar as bases da doutrina que encontra hoje em Jean Paul Sartre o seu apóstolo mais devoto e o seu mais convicto aplicador ao plano da vida prática.

Aqueles, porém, ainda que tenham o seu nome ligado ao existencialismo, podem ser considerados unicamente os metafísicos do sistema, principalmente através dos seus estudos fenomenológicos.

Ocupando-se quase exclusivamente da existência humana, é natural que o existencialismo, através das mais profundas experiências psicológicas, reflita um conhecimento mais integral, pelo menos aspire refletir, da psicologia do indivíduo. Foi o que pretenderam fazer pelos seus estudos vários filósofos contemporâneo, entre os quais se destaca o dinamarquês Kierkegaard, que arrancou da maranha envolvente do seu misticismo cristão, de base puramente espiritualista, os resíduos de uma experiência psicológica que se ajusta magnificamente à dialética materialista da filosofia existencial abraçada e esposada por Jean Paul Sartre.

No momento que passa, o filósofo por excelência da doutrina que concentra toda a sua força especulativa na existência humana é, sem dúvida, Paul Sartre. É com ele, por meio do seu doutrinamento pessoal em Paris, como por intermédio dos seus livros, dos seus romances, das suas conferências que ela se irradiou do ambiente parisiense pelo mundo afóra influenciando e dominando milhares de consciências, especialmente pelo sentido das suas revelações, para alguns exóticas e cínicas, mas, para outros verdadeiramente proféticas.

Sartre é um tipo de pensador boêmio que impressiona e se torna sugestivo aos espíritos jovens, especialmente pelo cunho pitoresco e aventuroso da vida que leva. "El scenário en que se han escrito — afirma o escritor portenho ISMAEL QUILES, S.I., no seu livro "Sartre el existencialismo del absurdo" — la maioria de las páginas literárias e filosóficas de Sartre es el café. Sin duda que es aticion antigua, y por eso ha llegado en los últimos anos a una modalidade de perfección característica. El café se ha convertido en una "boite". Aí acuden los discipulos e los curiosos a aprender y viver el existencialismo."

O café de fato, o ambiente favorito do filósofo. É onde ele se sente inspirado.

Mas será que se pode conhecer o existencialismo através de uma simples e fragmentada exposição do seu aspecto exclusivamente especulativo?

A resposta será, certamente, negativa. A filosofia da existência, ou melhor, o sartrismo, não é uma doutrina para se compreender, em que a encaremos como um todo, no seu binômio conhecimento-existência. Conhecê-la ou encará-la unicamente como um corpo de doutrina, como um acervo de conhecimentos e deixar de lado o seu aspecto palpitante de aplicação a vida individual é para os seus adeptos, ignorá-la. A filosofia existencial, para ser entendida, tem que ser encarada na plenitude das suas manifestações.

Sartre fez escola e tornou-se o arauto do existencialismo. Grande escritor, romancista e teatrólogo de alto coturno, foilhe fácil criar os personagens dos seus trabalhos nitidamente literários modelando-os, com todos os seus estados d'alma, sentindo, pensando, agindo não como seres comuns, espiritualistas, cristãos, budistas ou confucianos, mas como autênticos existencialistas. Vivem, amam, odeiam, sentem, pensam e querem sobrepondo o "eu autêntico" da psicologia existencial ao "eu não autêntico", convencional, da psicologia tradicional. Assim é o existencialismo. E a influência que o autor de "L'Etre et le néant", Huis - Clos", "L' Existencialisme est un Humanisme", "La Nausée", "Les Mouches" e dos editoriais da revista Temps Modernes tem conseguido com suas idéias e seus personagens, com a sua imaginação de escritor que domina magnificamente um estilo cheio de nuances por vezes emocionantes, levezas e originalidades, só se pode comparar, em nosso tempo, à exercida por Bergson vinte ou trinta anos atrás. Estamos, incontestavelmente, em presença de um destemido pregoeiro dos pensamentos e sentimentos libertários do mundo atual.

Não adianta, pelo menos, no momento, discutir o que há de imaginoso, de inconsistente, de contraditório, de insustentável no existencialismo. Tanto mal, quanto dele ainda muito pouco se conhece entre nós. De assinalar, entretanto, sem rodeios, é a sua força de irradiação na França contemporânea, nessa mesma França que tem sido, por vários séculos um dos mais luminosos e fascinantes intérpretes da cultura e da civilização ocidentais.



FALANDO SOBRE UM

MUNDO NOVO

Recolhi a melhor impressão de todos com quem falei e que assistiram a conferência do desembargador-deputado André Araújo, pronunciada na Academia Amazonense de Letras, versando um tema novo de pedagogia. ²⁷

Refiro-me à novidade do tema, não no sentido cronológico, pois que em apoio de suas asserções foi buscar o conferencista, ao lado de psicólogos e pedagogos contemporâneos, várias autoridades de séculos atrás, mas, especialmente tomando em consideração as questões educativas abordadas e preconizadas, pelo seu carater de novidade nos domínios do conhecimento da psicologia infantil, como aquelas de que não se pode alheiar o nosso sistema de ensino, sem fugir das suas verdadeiras e elevadas finalidades.

Para o intelectual e educador André Araújo, há no sistema educativo do nosso tempo falhas e êrros tão graves, que não é possivel acreditar na sua eficiência. E a crise com que defronta o homem atual é, sem sombra de dúvidas, o resultado das falhas da nossa engrenagem educativa.

Vivemos hoje num mundo de lutas, num paraiso de competições tremendas, pairando sobre todas as cabeças os espectros das crises, das angústias, das expectativas de guerras. E tudo isso por que? —

Interroga o acadêmico-educador. Porque a nossa infância e a nossa mocidade, das escolas estão sendo educadas para a luta, para a guerra, para a morte e não para a paz (aqui o orador advertiu que tinha até medo de pronunciar aquela palavra, pois que não era dificil desviarem o seu verdadeiro sentido), para a concórdia, para a vida social harmônica e compreensiva. Dessa forma, para que a educação possa atingir os seus dignificantes fins, na construção de um mundo melhor, urge que se submeta a uma reforma profunda, na sua técnica como na sua órbita teleológica.

É necessário que ela encare a criança como uma pessoa, como ser dotado de alma, que ainda é em grande parte, para todos nós, um mistério profundo, todavia já bastante conhecida pela ciência psicológica nos aspectos ligados à sua conduta ou comportamento. A ciência e a técnica da educação não podem quedar-se indiferentes aos progressos revelados nos estudos e incursões proveitosas empreendidas pelos psicólogos e pedagogos na trama da mentê infantil, com os quais ficou evidenciado a predominância dos fatores de ordem afetiva, emocional, sobre os de ordem intelectiva, na formação e desenvolvimento da sua personalidade.

Continuando, nessa linha de considerações, insiste ainda sobre o mesmo ponto indagando por que os professores e educadores, apesar das descobertas da psicologia, ainda hoje persistem em olhar os educandos sobretudo como sêres dotados de uma inteligência a aperfeicoar. Por que não se os encara, ao revés, pelo lado da sua sensibilidade? Não é no jogo dessa faculdade que irão adquirir contornos os grandes problemas futuros das relações humanas? Ao invés de se ensinar a criança a conhecer, de se locupletar o seu cérebro com conhecimentos científicos e linguísticos diversos, não seria melhor demorar mais sobre a educação da sua sensibilidade, encarandoa, para os efeitos visados pela educação, pelo lado emocional? São todos estes temas dignos da melhor meditação por parte dos educadores e de todos aqueles que se voltam para a reforma do homem, para a reconstrução do combatido mundo moderno.

Insurge-se, também, contra os métodos drásticos e terroristas empregados na escola. As reprovações, as notas, as penalidades, os castigos, e tudo o mais que possa lembrar a presença assustadora do MAGISTER DIXIT, encarado com preocupação unicamente objetiva, são métodos e processos de educar repudiados pelo diretor da Escola de Serviço Social, que os aponta como responsáveis pelo descalabro verificado no ensino atual, impotente para preparar o educando para a vida social sem conturbações, sem angústias, com um contingente de sofrimento reduzido a um mínimo denominador comum.

Na sua peroração, frisando o conferencista estarem alí os prolegômenos com todas as suas antinomias de uma grande idéia que agita o seu cérebro e vibra no seu coração, fez uma veemente profissão de fé num futuro melhor para a humanidade, condicionando-o, entretanto, a uma remodelação radical da técnica educativa vigente, que deve enfrentar a sua monumental tarefa de educar para um mundo novo, um mundo mais consentâneo com os transcendentes destinos humanos, um mundo de harmonia e de paz, perpassado de suavidade, de beleza e de virtudes cristãs.

O desembargador André Araújo discorreu com desenvoltura sobre a tese que tomou para tema de sua conferência. Conhecedor largo e profundo de assuntos de pedagogia, educador bastante experimentado, as suas palavras por isso mesmo ecoaram aos auvidos de todos com magníficas e emocionantes ressonâncias.

É bastante animador, para todos os que sentem a pressão dos acontecimentos dos dias que correm, onde os espíritos, dominados pelos imperativos brutais da sede de ganho, parecem relegarem a planos secundários os valôres que servem de sustentáculo à civilização, que haja alguém, como o desembargador André Araújo, capaz de viver uma grande idéia e defendê-la entusiasticamente, propugnando a felicidade coletiva à semelhança dos grandes profetas, quando era de esperar que a idade dos profetas já tivesse passado. E uma honra para os meios educacionais amazonenses, que tiveram na conferência do ilustre acadêmico um ponto alto da sua vida cultural.



UM PROBLEMA DE PSICOLOGIA — A INTERPRETAÇÃO

DOS SONHOS

A preocupação de explicar os sonhos, essa estranha manifestação da vida psíquica que a todos impressiona, tem dominado os estudiosos em todos os tempos. ²⁸

Na mais remota antiguidade, o sonho era considerado uma mensagem dos deuses, ou de seres familiares mortos e estava dotado de conteúdo profético. E era grande o número dos que desejavam receber essa grata mensagem.

Outros, porém, subestimavam o seu valor, considerando-o como uma secreção do cérebro, sem qualquer valor apreciável.

Platão e Aristóteles foram os primeiros a encarar o sonho sob um prisma que chamaríamos científico, mergulhando nos subterrâneos da psicologia do indivíduo e dando do sonho explicações que ainda hoje nos parecem aceitáveis.

Aristóteles definia-o como o trabalho da alma durante o sono. Uma definição que nenhum psicólogo dos nossos dias repelirá.

Foi Sigismund Freud, entretanto, no seu tratado "Interpretação dos Sonhos", publicado em 1900, o psicólogo que primeiro ofereceu ao mundo científico um estudo sistematizado sobre o palpitante tema alargando, com suas pesquisas, extraordinariamente, os confins da vida anímica.

Daí por diante, deixou o sonho de constituir, unicamente, um ângulo do psiquismo humano, quase sempre abordado esporádica e superficialmente pelos psicólogos, para transformar-se em objeto de estudo sujeito a um método próprio e original de investigação, a PSICANÁLISE, como elemento precioso para a indagação e explicação do nosso foro íntimo.

Para Freud, de fato, é o sonho a estrada real que conduz ao conhecimento da vida inconsciente. E como neste residem as forças mais imperiosas da natureza humana, fácil é compreender-se a importância da sua contribuição, pelo conhecimento da gênese dos sonhos, na interpretação exata da conduta dos indivíduos, notadamente a conduta anormal, determinada por causas inconscientes.

Coerente com o ponto fundamental da sua doutrina, que vê no sexo, no instinto sexual, o fator determinante da vida inconsciente, o psicólogo de Viena explica, também, a gênese dos sonhos, pela predominância do componente sexual, que neles se manifesta quase sempre simbolicamente.

Para penetrarmos com mais inteligência o assunto, vejamos, a traços largos, como a psicanálise encara a personalidade humana.

Esta não oferece, para Freud e seus seguidores, natureza homogênea, como queria a psicologia clássica. Bem ao contrário. O que chamamos de consciente não representa senão uma pequena porção do imenso território anímico. Daí porque, em nossa conduta, continuamente estão aflorando motivos provenientes do inconsciente, parte incomparavelmente mais extensa daquele território.

Em resumo, na concepção freudiana ou psicanalítica, podemos reduzir a estrutura psicológica da pessoa humana a três regiões disdintas: o EU (consciente), o SUPER EU e o INCONS-CIENTE.

O eu, é o natural, que tende a deixar-se penetrar pelas tendências anti-sociais do inconsciente. A vida social, porém, pela educação e pelos seus múltiplos aspectos associativos, dota o eu de uma parte mais cultivada e superior, ou seja, o SUPER EU. O inconsciente, finalmente, que é o mais antigo, compreende os instintos e o ancestral que residem no indivíduo. Seus impulsos são de natureza anti-social. Aí residem, por igual, os chamados "complexos", que aparecem durante a infância e se projetam na conduta de formas disfarçadas e compensadoras para os seus titulares. No inconsciente, realmente para os psicanalistas, dinamizadas pelo impulso sexual, se encontram todas as forças autenticamente impulsionadoras da conduta humana, que participam ativamente dos sonhos, através dos quais se exprimem, na maioria das vezes, simbolicamente.

Assim se explica a importância dos sonhos, por via da sua interpretação, para o conhecimento da personalidade humana.

A ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DE

MANAUS — FRUTO DE UM ESFORÇO SINCERO

Muitos dos que aqui vivem, se preocupam e reconhecem no serviço social uma importante função de ordem orientadora e recondutora desajustado à vida coletiva normal, têm ainda bem presente à retentiva a reação solerta que provocou em nosso meio a criação da Escola de S. Social de Manaus. Reação de bastidores, é certo, veiculada indiretamente, sem ostensividade, através de picuinhas, ironias, múrmurios de descrença blagues, tudo temperado com o travo negativista de um cortante ceticismo. 29

Eram poucos os que acreditavam na utilidade e nos propósitos idealistas da Escola de Serviço Social.

Serviço social... Assistente técnico social... Escola de Serviço Social... eram expressões para muitos vazias de sentido, tal era o desconhecimento que possuiam do assunto, sendo de notar que entre estes se encontrava muita gente letrada.

Faz aproximadamente dez anos. A escola instalou-se, inicialmente, no edifício onde funciona hoje o Juízo Tutelar de Menores o qual, àquela época, pertencia a um grupo escolar. E na sua direção estava, como ainda hoje se encontra, esse verdadeiro campeão do serviço social no extremo-norte — André Araújo, que ocupava nessa ocasião o cargo de Juiz Tutelar de Menores fazendo do Juizado um instrumento magnífico para a realização de seus ideais de beneficiamento da criança pobre deseamparada. Era ele, não há dúvida, pelos pendores do seu espírito e pela sua extraordinária cultura especializada sobre assuntos assistenciais a figura mais indicada no Amazonas para

dirigi-la. E a Escola de Servico Social passou logo a revestir o sentido de um assunto empolgante, atraindo atenções, suscitando estudos, como foi o caso, entre outros, do Instituto de Direito Social, provocando entusiasmos e agitando, também, consciências. Matricularam-se na primeira turma de assistentes técnicos sociais mais de cem alunos, a maior parte dos quais portadores de diplomas do curso secundário. Os professores foram recrutados entre os valores mais positivos do nosso meio. Felix Valois, Maria de Miranda Leão, Júlio Uchôa, Comte Teles, Donizetti Gondim, Pe. Plácido, Manuel Barbuda, Augusto de Rezenda Rocha, Zulmira Bittencourt, o diretor André Araújo, além de alguns outros que já foram ou ainda são, constituiram o seu corpo docente dos primeiros tempos. Funcionava, assim, em Manaus, a sua primeira forja de assistentes técnicos sociais destinada a irradiar, pela formação especializada, uma compreensão exata do serviço social.

Daí por diante, uma mentalidade se foi formando e o serviço social passou a ser compreendido e esquadrinhado, na escola como fora dela, pelos alunos entusiastas, dentro da fórmula ampla da definição de Sand, referida por Hardouin no 1.º
Congresso Internacional de Serviço Social que se realizou em
Paris, em 1928: "um conjunto de esforços visando mitigar os
sofrimentos da miséria (assistência paliativa); reajustar os indivíduos ou famílias às condições normais da existência (assistência curativa); evitar os flagelos sociais (assistência construtiva). Os alunos discutiam, interrogavam os professores, faziam visitas aos institutos assistenciais, faziam relatórios, apresentavam teses, tudo dentro da técnica moderna e experimentalista desses estudos.

Mas a Escola de Serviço Social de Manaus tem tido os seus altos e baixos, na sua trajetória. Altos e baixos de ordem intrinseca e extrinseca. Por isso é que nos referimos às reações solertes do meio. Esses altos e baixos, no entanto, não chegaram a atingir o espírito que a tem animado, muito menos o espírito dos seus construtores, de todos aqueles que não lhe negaram a sua cooperação, como, especialmente o dos mestres dedicados visto que na alma de todos se renovam os ecos

da grande clarinada com que André Araújo, espírito que é uma espécie de revolução em marcha, conclamou as consciências justas para a boa cruzada em prol do destino dos menos favorecidos da sorte.

Passou, em seguida, o nosso querido educandário, do prédio em que foi instalado para a rua Barroso, funcionando nos dois prédios onde esteve o Juizado de Menores. Enquanto isto, os anos se iam passando, as turmas se sucedendo. A escola esteve ainda em dois outros prédios, no em que funcionou a Escola Premunitária do Bom Pastor, situado no bairro da Cachoeirinha e num outro, à rua Tapajós. Atualmente em edifício próprio, na Avenida Getúlio Vargas, prédio constituido de dois outros, ambos com andares duplos perfeitamente adaptados às múltiplas atividades do estabelecimento. A sua construção decorreu, como todas as obras que no Amazonas têm sido inspiradas por André Araújo, de auxílios variados, ora particulares, ora do governo, sendo que este último, desde Álvaro Maia, que, diga-se com justiça, sempre deu amplo apoio às iniciativas desse porte, cedendo à evidência da inestimável utilidade do papel que a escola representa no panorama assistencial deste Estado. passou a conceder-lhe uma pequena subvenção anual.

Aí está, em síntese, o itinerário que tem seguido a Escola de Serviço Social de Manaus. É a concretização eloquente e expressiva de uma idéia feliz que se projetou do espírito de André Araújo para encontrar ressonâncias gratíssimas na alma de todos aqueles que nesta terra vivem integrados nas grandes responsabilidades sociais do nosso tempo. É a objetivação do esforço sincero de um grupo de lutadores que souberam compreender a significação do chamamento desse homem ilustre para a batalha pela implantação do serviço social no Amazonas, através da formação dos seus instrumentos mais adequados e imprescindíveis — os assistentes técnicos sociais.

APOTEOSE EUCARISTICA

TERMINOU o Congresso Eucarístico. Com essa maravilhosa demonstração de fé cristã, viveu Manaus, pela segunda vez, momentos emocionantes de esplendente religiosidade. ³⁰ Foram momentos de intensa vibração e espiritualidade católica, nos quais a fé na divindade e nos mistérios de Jesús Cristo, especialmente da sua presença eucarística, se fortaleceu na viva compreensão que jorrou da palavra de notáveis oradores.

O Segundo Congresso Eucarístico inundou esta cidade de luz fulgurante em torno da compreensão da transcendência divina. Não que o nosso povo não seja, na sua grande maioria, católico. Compreende-se, no entanto, a necessidade dessas majestosas paradas de religiosidade, que têm para os espíritos, em meio aos embates materiais da vida cotidiana, o significado de uma tomada de consciência, de uma clarinada de alerta, de um solene chamamento aos seus deveres para com Deus. de sentido sempre atual. O homem tem um destino espiritual e quando dele se afasta é necessário que se provoque o seu retorno. O retorno ao espírito, que equivale dizer, a Deus, a antítese da matéria. Não é outro o papel da religião.

O Congresso que acaba de terminar, após uma sequência de atos e práticas, onde as belezas da fé se alternaram com lúcidas expressões de inteligência, tudo culminando nessa majestosa demonstração, inequívoca e soberba, de que o povo desta cidade, como, de resto, o povo brasileiro, é religioso, tem a noção formidável do seu destino extra-terreno e vê em Cristo o verdadeiro caminho. O povo é cristão, profundamente cristão. E não só isso. É católico, compreende e sabe vibrar, com o coração e a inteligência voltados para Deus, nas práti-

cas da sua religião. É porisso um povo feliz, já que impregnado do eterno.

A presença, entre nós, de um cardeal, dois arcebispos, dezessete bispos e de um grande número de padres, figuras representativas da fina flor da intelectualidade e espiritualidade sacerdotal da igreja no Brasil, constituiu, sem dúvida nenhuma, um espírito admirável, que emprestou à notável concentração significação marcante para o êxito retumbante por ela alcançado.

E ainda uma vez Manaus, empolgada de espiritualidade e vibração mística, para honra e glória dos nossos fôros de catolicidade, exultou, de fato, sorridente, nesta apoteose eucarística que acabou de viver.

A ÚLTIMA MENSAGEM

A cidade acordou debaixo da notícia estarrecedora e emocionantemente dolorosa. Um aparelho da Loide Aéreo havia se precipitado nas águas do Rio Negro, próximo à serraria Pereira, levando consigo a sua tripulação, constituida de seis homens. 31

Comandava o gigantesco pombo metálico sinistrado o aviador João Custódio da Veiga Rezende, hoje herói e martir da aviação junto com seus companheiros, sepultado em circunstâncias impressionantes nas mesmas águas que receberam o corpo desse outro herói símbolo da civilização amazonense: Ajuricaba.

O malogrado aparelho deixara o Aeroporto precisamente às 3 horas. Dois minutos após, entretanto, o comandante Rezende avisou às estações da Fab e da Loide Aéreo que estava regressando.

Foi esta a sua última mensagem. Porque a sua sorte, como a dos seus companheiros e a do "Curtiss-Comander" que ele certamente amava e no qual vencia as distâncias como mensageiro do progresso e da civilização, estava traçada. Mergulharia no rio tenebroso, com as luzes do aparelho que comandava acêsas, como se descesse para uma festa encantada nas suas profundidades.

Mergulharia velozmente, como se ainda tivesse vencendo, dominadoramente, os espaços. Não. O comandante agora tornara-se comandado, presa do seu destino, num destino heróico, apesar de triste, que o conduziria violentamente para a eternidade, onde se encontra.

É o destino dos bravos, mártires da civilização. E o comandante Rezende, lá de cima, dos páramos celestes, na contemplação da verdade eterna, olhando este mundo aquí sub especies eternitatis, ao lado dos seus companheiros de glória, possuido de bem-aventurança inacessivel aos terrenos, deve estar sereno e satisfeito, por estar enxergando aqueles bons tempos futuros nos quais não cairão mais aviões, poupando-se à sensibilidade dos que ficam tragédias como a de sábado.

Resta que a população desta capital, cuja alma ainda se encontra sob os impactos do doloroso acontecimento, encontre uma fórmula duradoura de perpetuar o nome desses herois sacrificados, ligando-os a alguma coisa onde possam revestir o sentido da perenidade, numa justa e comovedora homenagem à sua memória.

Eles sucumbiram, tragicamente, sob a formidável massa líquida do Rio Negro, mas os seus nomes pelo menos representados pelo do seu valoroso comandante João Custódio da Veiga Rezende, não devem ficar gravados na água.

UM JORNAL DE TRADIÇÃO

Uma data caríssima para a imprensa desta terra festejada há dois dias atrás: a do 54.º aniversário do "Jornal do Comércio", não apenas o décano, mas, pode-se mesmo dizer, papai e vovô dos jornais do Amazonas. 32

Nenhum dos matutinos e vespertinos que se julgam mais antigos nesta capital havia nascido e já o "Jornal do Comércio" ostentava uma tradição de lutas e de vitórias que vinha do princípio do século.

Seus fundadores foram: Gaspar Guimarães, Rocha dos Santos e Silvestre Cirne da Costa. Mas foi o saudoso e respeitado jornalista Vicente Reis, homem íntegro, espírtio austero, metódico, correto, que imprimiu-lhe a vitoriosa orientação que o credenciou como um matutino de indiscutivel categoria informativa.

Os mais antigos, falam das tradições memoráveis do "Jornal do Comércio", apontando-lhe não só no corpo redacional como no de colaboradores nomes dos mais destacados das letras aqui do extremo-norte. Nele pontificaram, além de outros, Álvaro Maia, Paulo Eleutério, João Leda, Elviro Dantas, Adelino Costa, Crisólogo Gastão de Oliveira, Arthur Cézar Ferreira Reis e Demosthenes Carvalho.

Aos pesquisadores da nossa história, que se dessem ao trabalho de rebuscar fatos palpitantes ocorridos no Amazonas durante a primeira metade deste século, certamente que encontrariam nas edições do "Jornal do Comércio" uma fonte verdadeiramente inesgotável. E uma fonte cheia de vibrações e palpitações, espelhando a vida do Amazonas politicamente tumultuoso do princípio do século, até o advento da Revolução de 30, data a partir da qual nova ordem política e administrativa foi implantada neste Estado.

Minhas lembranças do velho e respeitável decano da imprensa local datam, entretanto, de fase mais recente, pouco mais de vinte anos. Mesmo assim, ainda o alcancei arrastando uma tradição de respeito e correção informativa que a todos impressionava.

O jornal das minhas recordações é o do tempo do Barauna, do Paulino Gomes, do Henoch Reis e alguns outros. O noticiário era padronizado. Cada assunto tinha o seu espaço certo. O diretor, sempre vigilante, procurava manter a tradição do órgão. Era infenso, por exemplo, a fazer retificações, imitando, neste particular, o "Times" inglês.

Aos inimigos do diretor, também, era muito dificil uma oportunidade de qualquer registro. Dizem que até mesmo quando morriam. O dr. Vicente era intransigente.

Outra particularidade: certos chavões para determinadas notícias. Vamos supor que um notívago qualquer errasse o mictório público que existia próximo à Praça da Matriz, na Eduardo Ribeiro e fosse surpreendido em flagrante, por um policial, bancando o jardineiro. É claro que ia "cozinhar a mona no carapanazal da Marechal Deodoro". E o título da notícia era sempre esse: "preso o homem chafariz".

Mas era um grande jornal, que zelava pela continuidade dos nossos padrões de cultura, ajudava o desenvolvimento da terra e mantinha o gosto pela matéria redacional apresentada com uma boa revisão.

Com sua personalidade jornalística formada na escola de mestre Vicente Reis, Epaminondas Barauna estava, realmente, talhado para assumir as responsabilidades que agora lhe pesam sobre os ombros, conduzindo, com elevação e descortíno, ao lado do jornalista Frederico Barata, o veterano órgão da imprensa amazonense, hoje integrante da cadeia de jornais e rádios dirigidos em todo o país por Assis Chateaubrinand.

Ao Barauna, portanto, com as homenagens deste articulista, os votos de prosperidades sempre maiores para o mais antigo dos jornais do Amazonas e sua valente e conscienciosa equipe profissional.

CLARÕES DE INTELECTUALIDADE

Alcançou o esperado êxito a festa dos jornalistas.

Realizou-se no dia 10 do corrente e, como tudo, vai escorregando para o esquecimento. 33

Naquela data, a ASSOCIAÇÃO AMAZONENSE DE IM-PRENSA comemorou o seu vigésimo ano de existência, o que ensejou a reunião da classe na sede do seu órgão de defesa para alguns momentos de confraternização.

Houve discursos e, ao final, frios e gelados, com uma clássica taça de champanha servida aos presentes.

A sessão foi aberta pelo Presidente Aristophano Antony. Como sempre, sóbrio, elegante e oportuno, pronunciou brilhante discurso. Na sua curta mas interessante falação, destacouse sobretudo a evocação dos nomes de Leopoldo Peres, Vicente Reis, Huascar de Figueiredo e de alguns outros azes do jornalismo planiciário já desaparecidos do rol dos vivos, com os quais também contou para fundar a associação dos jornalistas amazonenses. Eles já se foram, mas o que ajudaram a construir aí se encontra em ascenção vitoriosa. Foi o que ressaltou o orador.

O orador oficial da sessão foi o jornalista Aderson de Menezes. Depois de falar Aristophano, mestre inconteste, ao lado de Herculano Castro e Costa, do jornalismo do extremo-norte, ninguém mais indicado para representar os homens da imprensa do Amazonas, especialmente da nova geração, naquela casa, do que Aderson de Menezes.

Aderson, realmente, é dessas figuras que lembram todos os passos de uma geração que ainda nos bancos escolares secundários já se sentia presa às seduções da cultura, sob os impulsos de um idealismo que desprendia verdadeiras cente-

lhas de luminosidade cavalheirescas. Uma geração, diga-se de passagem, com um pouco mais de sorte que a novíssima, pelo incentivo que recebia de inúmeros dinamizadores das atividades do pensamento nesta terra. Para ilustração da assertiva, basta citar, dentre os arrebatados pela morte, Adriano Jorge, Leopoldo Péres, Huascar de Figueiredo, Monteiro de Souza, Araújo Lima, Coriolando Durand, Vivaldo Lima, Pedro Severiano Nunes, Carlos Mesquita, Péricles Moraes. Outros, como Ramayana de Chevalier, Augusto Rocha, Waldemar Pedrosa. Arthur Reis elegeram diferentes centros do País para suas atividades intelectuais (os dois últimos só recentemente voltaram a Manaus). Isso para só citar os daquela geração.

Aderson, pelo cunho marcante da sua personalidade, onde se harmonizam uma brilhante inteligência e um caráter incorruptivel, lembra-nos impressivamente os lampejos daquela época de vibração da mocidade que teve a sua consciência despertada pelos complexos problemas da vida pouco antes e durante a última guerra mundial.

Sem querer formar no grupo dos chamados LAUDATORES TEMPORI ACTI, não posso, entretanto, calar a minha opinião de que aquela mocidade era realmente corajosa na luta que empreendia constantemente visando as suas reivindicações de classe e as do Amazonas em geral. Não temia figurões. Não se agachava perante governantes. Não calava a verdade diante da infâmia, da mentira, do erro. Tenho quase certeza que ela não inspiraria ao vate português GOMES LEAL, aqueles seus célebres e contundentes versos de imprecações à mocidade, que aquí cito de memória: "É o Odio contra tí fraca geração nova... Que não sabes amar nem ter convicções... Nem ideal, nem fé, nem nervos, nem tendões. Não sabes venerar, nem sabes ter respeito..." etc.

Hoje, pelo que se sente, os poderosos e os governantes (lembram-se da campanha contra a SAVA, entre muitas outras?) podem dormir tranquilos e sem sobressaltos, face ao comodismo da nova geração.

Tempora mutantur...

Ao contrário de vários dos nossos antigos colegas, líderes estudantinos no seu tempo, Aderson pôde estratificar uma cultura sólida situando-se na vida pública desta terra, em lugar de relevo, sem renegar os seus antigos ideais. E é capaz, como os herois de legenda, de se sacrificar pela honra. Digno exemplo, para os jovens e velhos, não há dúvida.

Porisso, como afirmei acima, ninguém mais bem indicado do que ele para retraçar em panejamentos soberbos, como fez, seguindo as pegadas de mestre Aristophano, os acontecimentos e as glórias simbolizados naquela festa de congraçamento jornalístico.

O último orador, antes do encerramento da sessão, foi o intelectual paraense Bruno Menezes, presidente da Academia de Letras do Pará, que a passeio, se encontrava nesta cidade, visitando-a, como afirmou, pela primeira vez. Foi cordial e cavalheiresco, na sua breve oração, para terminar com esta tirada de sabor ufanista, nitidamente provinciano: — o jornalista planiciário dita normas para o Brasil.

Bela aspiração, não há dúvida, mas que tem também o efeito de deixar em nosso espírito a impressão já hoje sem laivos de incerteza de que nesse ufanismo, até certo ponto ingênuo, está uma das razões da nossa atitude contemplativa face ao dinamismo e o progresso dos estados mais desenvolvidos do País, dos quais, por força daquele comportamento negativo, cada vez mais nos distanciamos. Aquí, porém, como diria Dostoiewski, começa uma nova história, que não cabe neste registro. Fiquemos, mesmo, com a sugestiva impressão que nos produziu a festa dos jornalistas.



UM DEBATE SOBRE A "ALIANÇA PARA O PROGRESSO"

€ bom apreciar de longe, como quem assiste um jogo da arquibancada, torcendo silenciosamente, uma disputa entre homens que dão o que fazer ao pensamento e não se omitem face às lutæs que travam para situar os grandes problemas contemporâneos, notadamente os que tocam profundos interesses deste País. 34

Tenho acompanhado, com toda a atenção, dado o prestígio que desfrutam os contendores, se é que se pode chamar de contenda o choque espontâneo de opiniões diante de um tema abordado, a celeuma provocada pelo artigo de Dom HELDER CÂMARA, Arcebispo do Rio de Janeiro, intitulado "ESCLARE-CIMENTOS SEM INTUITO DE POLÊMICA", publicado recentemente em "O Globo", da capital guanabarina.

O artigo em questão traz um veemente rebate do famoso prelado brasileiro sobre problemas da nossa época, a situação social presente do Brasil e sua posição em face da "Aliança para o Progresso".

Aliás, ele foi publicado, conforme explica seu ilustre autor, para por luz à controvérsia provocada por uma entrevista que havia concedido a uma cadeia de TV dos Estados Unidos, na qual expressou seu ponto de vista pessoal sobre aquela discutida instituição, organizada, segundo se apregoa, para ajudar os povos americanos a solucionar seus mais cruciantes problemas sociais e econômicos.

Com sua segunda publicação, o grande Arcebispo deu mais ênfase às idéias anteriormente expendidas, reavivando, assim, a controvérsia, ao contrário do que se propôs. Daí os

artigos do jornalista e poeta AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT e do renomado economista EUGÊNIO GUDIN, ex-ministro da Fazenda, todos estampados no citado jornal carioca.

Certamente, abrindo caminho à polêmica, outros pronunciamentos devem ter aparecido, até agora, na imprensa brasileira e até mesmo, do exterior.

Proponho-me trazer aqui para o leitor, que não teve ocasião de acompanhar o interessante choque de idéias do maior interesse para a opinião pública esclarecida do país, apenas alguns dos seus palpitantes aspectos.

Vejamos o que disse, a certa altura do seu artigo, Dom HELDER:

"Preciso ser leal comigo e vocês" - escreve.

"A Aliança para o Progresso está morta:

"A primeira razão de seu fracasso parece-me esta: — era necessário estabelecer, como foi estabelecido, uma estreita relação entre as ajudas da Aliança e as reformas de base: — mas, infelizmente, nossos ricos da América Latina falam muito em reforma de base, mas chamam de comunistas aqueles que se decidam levá-las à prática.

"É facil entender: os ricos da América Latina continuam a deter 80% das terras do Continente; muitas vezes controlam o Parlamento e têm o grau de idealismo e de fé no futuro medido pelos depósitos nos bancos dos EUA e da Europa.

"Infelizmente, os ricos de vocês também criam problemas, Kennedy que o diga.

"O egoismo de muitos ricos, sua cegueira, é um problema muito mais grave e urgente do que o próprio comunismo. Só um grande movimento de opinião pública nos EUA e na América Latina poderá criar possibilidade para reformas de base como a de imposto de renda, a reforma agrária e a reforma bancária.

"Se 3 ou 4 apenas agitarem esse assunto, serão chamados esquerdistas. Se todos nós tentarmos mover a opinião pública, a força das idéias será grande como o poder atômico."

Além dessas idéias, Dom HELDER agita outras, para demonstrar os erros da Aliança, inclusive acusando os EUA de usá-la como arma política. Tais afirmações, como era de esperar, chocaram os ortodoxos do capitalismo no Brasil, com o economista Gudin à frente. Daí o empenho com que apressou-se em dar sua testada, mostrando com números que tudo o que está aí é excelente e não podia ser doutra maneira, porque, como dá a entender, é uma dádiva de Deus. Referindo ao lucro dos capitalistas, afirma:

"E é esse lucro, que tanto parece irritar o eminente Arcebispo, que supre a maior parte dos recursos necessários aos investimentos que promovem o progresso do País e beneficiam o poder de compra das massas".

Mais adiante, concluindo seu pensamento:

"O que fica para o consumo supérfluo, que tanto preocupa DOM HELDER é na realidade um preço muito baixo que se paga pela excelência global do sistema".

Como se vê o caturro ainda que consagrado economista, considera o capitalismo não apenas o melhor, mas um sistema sem mácula.

Muito mais convincente e simpática é a dialética desse outro pregoeiro das virtudes do capitalismo, o grande poeta e não menor jornalista Schimidt. Menos arestoso, sua linguagem escorre com mais amenidade e compreensão, quando sugere: — "Utilizar os ricos, convertê-los em favor da grandeza do País é melhor do que apontá-los como causas de todo o mal, mais perigoso ainda do que os soldados do materialismo".

No artigo "FIM DE CONVERSA", em que faz cerimoniosas objeções a DOM HELDER, do qual extrai aquele trecho, seu pensamento vem vestido com a plumagem da elegância, de quem sentido embora as contradições do sistema e a necessidade de reformá-lo, deseja apenas que não o seja abruptamente, com o perigo de um descambar para as subversões irremediáveis.

De qualquer forma, é agradável e até delicioso assistir de camarote, repito, tais debates em temperatura amena.

CRIMINALIDADE E MEIOS DE DEFESA

José Ingenieros, pensador e criminalista argentino, estudando, no primeiro capítulo do seu renomado livro — "Criminologia" — a formação natural do Direito Penal, remata-o com as seguintes conclusões: a) "O delito é uma transgressão das limitações impostas pela sociedade ao indivíduo na luta pela vida;" b) "A moral e o direito são resultados naturais da experiência social e se encontram em contínua formação"; c) O Direito Penal é uma formação sociológica natural, que evolui em cada momento, tentando refletir o critério ético da sociedade"; d) A evolução das instituições jurídicas é a conclusão fundamental da Moderna Filosofia do Direito." 35

O núcleo fundamental dessas idéias, onde se não disfarça uma grande dose de despreso pela metafísica, é que cada sociedade, cada povo, cada país, apresenta, na diversidade de sua evolução em busca de formas cada vez mais perfeitas, levados pelo progresso, também uma maneira particular de reação contra aqueles que lhe pertubam a ordem interna. Possuem, assim, meios de defesa pública, no combate a delinquência, à criminalidade.

Disso resulta que a evolução do Direito Penal se processa com características adstritas aos critérios éticos dominantes em cada coletividade. E o combate ao crime, a punição àqueles que, no meio social, violam as leis penais, tem variado em todos os tempos, de conformidade com as idéias morais e o estado de evolução social que cada povo apresenta, num momento dado.

Aí está o critério científico positivo em que se inspira um grande número de criminalistas modernos.

Partindo de seus postulados, realmente é que me ocorreu tecer algumas considerações em tôrno da pena de morte, na sociedade, no Estado, como meio de refreiar os impulsos criminosos daqueles que lhe perturbam a ordem, pondo em perigo a vida dos seus jurisdicionados.

A pena de morte para crimes considerados graves, foi, na antiguidade, uma norma considerada comum por todos os povos.

Sómente depois do desenvolvimento das idéias filosóficas, especialmente das morais, refletindo entre os indivíduos notável aperfeiçoamento ético, é que o Estado passou a restringir aos casos excepcionais o seu direito de punir com aquela pena os delinquentes.

A Revolução Francesa, com as cabeças ilustres que fez passar pela guilhotina, talvez tenha sido contraditoriamente, o momento que mais beneficiou a evolução daquelas idéias, preparando o caminho doutrinário para as concepções hoje dominantes entre as nações civilizadas a respeito do seu direito de punir com a pena de morte os agentes de determinados crimes.

Nos paises onde ela existe, aparece sempre como recurso de defesa extrema do Estado no combate à criminalidade. Um meio repressivo da sociedade aos seus malfeitores, visando, pelo saneamento e pela intimidação, o refreiamento das tendências anti-sociais. É uma forma de guerra interna, de que se servem mesmo algumas nações que já atingiram o mais desenvolvido nível de cultura, visando preservar aos inimigos, a vida dos seus elementos úteis, protegendo-os contra os que rompem o equilíbrio social violando as normas de coexistência.

Por isso, a noção de pena de morte como decorrência de uma necessidade indeclinável do Estado, em certas coletividades humanas, para manter a ordem e assegurar o respeito à vida dos seus cidadãos, punindo os que a pertubam por motivos fortuitos ou perversidade, encontrará ainda por muito tempo justificativa semelhante àquela que aceita a participação de um

povo, por mais pacíficas que sejam as suas tendências, nos conflitos internacionais, exercitando inclusive o direito de matar os adversários da sua soberania.

.

Em nossos dias, apesar da evolução alcançada pelas idéias políticas, sociais e morais, em quase todas as nações civilizadas, não me parece que algumas delas tão cedo possam, riscar dos seus códigos a pena capital, em certos casos em que a experiência social continua a indicar que sòmente através da força da cadeira elétrica ou do fuzilamento o Estado estará usando meios adequados de defender a coletividade contra certos criminosos bárbaros.

A luta contra o crime, contra os instintos predatórios dos indivíduos ou dos povos, tem raizes históricas inconfundíveis. E antes de passar ao plano das idéias, de se incorporar aos processos educacionais pacíficos, foi sempre exercida com o concurso da forca material, pela ação concreta e intimidativa. Nas origens e mesmo depois de um certo grau de desenvolvimento da espécie humana, o grande modelador ou repressor dos impulsos instintivos e anti-sociais foi o medo, o temor à reação contrária. Entre as nações antigas, o respeito de uma para com as outras era imposto pela força das armas, pelas possibilidades que as mais bem aparelhadas belicamente tinham de dominar suas rivais mais fracas. Na comunidade internacional moderna, são essas mesmas possibilidades que selecionam os chamados grandes países, indicando-lhes situação privilegiada, de poderio. Apenas hoje a noção de força bélica se liga, muito mais do que na antiguidade, à de poderio econômico.

Na órbita interna, portanto, afigura-se-me contrário à experiência dos fatos o sentimentalismo dos que entendem poder o Estado prescindir da pena de morte, ou seja, do direito de matar concedido, aliás, ao próprio indivíduo em determinadas circunstâncias, como meio de defesa social e de punição de criminosos irrecuperáveis, e cuja permanência no ambiente coletivo por eles atingido com a sua ação nefasta não encontra qualquer justificativa de interesse social, constituindo, ao revés, unicamente um estímulo a outras manifestações delinquentes partidas de indivíduos com tendências semelhantes.

A pena de morte, como meio defensivo da sociedade contra aqueles que lhe perturbam fundamentalmente a ordem, pondo em perigo a vida dos seus membros, foi e será até que se torne prescindivel, a forma de reação intimidativa mais eficaz empregada pelo Estado no seu exercício legal de punir. A sua necessidade decorre de uma experiência social ainda não ultrapassada, pelo menos na maioria das nações modernas. E só poderá ser posta fora de cogitação com base em critério científico, nos países onde os índices da criminalidade, notadamente os crimes contra a vida, tiveram chegado a um estado de normalidade evidenciador da predominância dos princípios éticos que orientam a conduta dos indivíduos para o repúdio às práticas homicidas.

A afirmação de Ingenieros, de que "a moral e o direito são resultados naturais da experiência social e se encontram em contínua formação" tem, realmente, cunho da mais incontestável expressão científica.

E dentro desse pressuposto, ainda por muito tempo a pena de morte terá de desempenhar papel de relevância no organismo de muitas nações modernas. É que a sociedade, para evoluir e atingir os seus fins não pode se alheiar à sua própria experiência, aquela que dita os princípios éticos e as normas jurídicas que regem a sua atividade. Fugir dessa evidência é, ilogicamente, despresar as leis da sua evolução, para dar guarida a princípios apriorísticos que não se coadunam com o dinamismo da sua realidade eminentemente flutuante e instável.

Por extranho que pareça, muitos povos que hoje a adotam, terão de conservá-la por muito tempo ainda nos seus códigos penais, enquanto outros, que deles a baniram, talvez apressadamente, como se me afigura o caso do Brasil, se encontrem presentemente na alternativa de virem a adotá-la novamente, se não quiserem assistir a decadência crescente dos seus órgãos de repressão à onda de delinqüência que infesta o seu organismo.

REFLEXÕES À MARGEM DO NATAL DE JESUS — UMA REVISTA CATÓLICA

Neste limite entre o ano que se foi e o ano que começa há, para felicidade de uma grande parte da humanidade, um fato que imprime a esta fase do tempo um cunho de renovação, que se traduz nos espíritos por um reavivar de esperanças, por um retôrno às mais caras ilusões, por um reencontro das mais risonhas perspectivas, por uma vontade férrea de recomeçar com mais otimismo, de perseguir os ideais sem desfalecimento.

É o Natal, de Jesus, a data máxima da cristandade. 38

É o Natal, realmente, que marca a fisionomia do ano novo com uma expressão sugestiva de risonho rejuvenescimento, de mocidade com clarões de sol na alma, de criança que surge triunfante para a vida.

Não fosse o Natal com as suas luminosas e suaves evocações, incutindo-nos a confiança no criador da éra da redenção, e o fluir incessante do tempo, no limite desse seu convencional divisor de águas, pouco teria de significativo para nós. Que força teria o ano novo para arrancar de nossa retentiva o número extenso de impressões desagradáveis e desalentadoras do ano velho?

Porque a verdade é que cada ano que passa, de par com as aquisições vantajosas no plano moral ou material, decorrente do aperfeiçoamento das diversas formas de cultura, e de técnica, abre-se para a compreensão e inteligência do homem uma série de problemas de difícil ou impossível solução tendente, a torná-lo cada vez mais perplexo, como se fosse um estranho no mundo de complicações por ele mesmo criadas.

É então que ele sente que vai perdendo o senso das proporções em face da precariedade dos seus próprios recursos. O caminho se lhe torna ensombreado e tende a escurecer e a consciência do seu destino metafísico dificulta-lhe ainda mais a visão. Com os passos assim incertos, tem ele a intuição de que a luz de que necessita brotará de uma sadia e segura filosofia da vida, o único meio de restauração do seu equilíbrio interior.

Felizmente, para o mundo cristão, essa filosofia aí está, com a sua luz autêntica e transfiguradora, nascida na doce paisagem da Galiléia. É o Cristo, sem dúvida nenhuma, PER OMNIA SECULA, a verdadeira luz, o verdadeiro caminho. E o Natal é o símbolo maravilhoso do encontro dessa luz, desse caminho, revestindo para o cristão o significado de uma alentadora tomada de consciência.

Muitas são as reflexões que a presença renovadora deste começo de ano nos sugere. A experiência anterior, tomada na sua devida conta, nos anima a prosseguir com serenidade, traçando os planos para o futuro. São novas idéias que surgem, novas esperanças, embaladoras ilusões. E a vida continua incorporando ao seu processo evolutivo o que é perene e deixando à margem o que é transitório, relativo, perecível. Isto nos ensina a voltar as nossas preocupações para o que é duradouro, para tudo que traz o selo das permanências do espírito.

Olhando-se esse Brasil imenso, com as preocupações espirituais e materiais que agitam a consciência do nosso povo ao influxo das suas aspirações de progresso, percebe-se que grandes são os desgastes que em nosso tempo vem sofrendo a sua civilização, motivado especialmente por uma falta de valorização dos ideais que devem informar o espírito da nossa gente.

Nota-se que o cerne da nacionalidade está sendo minado por uma marcante indiferença para com os problemas do espírito, para com os valores da cultura, cujas cogitações vão cedendo lugar a outras preocupações eminentemente materiais, esquecendo-se muitos, por desconhecimento ou por distração, que a felicidade tão sofregamente procurada é antes de tudo um estado mental, uma categoria da nossa alma.

Contra isso, faz-se necessário uma reação à altura, partindo de todas as inteligências e corações que, apesar de tudo, não hesitam em reconhecer o primado do espírito sobre a matéria, tornando-se indispensável uma ação social da Igreja de mais larga repercussão e eficiência. É preciso ensinar o povo a pensar com o seu tempo, em função do progresso da sua época, mas com os olhos fitos no seu destino espiritual, na sua alma cristã.

Foi com essas reflexões a agitar o meu pensamento, que mais uma vez, nestes últimos dias em que resolvi voltar-me de preferência para as leituras relacionadas com a grande data cristã, fiel, dessa forma, à cor local e do tempo, deparei com alguns números da revista "AMOR SUPREMO", mensário editado no Rio de Janeiro pelo "CENTRO NACIONAL DE ENTRO-NIZAÇÃO", sob a responsabilidade de Humberto Grun Moss, tendo como Redator-Chefe o Pe. Guido Logger, ss.cc., da qual sou assinante.

Trata-se de um admirável esforço de publicidade, especialmente de alguns sacerdotes pertencentes a esse centro, que são seus constantes colaboradores, como o Pe. Guido, já citado, o Pe. Mateo, o Pe. Geraldo Tiesen, o Pe. Elói Kee, o Pe. Felix Scheper, juntamente com outros intelectuais, tais como Edith Sarthou, Maria Regina, José Deni e Augusto Frederico Schimidt.

Impressa em papel de ótima qualidade, de melhor que aparece em publicações no Brasil, a revista traz sempre excelentes ilustrações, sendo que os seus artigos e notas redacionais, vasados em linguagem de notável maestria, têm um sabor de emocionante atualidade alternando-se a verdade cristã límpida e reconfortante com o humorismo depurado e suave da nota do dia. É uma publicação de leitura agradável e ilustrativa que faz bem ao espírito que nela se dessedenta e sente renovar as suas energias malbaratadas por tantas outras leituras de revistas onde transbordam o rude sensacionalismo e a falta de gosto tão comuns no cenário publicitário brasileiro.

Tornei-me seu assinante por intermédio desse magnífico campeão de entronizações do Coração de Jesus em todo o Brasil, que é o culto e simpático Pe. Felix Scheper, ss.cc. Falandome a seu respeito, dizia-me certa vez esse brilhante sacerdote e amigo, com certo desapontamento disfarcado pelo seu largo espírito, das dificuldades com que lutam os seus responsáveis para conseguir a sua saida com regularidade. E é pena que assim aconteca, porque "AMOR SUPREMO" é uma publicação de admirável conteúdo espiritualista, confeccionada com o gosto mais apurado e mesmo requintado e que faz jús a uma assinatura espontânea em cada lar católico deste País. Aos católicos de Manaus, particularmente, eu recomendaria que assinassem esse formoso mensário, de assinatura anual tão módica e tão digna de figurar nas suas estantes como leitura costumeira. Assim fazendo, estarão contribuindo, sem qualquer sacrifício, para coroar de êxitos os esforcos publicitários dos denodados sacerdotes do Centro Nacional de Entronização, objetivando aprimorar pela leitura sadia as virtudes cristãs da família brasileira.

UM PASSEIO NA SEARA FILOSÓFICA

Um telefonema do professor Agenor Lima, um convite para chegar até o Instituto de Educação onde se estavam realizando exames de licença, para professores do curso secundário, sob a orientação do Ministério de Educação, e, duas horas após, combinava eu com aquele e o professor Guy de Holanda, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, a organização de um programa dessa matéria. 37

Havia sido convidado para participar da banca que examinaria o único candidato à licença para lecionar aquela disciplina.

Não foi sem relutância, que concordei em aceitar tal incumbência. Distanciado dos dias em que a filosofia, por força das minhas obrigações letivas no Colégio Estadual, era meu prato intelectual principal de cada manhã, exagerava, por falta de maior contato, presentemente, com ela, o esforço que possivelmente teria de despender para uma tentativa de atualização mental à altura da incumbência.

Graças, porém, ao incentivo animador do professor Guy e o entendimento com outro companheiro de banca; finalmente, à convicção de estar prestando um serviço à causa do ensino e a satisfação de ter como examinando um amazonense culto e talentoso como é o Pe. Luis Ruas, logo o trabalho, presumivelmente penoso para mim, à princípio, foi-se transformando num ameno e sugestivo passeio pelas sendas do pensamento especulativo, durante três dias encantadores.

De fato, elaborado o programa e marcada a primeira prova escrita, tivemos a tomada de posição inicial do ilustre candidato com sua matéria, na qual discorreu, com a melhor desenvoltura e seguros conhecimentos, sobre "O problema do Ser na Filosofia da Idade Média".

Tema vasto e profundo, que tantas e intermináveis elocubrações exigiu de eminentes representantes da Igreja, depois de esplender com perturbadoras fulgurações em DE CIVITE DEI, com Santo Agostinho, nos primeiros tempos da era cristã, recebeu novos impulsos naquela fase da história com JOHN SCOTERIGEN, autor de DE DIVINA PROEDESTINATIONE, que fundamentou seu sistema numa intuição cíclica da realidade, com ANSELMO DE AOSTA, autor de CUR DEUS HOMO?, além de Abelardo, João Salisbury e outros, para por fim, atingir o seu apogeu, na maturidade da Escolástica, conduzido através das especulações dos árabes Avicena e Averroé e dos padres da igreja ALEXANDRE DE HALES, BONAVENTURA, DUNS SCOT, ALBERTO MAGNO E TOMAZ DE AQUINO.

O examinando, em seguida a uma síntese brilhante das linhas dominantes da filosofia na idade Média, sua vinculação com a Antiguidade, notadamente com Platão e Aristóteles, focalizou bem a questão que lhe foi proposta, demorando-se em considerações sobre a figura marcante e absorvente desse período: S. Tomaz de Aquino, o festejado e fulgurante autor do SUMMA CONTRA GENTILES e SUMMA THEOLOGIAE.

S. Tomaz, realmente, cognominado pelos seus contemporâneos o "Anjo da Escola", tal a forma privilegiada com que atuou nas tértulias com os seus coevos, situando, a um só tempo, os problemas da filosofia e da religião, é quem com maior fidelidade sintetiza as tendências da sua época.

Pe. Ruas mostrou com agudeza de raciocínio o que lhe deveu aquele período da história do pensamento especulativo. E o fez como mestre.

Achei saborosa, sobretudo, a referência àquela questão dos UNIVERSAIS, que tantas pendências e tanto esforço dialético exigiu dos homens que viveram na fase histórica das catedrais góticas, que hoje nenhuma significação oferece à especulação do nosso tempo.

Da Idade Média, já em outra prova, a oral, passamos a variados sítios do pensamento. Foi, então, que, respondendo-me a uma pergunta o candidato conduziu-me por uma das regiões que mais achava sugestivas, nos meus tempos de mais demorado convívio com a filosofia. Levou-me, a mim e ao companheiro de banca, num vôo a jato, como diríamos hoje, pelas iluminadas regiões da teoria das idéias, recordando Platão em toda a pujança e beleza do seu pensamento, sem esquecer, nas implicações da sua filosofia e da sua escola, seu imortal mestre Sócrates e seu sábio discípulo Aristóteles.

Já a essa altura, confesso que havia readquirido a bossa para sentir a filosofia. Daí ter encarado com gosto especial a interpretação do candidato ao texto de JOHN DEWEY, que lhe foi proposto.

Mas, infelizmente, com o anúncio da prova final, verifiquei que a admirável e reconfortante vilegiatura estava prestes a terminar. Ainda assim, prelibei o que seria a incursão do talentoso Pe. Ruas pela seara da psicologia experimental, na explanação que faria sobre O FATO PSICOLÓGICO e seus múltiplos aspectos.

Não me enganei. Pe. Ruas, a essa altura, já se encontrava mesmo senhor da sua condição de mestre, e repetidor emérito e brilhante da filosofia e deu a sua aula com a segurança com que um Pelé, ou um Garrincha, para usar uma imagem do nosso tempo, manejam o balão de couro nas grandes e decisivas partidas de futebol...

Depois de 40 minutos de ouvi-lo, aqui e ali interrompendoo para vê-lo cada vez mais senhor de si, deixei o recinto convicto de que ainda valerá a pena ser moço e estudante quando se tiver, na modernização da figura do antigo e ultrapasado magister dixit, professores com as qualidades de inteligência do meu amigo Pe. Ruas.

UMA VISÃO DA NOSSA ÉPOCA — OTIMISMO COMO NORMA DE AÇÃO

Exmo. Sr. Dr. Representante do Sr. Governador do Estado; Exmo. Sr. Inspetor do Colégio Estadual; Digníssimas autoridades: Nobres membros do Corpo docente; Meus senhores; meus jovens e prezados colegas, diplomados:

Defrontando convosco, nesta hora de exaltação e de encantamento para o vosso espírito, marco refulgente de uma etapa gloriosa na trajetória universitária de todos vós, muito mais profundamente eu sinto em toda a sua extensão cósmica, na exuberância da sua força incoercível, a grandeza do vosso destino de moços. ³⁸

Pertenceis a uma época verdadeiramente privilegiada da história da evolução humana. Época em que o genio criador do homem, cada vez mais senhor da sua força e da sua grandeza, pois que é ele o único ser da criação que possue a maravilhosa faculdade de prescrustar os insondáveis mistérios do universo a que pertence, enche o mundo com os prodígios da sua ciência e da sua técnica.

Com efeito, nenhuma outra época, mais fertil do que a nossa em acontecimentos e eventos surpreendentes. Na técnica, os progressos e revelações foram tão impressionantes, que a interpretaão espiritualista da vida pareceu perder terreno para a concepção que tudo subordina ao imperativo da matéria. Na ciência e na literatura, na filosofia e nas artes as alturas alcançadas foram tão formidáveis, que chegou-se a dizer que os conhecimentos humanos se tornaram muito grandes para a mente humana.

Com tais prodígios de conhecimento, nenhuma outra época se tornou mais propícia para o homem informar-se sobre a significação real dos seus problemas, traçando-se e ansiando por normas de conduta mais consentâneas com a harmonia e o bem estar social, moldando a felicidade coletiva. E só um desconhecimento da história levará alguém a afirmar a inexistência em nosso tempo de condições que favoreçam a marcha do progresso social, sem ultrajar ou ferir a imanente dignidade humana.

Certamente que, para pensadores que observam a trama social utilizando lupas de côres acinzentadas, o mundo moderno marcha para a ruína.

No entanto, todo aquele que debruçado sobre a vida dos povos contemporâneos, sem transigir com o extravasante otimismo de Leibnitz, evite abismar-se no budístico pessimismo de Schopenhauer, em meio ao tumulto envolvente, retraçará, sem dúvida, uma tela capaz de refletir a beleza e a pujança da civilização a que pertencemos.

É um mundo que anseia por superar-se a si mesmo e onde se estão processando, com fundamento na experiência da espécie, os mais perfeitos reajustamentos.

As tendências e vocações unificadoras do nosso tempo têm gerado as convulsões sociais que perturbam a paz do século.

Na antiguidade, apesar do esforço especulativo de alguns dos seus gênios de primeira grandeza, não encontramos os anseios universalistas que assoberbam os povos modernos.

Vejamos a Grécia, abalada pela efervecência das idéias que produziram a sua gloriosa civilização.

Nem o fisicismo dos jônicos como Anazagoras; nem o subjetivismo de Heráclito ou o de Protagoras, para quem — o homem é a medida de todas as coisas; nem o agnosticismo de Sócrates, afirmando de seu pedestal de moralista incorruptivel: — só sei que nada sei; nem o idealismo de Platão, o socialista, ou o enciclopedismo de Aristóteles; nem o amoralismo do cínico Diogenes; nenhuma dessas doutrinas, teve, por si só, força para elevar o pensamento antigo impondo uma consciência universalista. Bem ao contrário, a nossa época se caracteriza pela predominância de anseios universais dentro dos quais se degladiam sistemas doutrinários, ideologias contraditórias.

Antigos e respeitáveis sistemas metafísicos, que fizeram a glória de eminentes representantes da nossa espécie e por muito tempo satisfizeram a curiosidade nata de saber que vive no homem, se viram hoje ofuscado pelo brilho falso de filosofias sociais que estão sacudindo os alicerces da sociedade.

É assim que, cérebros de pensadores robustos como Spengler, delineando uma síntese onde o Ocidente aparece como uma civilização em declínio, preconizam uma época de fastígio para as culturas mais novas. Outros, como Keyserling, levantam um quadro da sociedade moderna onde só os valores morais e os conceitos aristocráticos da inteligência assumem o privilégio de fatores de evolução social. Maritain, para o qual o homem, existencialmente considerado, pode dizer-se que é um ser ao mesmo tempo natural e sobrenatural, postula um humanismo integral como capaz de evitar a crise da vida moderna. William James, preconizando e influenciando na América do Norte o exercício de uma filosofia que vê a verdade na ação; Marx e Engles assentado na base da evolução coletiva o primado dos fatores econômicos; todos esses pensadores, ao lado de muitos outros, pela Influência das suas concepções na direção dos espíritos, disputam-se a palma da orientação universalista.

Comporta-se o homem moderno, diante dessas idéias, como as árvores de grandes copagens, batidas pelo temporal.

De perto, é a impressão dominadora do vendaval. Mas a distância diminui também a intensidade da impressão.

Para muitos, a sociedade moderna está quase em ruínas. É a ilusória impressão de quem é acossado pelo temporal e pensa que vai sossobrar.

Porque a verdade é que, de Heráclito a Hegel, de Parmênides a Kant, de Leao-Tse a Rousseau, de Santo Agostinho a Bergson, a história nos mostra que foi sempre uma constante da natureza humana a ânsia de progredir e a capacidade de lutar pelos seus ideais. Quando vier a revisão da história, certamente, os quadros da vida atual ressurgirão, depurados pela luz da verdade, na sua legítima expressão de força e de engrandecimento.

Meus prezados colegas:

Após oferecer-lhes a largos traços, o que chamarei uma visão, na esfera do pensamento especulativo, da nossa época, dirigirei minhas derradeiras palavras especialmente a vós.

Alcançando o término de um curso em que vos revelastes inteligências primorosas e atentos às grandes responsabilidades da vossa época, deveis manter viva em vosso espírito a convicção de muito que podereis ainda fazer em prol do progresso social e da grandeza da nacionalidade.

Recolhestes, no vosso curso, o que há de indispensável $\hat{\epsilon}$ formação de uma cultura humanística.

Do vosso espírito largo, da grandeza do vosso coração, da lucidez da vossa inteligência cuja demonstração insofismável e eloqüente acaba de ser dada pelo vosso brilhante orador, posso eu atestar e sei que é uma segurança para o êxito da vossa trajetória futura.

Qualquer que seja, no entanto, a extensão que venha a alcançar o vosso campo de cultura, não deveis julgar isto motivo de deslumbramento e orgulho insensato, pois que a modéstia é a mais iluminada das virtudes das pessoas cultas.

Para isso nada melhor do que banhar os vossos conhecimentos nas águas tépidas da filosofia. Como já se vos tornou familiar, só a filosofia nos confere respectivas, iluminando o caos por vezes estonteantes do mundo em que vivemos. Só ela humaniza os nossos conhecimentos, fazendo-nos ver as coisas à luz do todo e à luz da eternidade. Sei bem que outros espíritos menos avisados e não afeitos ao trato e ao convívio sugestivo e ameno da ciência que imortalizou Platão, sob a influência dos brutais imperativos da sede de lucros da sociedade em que vivemos, perguntarão: de que serve a filosofia se ela não nos torna ricos da noite para o dia, recheiando-nos a carteira? E eu responderei com um pensador americano: "Certamente que nem sempre a filosofia nos faz ricos e parece mesmo às vezes bastante descuidosa das coisas materiais. Mas de

que vale engordar a carteira, subir a altos postos e permanecer na ignorância ingênua, desapetrechada de espírito, brutal na conduta, instável no caráter e cegamente infeliz?"

Cultivai a filosofia porque, rainha das ciências que ela é, será para vós a mais esclarecedora e prestativa das amigas.

Sois testemunhas das profundas transformações sociais do vosso tempo. Se quiserdes ser um elemento útil em vosso meio, precisais viver em função da vossa civilização. Estais bem a par do que são as categorias de entendimento, das questões de espaço e tempo. Sabeis distinguir o nômeno e o fenômeno, ou seja, entre a realidade e a aparência e quanto dista a realidade verdadeira da realidade conceitual. Enfim a vossa visão dos problemas filosóficos vos capacita a colocardes com segurança os problemas atuais.

Nada de pensar que os problemas que deram origem à inquietação contemporânea são um apanágio do nosso tempo.

Tudo isso é uma questão de perspectiva. E esta podeis haurir nos sólidos conhecimentos que levais desta casa.

Vosso espírito, engalanando-se para esta festa, apresenta sem dúvida uma feição resplendente e impoluta que deveis procurar o mais possivel conservar.

Deste modo, qualquer que seja a carreira que tiverdes de abraçar, deveis encarar com dignidade e nobreza de sentimentos as responsabilidades que ela envolver.

Se abraçardes a advocacia, sede uma sentinela avançada do direito, amparando com sobranceiria e destemor principalmente o direito daqueles que contendem com os poderosos.

Se médicos, dái à vossa profissão um sentido humanitário, não esquecendo que entre a doença e a vida paira ameaçadora e implacável a figura insondável da morte. Muitas outras profissões podereis seguir. Em qualquer delas, levai como advertência e condição da sua produtividade, o arraigado sentido do dever, a inafastável noção da responsabilidade.

Se, todavia, algum de vós, entre as diversas profissões, abraçar o magistério, não deveis esquecer que há no destino humano do professor uma tríplice missão de ordem científica, social e moral. Da sua missão moral e social o professor só tri-

unfará se for um elemento integrado na cultura da sua época, e nos valores da civilização. Quanto à missão científica do professor, depende de ele saber conjugar, como afirmou Tristão de. Athayde, o verbo aprender.

Esse verbo tem de ser conjugado diariamente. Porque, ai do professor que se julga eximido do dever de aprender. Deixará de ser um elemento esclarecido para se transformar no agente negativo do ensino, do magistério. De fato, quem se limita a ficar no lugar em que se encontrava na véspera, certamente que será vencido pelas exigências dos dias seguintes.

Para que o professor esclareça a juventude de que depende o êxito da civilização, tem primeiro de ser um elemento esclarecido. Se escolherdes essa carreira, que a encareis com o mais profundo carinho, meditando largamente sobre a nobreza da vossa missão, aprendendo e aprendendo sempre.

Glória, portanto, a todos vós, futurosos colegas, neste instante triunfal, em que há clarões de sóis e brilho de estrelas em vossa alma.

.

A MORTE PREFERE OS BONS

Dentre as pessoas pertencentes a esta terra por nascimento ou a ela radicadas pelo trabalho e pelo coração e que se foram do rol dos vivos nesta última quinzena figuram: ³⁹ o dr. Madureira de Pinho, renomado médico, de família tradicional, que tão bons serviços prestou durante dezenas de anos á causa da saúde do Amazonas; o professor Abílio Alencar, professor da estirpe dos educadores eméritos, desses que transformam a função de ensinar num sacerdócio iluminado por um sagrado e refulgente idealismo; uma verdadeira glória do ensino e da educação nesta terra; o desembargador Armando de Queiróz Teixeira e o estudante Carlos Donizetti.

Com estes dois últimos, mantive convívio demorado, relações estreitas, porisso faço questão de deixar aquí, à guisa de homenagem póstuma, profundamente sentida, algumas impressões recolhidas de ambos e guardadas no escrínio das minhas mais puras recordações.

A minha primeira e viva lembrança do desembargador Armando Teixeira data de Manacapuru, ao tempo em que eu cursava a última série elementar do "Instituto Araújo Filho", estabelecimento de ensino dirigido então pelo atual desembargador André Araújo, que ao tempo era juiz de direito da comarca daquele município.

O desembargador Armando Teixeira exercia ali o cargo de promotor de justiça e fora convidado para examinador dos alunos daquele instituto. E foi ele quem me deu "distinção e louvor", na minha prova escrita, segundo afirmou, especialmente por causa da minha letra.

Na verdade, o que mais me impressionara não foi a nota atribuida à minha prova, mas sim a letra do examinador, cali-

gráfica e admiravelmente bem feita. Já então a fama do promotor corria como a de um homem inteligente, culto e educado. O tempo, de fato, concorreu para robustecer em meu espírito a convicção de que o promotor que me dera no "Instituto Araújo Filho" uma estimuladora "distinção e louvor", com a sua letra bonita, límpida e bem delineada, deixava antever na sua grafia apenas a transparência das suas robustas e cristalinas qualidades morais, a que emprestavam natural relêvo os dotes da sua inteligência bem cultivada.

Já exercitando as lides forenses, pude estar em contato mais estreito com o antigo promotor de minha terra natal, depois membro da magistratura, quando o mesmo assumiu a 2.ª Vara Cível desta capital. E uma aproximação maior com o seu espírito, que muitas vezes tanto contribuiu para modificar as admirações formadas de impressões à distância, mais ainda robusteceu-me a conviçção em torno ao seu valor pessoal, às suas qualidades de juiz íntegro, de carater retilíneo, às características humanísticas da sua formação cultural.

Os que militam no foro desta cidade estão lembrados do movimento que o desembargador Armando Teixeira imprimiu aos trabalhos da vara cível que ocupou como juiz. Era um juiz cem por cento, de uma capacidade de trabalho admirável e de uma fé de ofício edificante. Era daqueles juizes que acreditam no direito, que não encaram a função judicante apenas como um mero ganha-pão. Possuia uma firme consciência de jurista e uma noção alevantada das suas grandes responsabilidades de julgador. Porisso, era um julgador impessoal, de horizontes enlarguecidos, desses que não vêem a parte, nem o advogado mas o direito e a justiça que deve distingui-los, em meio ás suas contradições. A sua compreensão humana dos seus deveres de magistrado era tão profunda, que assenta-lhe à maravilha o designativo de juiz-filósofo. Ao contrário de tanto magistrado cheio de empáfia, birrento, brigalhão, perseguidor, mesquinhamente ambicioso, estreito na maneira de ver as coisas e os homens, comuns nesta terra como em toda parte, era o desembargador Armando Teixeira um padrão de dignidade humana e profissional, perfeitamente imbuído de idéias compreensivistas em

torno da precariedade do destino humano, das paixões dos litigantes, das fraquezas dos que comparecem aos pretórios, inclusive das fraquezas que muitas vezes traem o próprio desejo de acertar dos juízes.

Foi o desembargador Armando Teixeira, não há dúvida, um grande juiz, um homem ao mesmo tempo grande e bom, que morreu pobre, que se sacrificou pela causa da justiça, cujas energias físicas e mentais foram tão cedo dessoradas e, finamente, aniquiladas, em virtude mesmo da transcedente convicção e da predestinada obstinação com que procurava cumprir o seu dever.

À semelhança de muitos outros bachareis que iniciaram a carreira profissional enfrentando a hostilidade característica do nosso hinterland, daí saindo marcado por desgastes físicos irremediáveis, ele pagou caro as inclinações do seu idealismo.

E o Amazonas perdeu um dos seus filhos mais ilustres.

A morte do estudante Carlos Donizetti deixou também uma viva impressão no meu espírito. Conheci-o no Colégio Estadual. Na terceira série científica. Logo às primeiras aulas, pude constatar que se tratava de aluno diferente, de notável aplicação, de uma inteligência ávida de saber, apaixonado pelas incursões progressivas no terreno das ciências e da filosofia. De porte bem feito, lembrando a beleza de um afebo da Helade antiga, Carlos Donizetti era desses adolescentes cuja presença logo fazia pressentir uma aura de dignidade, de altivez, desses moços que fazem a gente pensar no futuro glorioso da mocidade, desses que levam a gente a acreditar que em breve a terra hoje tão indigentemente servida, contará com um contingente maior de homens de bem, a lutarem em favor das suas legítimas aspirações de progresso e grandeza.

Era um estudante que procurava a sua dignidade, e como torná-la maior. Sem dúvida nenhuma, marcado por um futuro luminoso, não fosse o traiçoeiro golpe que o destino viria a lhe desferir, como acaba de fazer.

Em filosofia, disciplina onde melhor pude observar os predicamentos do seu espírito, mostrava-se o estudante completo, possuido daquela curiosidade inata, daquela perplexidade diante do desconhecido e do universo misterioso e que é, como dizia Platão, a primeira virtude do estudioso da ciência por excelência, da "regina scientiarum". Contam os outros meus colegas do Colégio Estadual, que também o tiveram como aluno, que ele foi sempre um estudante de excelentes qualidades.

Não obstante a facilidade com que sua inteligência penetrava os estudos especulativos, que faziam entrever fosse ele seguir a carreira jurídica, Carlos Donizetti presentemente estava tirando o curso de engenharia pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. E o fazia, segundo os informes dignos do maior crédito, com brilho e possuído das mais lisonjeiras esperanças. É quando a morte o surpreende disfarçada numa congestão cerebral. Surpreende-o sozinho, como que perdido na metrópole arrazadora, personificando, indiferente às surpresas do destino cruel, os anseios e esperanças dos colegas, professores e amigos provincianos, que aquí continuarão firmes nos seus postos, como guardiães daquela chama sagrada de esperança que crepitava na sua inteligência e no seu coração.

Como no caso do desembargador Armando Teixeira, aquí, entre os estudantes, a morte escolheu um bom. O que induz a este raciocínio, desconcertante: a morte, muitas vezes, nos desconcerta e nos impõe amarga decepção ao preferir, entre tantos mortais, inexplicavelmente, os bons, levando-os prematuramente do nosso convívio.

UMA DATA CARA AO AMAZONAS

Meus senhores: Minhas senhoras:

Honrando com o tributo da confiança com que me distinguiu o nobre presidente deste sodalício, convidando-me para falar nesta festa sobre a caríssima data que hoje todos comemoramos no Amazonas, em meio à mais profunda e sentida emoção cívica, aquí estou, certo de que essa distinção traduz menos uma homenagem à minha pessoa, do que aos símbolos e valores que eventualmente encarno, na qualidade de membro do magistério amazonense. 40

Confesso, todavia, que, à força de penetrar e procurar perscrutar os problemas que afligem a nossa época e a nossa terra, dentro dessa preocupação comum a todos os homens de responsabilidade, notadamente aqueles que têm sobre seus ombros o peso das atividades do ensino e da educação, me sinto muito pouco à vontade e talvez sem forças para fugir aos imperativos da hora presente mergulhando, numa atitude evocativa e emocional, no fundo azul desse passado distante onde vivem e se movimentam, envoltas em auréolas fulgurantes, as gloriosas figuras da nossa história.

Na verdade, dificilmente uma classe sentirá mais amargamente os grandes dramas do nosso tempo, com todas as suas angústias, as suas inquietações, os seus triunfos e as suas decadências, como a dos professores.

O imperativo brutal dos momentos menos felizes, nos quais experimentamos a tristeza de constatar que o nosso trabalho nem sempre é compensado, nem sempre atinge o seu desiderato, incorporando-se à trama da nossa consciência, talvez nos impeça de sentir em sua plenitude mesmo no meio das trevas, o clarão dos movimentos embaladores e confortantes, em que nos domina a certeza do dever cumprido, de ter plantado, no espírito da infância e da juventude, a boa semente, para o futuro e para a eternidade.

Todos os que concorremos com o nosso quinhão de sacrifício na tarefa de educar as novas gerações, pensem o que pensarem a nosso respeito os incompreensíveis inimigos do magistério, desempenhamos, na verdade, uma tarefa nobre na sociedade.

Nenhuma satisfação, de fato, para quem possui uma compreensão exata do destino humano, da sua condição de caminhante transitório por esta vida e das tarefas que lhe incumbem no convívio com o seu semelhante, tendo em vista a evolução social e o aprimoramento dos valores individuais e coletivos, sobreexcede a daqueles que trabalham o barro imaterial das consciências em idade escolar.

Diante de inteligências em formação, de sensibilidades em desenvolvimento, de caracteres que se organizam, sentimos todos a satisfação de estar em presença de formas representativas da perfeição criada.

Nada, realmente, exprime melhor a beleza e o poder da criação, do que a alma da criança e da adolescência.

E não foi outro o sentido que o grande Rui nelas encontrou, quando, dirigindo-se aos moços do Colégio Anchieta, afirmou que

> "a honra de com eles se entreter sobreexcedia em goso a todos os momentos de vão orgulho e inútil embriaguez que a tribuna lhe pudesse ter dado."

> "É que na tribuna — continuava o insígne baiano — "espargia os meus rebates de atalaia, as minhas vozes de guerreador ou os meus vaticínios de profeta, ao passo que hoje, aquí, serei apenas a mão chã do semeador, semeando algumas sementes de bem no torrão virgem do seio que me abris."

Essa alegria e esse enternecimento, que tocam a sensibilidade do professor quando em presença dos seus discentes e quando medita sobre o caráter dignificante da sua missão, nem sempre podem ser hoje experimentados em sua plenitude.

Percebemos sem esforço que as brutais necessidades da vida hodierna, a sede de ganho e a neurose materialista que domina os espíritos, procurando mercantilizar mesmo os ideais mais caros, vêm impondo a todos, inclusive aos que exercitam a sua atividade nas escolas, educando a mocidade, tremendas preocupações e decepções seríssimas.

Seria inoportuno fazer aquí uma análise das transformações sociais que assistimos em nossos dias, obrigando-nos a uma completa revisão de valores.

Como afirmou Alex Carel, a produção do homem tornou-se muito grande para a mente humana, dando a impressão de que o homem vai se tornando cada vez mais estranho nesse mundo maravilhoso por ele mesmo criado.

Esse acréscimo extraordinário, produzido pelo espírito humano, especialmente na técnica, trouxe como resultado uma necessidade indeclinavel de reajustamento dos valores outrora tidos como eterno, de modo a se enquadrarem nas exigências de progresso do nosso tempo.

Mas essa ânsia de reajustamento e de revisão, remodelando estalões de conduta e de pensamento que durante séculos e mesmo milênios serviram de sustentáculos à civilização, que se transformou no espírito dos dias atuais, nem sempre tem atingido as suas reais consequências. Bem ao revés os exageros que informam os surtos reivindicantes do homem contemporâneo vêm se tornando num dos motivos determinantes da crise do mundo moderno.

Em meio à maré das transformações, não seria dificil que o professor, esse artifice admirável da vida coletiva, tivesse também o seu quinhão de injustiças, de incompreensões e de sofrimento, com indiscutíveis prejuizos para o êxito da sua luminosa missão. É o que vem sucedendo ao professor, em particular, e ao magistério, em geral, nos dias que correm.

Mas este é um momento de festa para esta casa e melhor será que conservamos o espírito cordial e alegre, de modo a que bonitos símbolos e nobres evocações alvorocem a fantasia e o coração de todos, em sintonia com a vibração que percorre nesta data os múltiplos quadrantes do nosso Estado, ao comemorarmos mais um ano da sua emancipação política.

Toda a culta assistência que me ouve, acostumada ao convívio das páginas emocionantes da gloriosa história do Amazonas, tem bem em mente os lances dramáticos que perpassam a sua evolução, inclusive o esforço dispendido nesse sentido por bravos e patriotas antepassados. Mas não basta que contemplemos, em mística rememoração, a grandeza desses heróis.

É preciso, mais do que isso, que nos impregnamos do espírito de luta que os animou, que impulsionou as suas arrancadas gloriosas, transformando-os em construtores do Amazonas.

Só assim, na verdade, seremos dignos desse pasado e tomaremos posição relevante na tarefa de continuá-lo, pugnando pelo maior desenvolvimento material e cultural da nossa terra em consonância com os irreversíveis impetos de progresso do Brasil.

PARTE V

VARIAÇÕES SOBRE

PROBLEMAS AMAZÔNICOS



SOBRE UM CURSO DE AMAZONOLOGIA: AULA INAUGURAL

Um acontecimento da maior expressão nos meios culturais do Amazonas foi a palestra feita ontem, na sede da Associação Amazonense de Professores e sob seus auspícios, pelo escritor conterrâneo Arthur Reis. 41

Uma palestra sobre assunto em que aquele intelectual é autoridade incontestável no Brasil, ou seja, a questão da formação do nosso povo partindo das suas origens indígenas, que será desdobrada em quatro aulas sucessivas, se constituirá, segundo a programação do seu ilustre autor, num verdadeiro curso de amazonologia, pela primeira vez ministrado em nosso meio.

Conforme acentuou o dr. Arthur Reis, com o seu alto gabarito de conferencista e o maior conhecedor em nossos dias da formação social da gente amazônica, sua estratificação multiforme, sua gênese cultural, impõe-se, sobretudo nesta hora, aos intelectuais e estudiosos do Amazonas a indagação em torno das nossas origens, para uma melhor compreensão das características da nossa gente, sua evolução histórica e suas reivindicações na paisagem sócio-política brasileira. Esse conhecimento aprofundado, de fato, nos seus múltiplos aspectos, nos dotará de recursos intelectuais para mostrarmos ao resto do Brasil e ao mundo o que somos e o que valemos.

O autor de "História do Amazoras" iniciou, realmente, em hora oportuna o curso de amazonologia a que se propôs. Graças aos seus conhecimentos largos e aprofundados do assunto, à sua indiscutivel autoridade intelectual, somados ao grande amor que devota à sua terra tão sobejamente demonstrado no plano administrativo quando da sua permanência à frente da

SPVEA, esse curso se prenuncia destinado a alcançar um retumbante êxito.

A palestra inicial ou primeira aula, aquí comentada, teve a acolhida e a repercussão merecida entre nós. De há muito a elite cultural amazonense estava precisando de ouvir alguém capaz, pela sua indiscutivel autoridade, de nos conduzir numa espécie de viagem sentimental às fontes verdadeiras de nossa origem indígena, de maneira a podermos avaliar o débito amazônico para com o íncola. Essa viagem, ou passeio, é o que nos está proporcionando de forma inusitada o notável amazonense que é o dr. Arthur Reis. Daí a afluência de intelectuais e estudiosos à sede da Associação Amazonense de Professores, gentil e compreensivamente colocada pelo presidente André Araújo à disposição do emérito prelecionador.

SOBRE UM CURSO DE AMAZONOLOGIA: SEGUNDA AULA

Voltou a Sociedade Amazonense de Professores a ser palco de uma parada de cultura, com a segunda aula ali prelecionada pelo amazonólogo Arthur Reis.

Como aconteceu na primeira, a assistência correspondeu plenamente à expectativa. É de assinalar, com satisfação, nessee **Putirum** de inteligência cabôcla, promovido pelo festejado autor de "A Política de Portugal no Vale Amazônico", o entusiasmo sadio que ele consegue comunicar aos seus ouvintes com respeito aos estudos de sua especialidade.

Sente-se que a Sociedade Amazonense de Professores, impulsionada pelo seu ilustre e culto presidente, dezembargador André Araújo, está vivendo, com essas aulas, ou conferências, um dos seus luminosos momentos, completamente integrada num dos seus altos desideratos, que é o estímulo ao desenvolvimento da cultura em nossa terra.

O dr. Arthur Reis falando, de fato, a um público seleto, intelectualizado e consciente vem conseguindo reconduzir o espírito dos que o ouvem à esteira daquela esperança indispensável ao prosseguimento da luta em prol deste pedaço ainda bem esquecido de terra brasileira. Outra coisa não é, realmente, o interesse com que universitários, intelectuais diversos, senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade vêm encarando as suas eruditas e brilhantes preleções lembrando-se, por associação de idéias, o que nos contam os biógrafos de Henri Bergson ao se referirem ao entusiasmo que suas conferências realizadas em Paris, no princípio deste século, despertavam nos amantes da filosofia que compareciam, ávidos e embevecidos, aos salões onde pontificava o renomado pensador, para ouvir as suas memoráveis lições.

"Bergson", afirma Wil Durant na "História da Filosofia", "conquistou rápida popularidade porque vinha em socorro das esperanças que ardem eternamente no peito humano."

No caso dos que aquí vivem, será que não arde, também, a esperança de que a hoa terra se atrele ao carro do progresso

como expressão polítcia, social, econômica e cultural ao nivel das principais unidades da Federação? Só posso responder afirmativamente.

Ao término da aula, comentando comigo a afluência das pessoas intelectualizadas alí se encontravam, Djalma Batista, escritor e sociólogo que todos admiram pelo rigor científico das suas observações, fez esta afirmativa interessante: — Vamos torcer para que isto seja um marco!

Esse também é o meu desejo e, ao que penso, de todos que estão ouvindo o dr. Arthur Reis na sua série de preleções.

A influência dos salões de conferências no desenvolvimento dos padrões de cultura de um povo, ou de uma cidade, é muito maior do que à primeira vista a maioria das pessoas imagina. Os conhecimentos fitidamente livrescos, autodidáticos, adquiridos nos recessos dos gabinetes sem o teste posterior da sua confrontação ou, mesmo, depuração através das discussões em grupo, no debate público, da publicidade na imprensa, em revistas e em livros, tornam-se costumeiramente instrumento para manifestações egoísticas dos seus possuidores, de personalismos socialmente inoperantes, sem qualquer reflexo benéfico no meio a que aqueles pertencem.

O fato que hoje se constata no Amazonas, caracterizado pelo retraimento quase absoluto das elites intelectuais ao debate público dos nossos problemas, evidencia uma contradição desconcertante entre as pretensões de cultura dessas elites e a sua falta de participação no estudo e apresentação de soluções para as questões que, por não serem resolvidas, vão criando progressivamente as condições de vida desfavoráveis que a todos preocupam.

As consequências dessa emissão estão aí aos nossos olhos, com o agravamento de uma infinidade de problemas que vão transformando Manaus e o Amazonas em geral, na ausência daquele "paraíso do impaludismo" como que nos estigmatizou, certa vez, o poeta Manuel Bandeira, se não me engano, recebendo Peregrino Júnior na Academia Brasileira de Letras, num paraíso pior, porque fruto da nossa inércia e da nossa inoperância.

As condiões alimentares que cercam atualmente os qui aquí vivem ilustram à maravilha essa assertiva. Nossa fauna é riquíssima e variada em espécie ictiológicas. Na capital e no nosso interior, apesar disso, passa-se fome. É que o pescado, face à desordenada expioração predatória, tende até a desaparecer.

Na agricultura e na pecuária, não produzimos sequer para as nossas necessidades. O resultado é que a grande massa de povo vive sub-alimentada, definhando, minguando.

O inventário seria longo, se apontássemos todos os problemas que nos afligem, os serviços públicos que funcionam precariamente nesta terra, sobretudo porque sofremos a influência de uma retrógrada mentalidade que subestima a participação dos técnicos e entendidos no estudo, na pesquisa e apresentação de soluções adequadas às questões vitais do Estado.

Em Manaus, por exemplo, nota-se uma intensa atividade filantrópica de que participam pessoas da nossa mais alta sociedade. Mas essa atividade que reveste, certamente, um sentido de alta compreensão e solidariedade humanas, eis que objetiva minorar o sofrimento de pessoas desajustadas, está longe de produzir os efeitos de ordem geral que só colimam as medidas de base, as soluções que visam atacar as causas dos problemas.

Tais soluções de base é que conferências como a do dr. Arthur Reis poderão suscitar, atraindo a atenção das elites para o estudo e debate dos problemas que afligem a Amazônia, em especial este Estado.

Nesse sentido é que Djalma Batista, com sua peculiar argúcia, afirmou que ela poderá se constituir num marco a partir do qual outras memoráveis tertúlias se sucederão, criando ou robustecendo a consciência dos estudiosos do Amazonas em derredor à necessidade de uma rova conquista deste rincão pátrio, ou seja, da sua recuperação econômica, para usar um slogam em voga.

.

Seria difícil, quase impossível, acompanhar com minúcias os múltiplos aspectos da conferência do dr. Arthur nesta sua segunda aula.

O tema, agora encarado no seu prisma nitidamente histórico, mais fechado, compacto, girou em torno da conquista da Amazônia pelos portugueses, nos séculos XVII e XVIII. O título é precisamente este: "O Realismo Português no Descobrimento e na Exploração da Amazônia."

Historiador e historiógrafo da Amazônia, para muitos o maior de nossos dias, facil foi ao conferencista mostrar, servindo-se de variadas fontes, algumas de primeira mão, o que foi o senso realístico dos desbravadores da região naquela fase histórica. Reconstituiu, para os que o ouviam, cenários e episódios movimentados por uma interpretação própria, onde a conquista da planície amazônica surge como uma emprêsa da maior envergadura, planificada, com objetivo definido, nela intervindo a um só tempo autoridades civis, militares e eclesiásticas, missionários franciscanos, carmelitas, jesuitas e mercedários.

Como frisou o emérito prelecionador na sua aula inaugural, falando para um público cuito ele não iria senão relembrar, à luz da sua interpretação pessoal, aspectos palpitantes da história do Vale.

Dessa forma, dirigindo-se a um auditório intelectualizado, o orador tem conseguido alcançar plenamente o seu objetivo que é, pelo que entendo, acima de tudo, revelar com sua aguda e penetrante visão histórica o esforço inaudito e a forma planificada com que foi empreendida a conquista da Amazônia pelos portuguêses. Tarefa imensa, ciclópica, como acentuou, em que o senso realista dos desbravadores e plantadores da civilização aqui destas bandas, naqueles idos heróicos, preparou o cenário para o desenvolvimento de uma sociedade que seria, mais tarde, chamada de intrusa justamente porque vivendo num espaço tropical, à primeira vista, absolutamente hostil ao pro-

gresso da civilização. Esse carater hostil foi sobrepujado, realmente, pela bravura dos conquistadores lusos, que se portaram à altura da sua portentosa missão, justificando plenamente o entusiasmo de Joaquim Nabuco quando afirmou ter sido a conquista da região amazônica o mais importante feito da gente lusa no Brasil.

SOBRE UM CURSO DE AMAZONOLOGIA: TERCEIRA AULA

O assunto dessa aula foi o seguinte: "O BRASIL, CRIA NA AMAZONIA A SUA ÁREA IMPERIAL. A POLÍTICA DA CONSOLIDAÇÃO TERRITORIAL".

Auditório — o mesmo. Recinto: Sociedade Amazonense de Professores.

Às 17 horas, precisamente, o desembargador André Araújo deu início à aula e passou a palavra ao dr. Arthur Reis.

Como na aula anterior, o tema foi desenvolvido seguindo lineamentos nitidamente históricos, havendo o ilustre historiador amazonense demonstrado, com simplicidade e sem esforço, o seu convívio com os arquivos, com as fontes, com o documentário informativo da nossa história.

Durante a leitura da sua conferência, de quando em vez, ele a interrompia para fazer referências a pesquisas pessoais, que evidenciavam, ao intelectualizado auditório que o escutava, a sua qualidade de conhecedor profundo da nossa realidade histórica, a qual vem estudando e pesquisando há mais de duas décadas. Daí porque, abordando um tema fechado, qual seja o drama da conquista da Amazônia e a sua consolidação territorial para o Império, o dr. Arthur o fez sempre com a maior erudição e brilho, dando vivacidade aos fatos que narrava ou em tôrno de cuja narrativa tecia ligeiros comentários.

Na aula em apreço, conseguiu fixar os seguintes aspectos que poderão servir de roteiro de estudo não só aos que a assistiram sem tomar notas, como, ainda, àqueles que, de longe, vêm se interessando pelo curso.

Inicialmente, o orador falou da luta que se verificou no Brasil pela implantação do regime constitucional, oportunidade em que mais se avivou a campanha pela incorporação da Amazônia ao Império.

Referindo-se à cobiça que a região despertava no estrangeiro, mencionou a presença de um barco de guerra no Guamá, no Pará, que aí surgiu como uma advertência sobre a necessidade que tinhamos de lutar pela consolidação do nosso território. A essa época, de fato, começa a se acentuar o descaso do governo brasileiro pela região, principalmente porque, durante o período colonial as relações da Amazônia com os poderes centrais se faziam diretamente através da Metrópole portuguesa.

O governo do primeiro presidente do Grão Pará, com sede em Belém, coincidiu com um período de intensa inquietação da gente amazônica, só vindo a serenar após a prova das armas, num combate decisivo que teve lugar em Monte Alegre.

De 1835 a 1840 novamente se agita a Amazônia, desta feita com uma guerra fratricida que se caracterizou por morticínios e pilhagens as mais absurdas e criminosas. Foi durante a chamada Cabanagem liderada, entre outros, por Vicente e Angelim.

Esse movimento armado, como acentuou o dr. Arthur Reis, corporificou os anseios de rebeldia das populações abandonadas contra os poderosos. Teve raizes econômicas. À luz das doutrinas sociais do nosso tempo, a Cabanagem apareceria como uma manifestação, senão precursora, pelo menos paralela aos movimentos assim considerados, fatalmente como uma insurreição vermelha.

Ao movimento armado de carater local não ficou indiferente o estrangeiro que cervejava os nossos domínios, vendo nele uma ótima oportunidade para fomentar a secessão. Visando esse objetivo, o comandante de um barco inglês que se encontrava ancorado próximo a Belém, procurou entrevistar-se com Eduardo Nogueira Angelim. Este, todavia, cheio de patriotismo e altivez, apesar de muito moço, disse ao comandante que na questão local a intromissão de estranhos era apenas inoportuna. Dando por terminada a entrevista, mandou, em seguida, expul-

sar todos os navios estrangeiros que se encontravam em águas da região.

A guerra civil teve o seu término em Maués, onde se travaram os últimos combates.

A propósito de Bararuá, considerado o herói amazonense nessa luta feroz, o dr. Arthur fez uma revelação baseada em documento recentemente descoberto e ainda não divulgado: o herói branco era pernambucano e não amazonense.

O fim da Cabanagem não trouxe, contudo, a calma completa aos espíritos. É que, face ao crescente indiferentismo do Govêrno Imperial para com a vida atrasada que levavam as populações da Amazônia, toma corpo, em sinal de revide, a consciência secessionista. Já no momento final do domínio português, o Barão de Marajó fizera fortes advertências sobre a secessão que ameaçava a região alimentada no descontentamento dos seus habitantes. Agora, era a voz de Tavares Bastos, escritor e político alagoano, que enfrentava o alheiamento imperial.

Tais clamores, finalmente, conseguiram alertar os poderes centrais que passaram a tomar medidas acauteladoras da segurança deste pedaço de extremo norte. E assim é que o Barão de Humboldt, que percorria a Amazônia em viagem de estudos, foi proibido de permanecer no seu território. Não que essa medida significasse a interdição do Vale a todos os estudiosos e cientistas que desejassem conhecê-lo. É o que demonstrou, logo a seguir, a atitude do Governo, pondo a disposição de La Condamine, outro sábio, os recursos necessários aos seus objetivos científicos na região.

A situação reinante, apesar da inquietação em que viviam as populações amazônicas, em breve iria modificar-se diante de novas perspectivas de progresso. De fato, fatores irão ter importância decisiva na conquista da Amazônia: a) a navegação a vapor; b) a imigração nordestina; c) a exploração da borracha; e d) a aberutura da navegação da região às nações amigas.

Desse ponto em diante a exposição do dr. Arthur girou, quase que exclusivamente, derredor aos aspectos palpitantes

oriundos da introdução da navegação a vapor na Amazônia, que lhe trouxe, também, modificações na sua situação económica e política.

Acompanhemos, a largos traços, essa exposição.

A necessidade de introduzir a navegação a vapor nos rios da região aparecia clara aos olhos dos que a encaravam sob o prisma científico.

Basta dizer que antes dela, levava-se de Belém a Tabatinga, em viagem normal, seis mêses.

Agitado o problema, em 1825 o Govêrno Brasileiro mandou um representante à América do Norte para tratar do assunto. Em 1826 chegava à Amazônia o primeiro barco a vapor norte-americano. A sua presença na região foi um Deus nos acuda. Provocou protestos, especialmente dos que achavam que ele iria prejudicar a navegação feita com as embarcações tradicionais. Era o choque do conservadorismo com o progresso.

Apreciando o caso, a Assembléia paraense, depois de tumultuosa discussão, resolveu proibir que o barco subisse o rio Amazonas.

Apesar disso, depois de alguma luta, em que apareciam como adversários da navegação a vapor principalmente os que temiam a concorrência aos seus interesses econômicos, ela foi introduzida em nosso sistema de transporte fluvial.

Em 1829, Joaquim José de Siqueira organizou uma companhia agrícola, à qual batisou com um nome quilométrico, que começava assim: "Sociedade Protetora da Agricultura, Construtora de Embarcações, etc.

Siqueira pediu ao governo paraense apoio e auxílio financeiro para a sua empresa. Madureira Pará, um grande da época, se opôs ao plano. Mas Soares Andréa, governador da Província, aprovou o projeto. A ajuda que recebeu foi, porém, diminuta, razão porque apelou para Mauá, o qual, na metrópole, pela lei n.º 1.037, de 30/8/32, conseguiu um auxílio para a companhia no valor de oitocentos contos.

Dessa mesma fase é a tentativa de Alexandre de Paula de Brito para introduzir em nosso meio, visando facilitar o comércio da região, as "Bolsas de Mercadorias". Além da frota de Siqueira, uma outra foi organizada por João Augusto Correia.

Em 1872 a companhia de Mauá desapareceu e foi substituida por outra.

Um problema que também preocupou muito o governo imperial, foi a abertura da navegação da Amazônia às nações amigas que a reclamavam insistentemente. Nesse sentido, a pressão da América do Norte era constante e até importuna. O governo de Washington chegou a enviar ao nosso uma mensagem a esse respeito. Uma conhecida figura do Império, o ministro Abreu, foi quem respondeu em termos eloqüentes essa mensagem, afirmando que o Amazonas era um rio e não um oceano, para ser objeto de uso comum. O Brasil temia a navegação estrangeira no Amazonas, achando que antes de facultála ao elemento estranho, era preciso primeiro cuidar da elevação do padrão de vida na região. E somente pela lei n.º 3.749, de 7/12/87, o Império permitiu a navegação da Amazônia às nações amigas.

Outro assunto abordado pelo conferencista: a idéia da criação da Província do Amazonas partiu, na côrte, inicialmente, de uma sugestão de Bernardo de Souza Franco.

Entre nós, foi Frei José dos Inocentes o herói da idéia política de independência, o que deu o primeiro grito em favor do Amazonas.

A atividade científica de brasileiros como Silva Coutinho, Barbosa Rodrigues, Ferreira Pena e outros, paralelamente àquela desenvolvida pelos sábios estrangeiros, foi objeto de elucidantes esclarecimentos do conferencista. Bem assim as questões de fronteiras, que teriam em Rio Branco um advogado agil, intemerato e irresistível foram também abordadas, tecendo o orador reveladores comentários sobre a figura de Duarte da Ponte Ribeiro, por ele considerado o maior fronteiro brasileiro, cujos trabalhos serviram de bases às vitórias do Barão nas querelas de Palma e do Mapa.

Finalmente, um outro fato interessante que trouxe à baila, foi o que se prende às atividades de De Angeli, contratado por Rosas, ditador da Argentina, para levantar estudos que servissem às hostilidades por ele alimentadas contra o Brasil. Depois de reunir, a respeito dos dois países limítrofes, farta documentação, De Angeli passou-se para o Brasil e aquí vendeu ao nosso governo aquele material. Essa documentação, recentemente divulgada parcialmente por Jaime Cortesão, veio modificar o conceito que até então perdurava a respeito das relações dos bandeirantes com os jesuítas.

SOBRE UM CURSO DE AMAZOLOGIA: QUARTA AULA

Assunto "O CICLO DO OURO NEGRO, A AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO. A CONCORRÊNCIA ASIÁTICA".

Com a palavra do dr. Arthur Reis, em continuação a temática desenvolvida na aula anterior, discorreu sobre o assunto centrado no título acima, lendo sua conferência e, de quando em vez, interrompendo-a para elucidativos e interessantes comentários.

Num esforço de fixação dos apectos fundamentais do seu trabalho, conseguí anotar os tópicos que seguem.

Como fora visto na aula anterior, dentre os fatores de importância decisiva para a conquista definitiva da Amazônia, ocupa lugar de destaque o contingente nordestino que nela se fixou atraído, especialmente, pela economia da goma elástica.

Á época da independência, o Amazonas possuía uma população aproximada de 100.000 habitantes.

Precisavamos povoar o espao conquistado. Urgia trabalhá-lo, explorar as suas possibilidades. Sem o elemento humano, porém, como criar a riqueza? Vivíamos no regime da exploração pura e simples da floresta.

Em 1840 a vida econômica do Amazonas tinha como sustentáculo os produtos naturais. Continuava o prestígio das drogas do sertão.

Começa, então, a exploração da seringueira, que fora descoberta no Solimões. Sua exploração teve início, todavia, no baixo Amazonas. De 1870 em diante, uma nova história da região irá se processar ao influxo daquela atividade.

Caldeira Castelo Branco foi quem trouxe o primeiro contingente nordestino para o Amazonas. De 1840 a 870 chegavam em nosso território mais dois contingentes diferentes: um maranhense e outro paraense. E o trabalho de pioneirismo foi se desenvolvendo. Os nordestinos Manuel Nicolau de Melo, Manuel Urbano da Encarnação, entre outros, foram os primeiros pioneiros da penetração dos nossos seringais.

Não é conhecido, até hoje, o número exato de nordestinos que vieram para o Amazonas naquele período.

Ultimamente, dois escritores tentaram a história dessa imigração: Joaquim Alves, que a abordou na "História da Seca", e Pompeu Tomaz Acioli, que ainda está escrevendo um livro a respeito do assunto.

Samuel Benchimol, intelectual Amazonense, na tése "O Cearense na Amazônia", fez largas incursões no assunto.

O conferencista agora, detem-se na apreciação da atividade do seringueiro.

O seringueiro, acompanhado de uma espingarda, de um cão, de um terçado, e com os mantimentos que recebia da casa aviadora, embrenhava-se no seringal. O meio era hostil e exigia uma adaptação sem a qual era impossivel nela permanecer. Havia um estilo próprio de trabalho.

Os seringais eram supridos de mantimentos pelas casas aviadoras sediadas em Belém do Pará ou em Manaus.

Neste particular, quem leu "A Selva" de Ferreira de Castro e o recente livro do dr. Arthur Reis "O Seringal e o Seringueiro", pode recolher uma impressão viva do que era a atividade do extrator do "ouro negro".

A um grande aviador, o Barão da Santa Rita Elias, de Belém, como acentuou o conferencista, se deve a descoberta do Aquiri ou Acre.

Sugestões sobre o plantio da seringueira — Em 1867, Koeller e Leuzinger, cientistas eminentes, observando as atividades dos nossos seringais e impressionados com a forma predatória da exploração gomífera, foram os primeiros a recomendarem o plantio intensivo da seringueira. Nessa ocasião já se compreendia, em toda a sua extensão, o perigo a que estava exposta a seringueira. A esse respeito, reiteradas foram as advertências de Pimenta Bueno. Tomou vulto, então a tése dos seringais de cultura, contra a qual se opôs Ernesto Adolfo de Vasconcelos

Chaves, governador do Pará. Apesar disso e certamente como produto dessa tése, surgiu a inovação da substituição da machadinha pela faca no corte da seringueira.

A concorrência asiática: — Enquanto isso, no fim do século, transportada para a Ásia, a seringueira iria medrar espantosamente, preparando uma fase de revés doloroso para a nossa economia da borracha. É o que bem expressam estas cifras. em 1911 produzíamos 44.000 toneladas de borracha enquanto o Oriente já apresentava o dobro de produção; em 1914, enquanto o Brasil produzia 31.000 toneladas, os orientais atingiam a produção de 71.400. Era a vitória esmagadora da produção asiática conseguida, com a transplantação da seringueira iniciada por Henri Alexander, a custa do sacrifício da nossa produção.

Mas a borracha havia atraído para a região um momento de esplendor, de fausto, até de esbanjamento de riqueza, com reflexos vivos na economia nacional. Era a fase áurea, em que ela aparecia como o terceiro produto de exportação brasileira.

Em consequência, a economia da borracha serviu de base a empreendimentos nacionais que ficaram como uma marca dessa época áurea. A reforma da Capital Federal se processou, em grande parte, com os recursos financeiros devidos à exportação da borracha. Manaus e Belém, com as suas obras de arte, de engenharia, seus teatros, seus pitorescos logradouros públicos, seus prédios, seus bares, foi uma dádiva desse período.

O Presidente Afonso Pena, que esteve nessa época em Manaus, aquí também teve a oportunidade de ver e andar, pela primeira vez, num automóvel. Belém e Manaus despertavam, neste princípio de século, a admiração dos estrangeiros que as visitavam. Em "Brasil, País do Futuro", de Stefan Zweig, temos uma idéia impressiva desse fato.

A conquista do Acre — A luta que resultou na conquista do Acre teve a sua origem nas provocações dos bolivianos.

Em maio de 1899 os brasileiros lhe enviaram o primeiro ultimato.

O Itamarati, tomando conhecimento do fato, achava que os bolivianos tinham razão, pois que o Acre lhes pertencia. Essa suposição baseava-se numa carta de fronteira que o Ministério das Relações Exteriores possuía e na qual se encontrava assinalada, por uma linha verde, a posição das terras em questão. Disso era conhecedor José Manuel Pando, ministro da guerra da Bolívia, o qual havia participado da demarcação das fronteiras daquele país com o Brasil, na faixa acreana.

Aberta a questão, exarcebados os ânimos, um magnata boliviano que se encontrava na Europa, Avelino Aramaio, tentou solucionar a pendência através de negociatas com capitalistas do Velho Mundo, de modo a que a região questionada fosse entregue a uma empresa, por concessão. Mas essa idéia foi repelida.

José Cardoso de Ramalho Júnior, governador do Amazonas, propôs aos bolivianos a desocupação do Acre, mediante indenização. A proposta foi igualmente repelida.

A luta continua, até a fundação da República Livre de Galves.

Nesse interim, Alberto Moreira Júnior, que foi mais tarde prefeito de Manaus, Cintra e outros concebem uma negociata para resolver o assunto. A idéia não surte efeito.

Estávamos em 1902. É, então, que Plácido de Castro, caudilho gaúcho, com a aquiescência do governador Silvério Néri, assumiu o comando geral das tropas do Acre que deveriam enfrentar os bolivianos.

Nessa fase, em que é posto a prova o heroismo dos brasileiros que no extremo norte lutam para estender as fronteiras do País, entra em cena, para resolver definitivamente o assunto com a sua já tradicional visão política, o Barão do Rio Branco.

Á frente do Ministério das Relações Exteriores, Rio Branco dá interpretação decisiva à querela achando que é tempo do Bras I encará-la por um prisma decisivo de defesa do Acre, sobretudo tendo em vista que a Bolívia se preparava para ceder as ditas terras à exploração de capitais estrangeiros, que passariam ao mais franco domínio sobre as mesmas.

Com o apoio moral do governo brasileiro foi o Acre, finalmente, conquistado.

O dr. Arthur Reis terminou a sua quarta aula, afirmando que o Ciclo do Ouro Negro não se caracterizou sómente pelo fausto; mas, igualmente, pela expansão do nosso território de que resultou, como foi visto, a conquista acreana.



O QUE DEVEMOS AO ÍNDIO

Como pergunta ou como afirmação, com o título acima pode-se resumir a notável conferência do historiador e sociólogo Arthur Reis, realizada sábado último, na Sociedade Amazonense de Professores, por ocasião da solenidade de entrega dos certificados aos participantes do curso de amazonologia por ele recentemente ministrado, sob os auspícios da diretoria daquere sodalício.

Tema de antropologia dos mais interessantes, a questão das origens e da formação da gente amazônica, espalhada por todo o Vale, continua a ser uma das menos conhecidas dos estudiosos da região.

Muito se tem escrito sobre a Amazônia. Mais particularmente, sobre o Amazonas. O que existe, todavia, a respeito da
contribuição do selvícola na formação da sociedade amazonense é muito pouco e, sobretudo, raro. E a verdade é que dificilmente poderemos interpretar e compreender os múltiplos aspectos da evolução social e histórica da nossa gente, no seu
complexo de costumes, de hábitos, de idéias, de linguagem, finalmente, na gama da sua psicologia, no plano individual como social, sem demoradas incursões nos subterrâneos da sua
história, da sua etnologia, da sua sociologia.

Enfocando a palavra cultura no seu sentido sociológico, ou seja, aquele em que ela compreende todas as manifestações da vida de um povo num momento determinado, suas atitudes e maneiras de agir, seus usos, costumes, instituições, valores, morais e materiais, temos que a cultura da sociedade amazonense dos dias atuais resultou da contribuição que recebeu das diversas culturas tribais existentes no Amazonas à época da chegada do conquistador alienigena, sob o influxo permanente

e modelador da que trouxe consigo este último. Possuimos, por isso mesmo, nas nossas origens e na nossa evolução histórica um verdadeiro mosaico de culturas, que aos estudiosos cumpre conhecer convenientemente para poderem compreender o sentido permanente da formação e estrutura da sociedade amazonense hodierna.

Tais considerações conduzirão o raciocínio do pesquisador às seguintes indagações: que tribos povoaram o Amazonas no correr da sua evolução histórica? Como viviam essas tribos? Qual o processo de miscigenação a que foram obrigadas após a chegada do emigrante estrangeiro e brasileiro de outras províncias ou estados? Como viviam? Quais os seus usos, costumes, instituições, e o que disso passou para a sociedade nova que ajudaram a formar? Aceitaram o invasor sem luta? Resistiram? Quem foi Ajuricaba, nosso conhecido heroi íncola? Finalmente, depois de muitas outras indagações, podemos terminar com esta, de cunho sintético: que herdamos do índio, etnológica ou sociológicamente falando?

São perguntas, todas essas, que têm dado trabalho ao pensamento de cientistas, literatos e historiadores de nossa terra.

O dr. Arthur Reis, como todos proclamam, é o historiador por excelência do Amazonas, nos dias que correm.

Além de historiador, pela extensão dos estudos que ultimamente vem dedicando às nossas coisas, o autor de "História do Amazonas" tem se revelado, com igual segurança, um robusto sociólogo, procurando fazer entre nós o que Gilberto Freire empreendeu, vitoriosamente, com referência à sociedade brasileira, notadamente estudando a "formação da sociedade brasileira sob o regime da Economia Patriarcal" no seu monumental ensaio "Casa Grande & Senzala".

Do dr. Arthur Reis, ainda que fragmentáriamente, na sua maioria, inúmeros são os trabalhos que se ocupam da formação da sociedade amazonense, com estudos de orientação científica semelhante à do sociólogo pernambucano, trabalhos que, encarados no seu conjunto, formam uma respeitável síntese de pensamento histórico e sociológico.

E não foi outro, realmente, o cunho que ele deu à conferência aquí comentada, aprofundando o assunto com brilho, largueza de vistas e penetração.

CONVITE À MEDITAÇÃO

Do renomado conterrâneo acima referido, recebi a carta que adianta transcrevo, apesar da mesma não trazer a clássica autorização para esse fim.

Como se trata de um pronunciamento daquele escritor a respeito dos artigos que dediquei ao seu recente curso de amazonologia, elogiando a minha modesta colaboração no sentido de maior divulgação das cinco conferências proferidas durante o curso, e, em sentido geral, definindo o papel que todos nós amazonenses ou que aqui vivemos, devemos desempenho com os olhos fitos no desenvolvimento material e moral da terra, entendo essa carta à maneira de uma clarinada a mais objetivando o despertar da consciência dos nossos intelectuais em prol da grandeza do Amazonas. Por isso, ela não nos pertence apenas. É uma mensagem de entusiasmo, e de incentivo não sómente a mim, como a todos os que desejam ver a boa terra desenvolvida e engrandecida. Com os meus agradecimentos ao autor pela parte que me toca, ei-la:

Manaus, 10 de outubro de 1956

Meu caro Almeida Barroso.

Acompanhei, cheio do mais vivo interêsse, como era natural, a série de artigos que teve a gentileza de escrever e fazer publicar em "A CRÍTICA", desta capital, a respeito das conferências que realizei na Associação Amazonense dos Professores, sobre as bases físicas e o processo de formação e de desenvolvimento da Amazônia.

Revelando mais uma vez a agilidade de seu espírito, que já conhecia dos dias memoráveis em que me emprestava sua precisa cooperação na SPVEA, seus artigos contribuiram, realmente, para fixar, com muita propriedade, os vários aspectos por que pretendí abordar o tema, vasto, dificil mas, cada dia mais necessário que o proponhamos com clareza, objetivida-

de, sinceridade, para que se estruture melhor a nossa consciência em tôrno ao nosso passado, à nossa atualidade e aos dias que hão de vir.

Foi essa a minha finalidade maior. Porque, estou seguro disso, sem que criemos essa mentalidade arrojada, liberta de primarismos e de recalques, de sentimentos de inferioridade que tanto sinto a atormentar e a dominar moços e velhos em nossa terra, não será possivel erradicar um fatalismo que está descendo sobre a região e não pode deixar de ser um mal tremendamente perigoso.

A Amazônia, como tentei positivar, não é um mundo de fadas que, a qualquer varinha mágica, será transformado. Os fatores negativos são muitos, mas, não de tanta fôrça que não os possamos ultrapassar para criar uma realidade mais simpática e que seja o fruto de nossa capacidade de ação realizadora. É preciso, porém, estar preparado para ultrapassá-lo, dignificando-nos com um trabalho construtivo que só se obtem quando temos confiança em nós próprios. Não será negando-nos ou atribuindo aos outros irmãos da pátria comum, que nos superam pelo que constroem, a responsabilidade da condição em que nos encontramos mas, realizando, com espírito forte, consciência esclarecida, que havemos de conseguir essa grande destinação que nos aguarda.

O meu curso visou, proferido em Manaus, ativar essa nova concepção de vida; no Rio de Janeiro, onde o proferi anteriormente, alertar a opinião nacional para o problema brasileiro da Amazônia; no exterior, onde vou proferi-lo dentro em pouco para divulgar a região, atraindo a atenção de quantos possam e queiram vir participar da gigantesca tarefa de humanizar um espaço físico ainda rude, mas que, quando dominado, há de revelar, não me canso de afirmar, a maturidade que o Brasil já alcançou.

Suas reflexões, sua síntese foram muito boas e oportunas Faço votos para que a sua pena tão resoluta e .ão viva, esteja sempre a serviço de idéias como as que nos nortearam. Eu as agradeço muito. Você bem sabe que não digo senão o que penso. Estas minhas palavras expressam meus agradecimentos.

Sem mais, Sord. obrd. a) Arthur Reis"



APELO PATÉTICO À

NOVA GERAÇÃO

Repetidas vezes tenho me dirigido aos da minha geração, especialmente àqueles que têm sobre seus ombros responsabilidades intelectuais, num apelo quase angustioso, para que lutem pelo melhoramento desta terra, pelo seu progresso, pelo seu alevantamento material e no plano do espírito e da intellgência. 42

Tenho continuadamente repetido, desta mesma coluna, que é preciso fazer alguma coisa de mais expressivo, que denote vitalidade, vibração, entusiasmo, coragem na luta pelo futuro da terra.

Com esse objetivo, tenho procurado demonstrar, para pulverizar os argumentos dos inimigos do nosso progresso, que são todos aqueles que fazem boca de sirí diante dos nossos erros, das nossas deficiências e da pasmaceira enervante e revoltante em que nos quedamos como se estivessemos aprisionados pelos tentáculos de um polvo sinistro, que no Amazonas está faltando mentalidade, um estado de espírito propício à formação dos ideais progressistas, as verdadeiras alavancas capazes de impelir os povos para a frente.

Não estou exagerando, não estou falando sob a influência de leituras pessimistas. De há muito coloquei de lado os livros sobre filosofia oriental ou os tratados de Schopenhauer, que em certa fase da minha vida universitária serviram de interessante repasto para o meu espírito.

A verdade é que estamos estacionados. Um ligeiro confronto entre a vida que se leva no Amazonas de hoje e a dos principais estados do nordeste, do sul e do centro do País, é o bastante para evidenciar o que aquí afirmo. Quem não acreditar, quem for como São Tomé, é só tomar um avião, dar uma voltinha lá por fora e depois contar o que viu.

Diariamente converso com pessoas que estiveram fora, desta terra, com amazonenses que moram ou moraram no Rio. A impressão é sempre a mesma: Manaus falta isso, falta aquilo; em Manaus está dificil de se viver; só mesmo forçado, só mesmo quem estiver bem enraizado por aquí pode suportar isto. É assim que falam os nossos conterrâneos que voltam a esta cidade.

Mas não vá o leitor se zangar, não vá dizer que eles assim falam por que são pretenciosos, porque são iludidos a respeito do que vêem lá fora. Não, eles têm razão. Iludidos são aqueles que acham, por acomodamento, por covardia, porque renunciaram à sua capacidade de pensar ou por ingênua ignorância, que isto aquí está bom.

Não está bom não, leitor. Mas é preciso que se diga, para evitar equívocos ou exploração, que o grande responsável pelo atraso em que nos parecemos deleitar não é a política, a política que domina hoje o Estado, ou a que dominou ontem. Nada disso. A política, aquí por estas bandas, é uma só, os figurantes são idênticos, os grupos partidários estão ligados pelo cordão umbelical do parentesco, em todos eles encontramos idealistas e oportunistas. Os chefes políticos também tem muito pouca responsabilidade na trama desse estado de coisas que nos amesquinha, que nos inferioriza, que nos deprime.

Que podem eles, de fato, se vivem presos e comprometidos, pelo menos involuntariamente, na trama de uma mentalidade anacrônica, reacionária, conformista? Os homens, em política, como em tudo o mais se movimentam ao influxo das idéias que representam. Em política, sobretudo, mesmo um grande chefe nada pode se ele não está a serviço de uma grande idéia que reflita o estado de espírito geral.

No Amazonas o sr. Álvaro Maia personifica o grande anseio de democratização do nosso povo Como político, pode-se dizer, que ele fez em benefício da concretização desse anseio o máximo que um estadista de traços geniais poderia fazer. Mas há que distinguir nele o político, o democrata doutrinário, do administrador. Neste último aspecto, para que ele pudesse se situar á altura das necessidades e das aspirações da terra, seria necessário o concurso de uma elite de colaboradores, serviço de um ideal progressista. E como este ideal não existe como força atuante, presentemente, no Amazonas, o resultado é o que aí vemos, o egoismo desenfreado tomar vulto, a corrida louca para as situações de vantagens fáceis, a sede de ganho se sobrepondo a todos os valores, cada um querendo ganhar mais no menor espaço de tempo sem medir consequências, sem atender conveniências, isto dando a todos a impressão de que o mundo vai se acabar, porisso, cada um precisa tirando o seu.

Diante disso tudo, o que tem feito a nova geração? Nada, cruza os braços, indiferente, apática, entorpecida, como se vivesse sob a ação de um barbitúrico. A mediocridade assalta os cargos públicos, a incompetência toma posição doutrinadora, a esperteza, a falta de escrúpulo, a ânsia do enriquecimento ilícito rápido domina o comércio, a indústria, as atividades privadas, tudo isso em detrimento do nosso Estado, que não se desenvolve. E o que fez ou faz a nova geração? Nada, nem sequer protesta, como se tivesse perdido o espírito, como se lhe tivessem roubado o senso de dignidade, como se fosse indiferente aos sagrados compromissos que toda geração assume tacitamente com o tempo em que vive.

Há perto de trinta anos atrás o Amazonas assistiu uma arrancada gloriosa de moços da geração anterior, cuja figura inconfundivel é hoje em nosso cenário político o sr. Álvaro Maia. Aquela época, desfraldando uma bandeira de redenção, cumpriram eles o seu dever com o seu trabalho de rasgar novos horizontes para a terra esquecida. Estavam na casa dos trinta, tinham a alma como um mar encapelado, agitando-se ao influxo do ideal que lhes queimava a inteligência.

Hoje, sob diferentes planos de luta, a terra está aí, á espera da nova geração, á espera de sangue novo, de influxos renovadores. E o que fazemos nós? Continuamos apenas a espe-

rar, a esperar daqueles que cumpriram, bem ou mal, o seu compromisso com a sua idade. Vivemos, na verdade, tão anestesiados a respeito dos nossos deveres para com esta terra, que nem sequer a Valorização da Amazônia, plano fabuloso de recuperação do Vale, nos entusiasma. E isso tudo é, deveras, lamentável. Precisamos, não há dúvida, reagir. Precisamos nos levantar, sob pena de sermos considerados, quando o nosso tempo passar, como uma geração que fracassou.

A LEI SOBRE A EXECUÇÃO DA SPVEA

FOI SANCIONADA, finalmente, pelo presidente Vargas, dias atrás, a lei que regula a execução do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. 43

Entra, portanto, com esse ato do autor do "Discurso do Rio Amazonas", a decantada questão da Valorização do Vale deserto numa fase de maior objetividade, mais próxima das realizações produtivas e eficientes.

Será a grande oportunidade que terá a Amazônia e, especialmente, o Amazonas, de incorporar-se ao sentido do progresso que já vem tocando e bafejando outras regiões do País, de modo a ser possivel o aproveitamento das suas reservas e potencialidades em seu benefício particular e do Brasil em geral.

Remontando às origens mais próximas e balanceando os fatores que concorreram para avivar no espírito dos homens públicos do Brasil a preocupação com a valorização da Amazônia, dois grandes pontos nos aparecem resplandecentes: o "Discurso do Rio Amazonas" aquí proferido pelo presidente Getúlio Vargas quando de sua primeira viagem a esta terra e o trabalho monumental de Leopoldo Péres, no Parlamento Nacional, por ocasião da elaboração da Constituição vigente. Não há dúvida que muitos outros fatores concorreram para a efetivação do benefício constitucional oferecido à nossa região, inclusivé os esforços de outros parlamentares amazonenses e paraenses, com a coadjuvação de patrícios das bancadas dos mais diversos estados. Leopoldo Peres e aquele discurso, todavia, destacam-se como dois dos fatores mais decisivos. O discurso, como clarinada de alerta às consciências adormecidas e indiferentes às monumentais reservas de uma região que atrai os olhares do mundo e Leopoldo Peres, pela combatividade e pelo talento com que soube propugnar, na Assembléia Constituinte, a inclusão do dispositivo constitucional que viria possibilitar a recuperação do grande Vale.

A princípio, falava-se da valorização como uma coisa distante e inacessivel. Alguma coisa de misterioso e encantado, a marca comum a tudo que diz respeito à Amazônia. Depois de longa espera, porém, depois de um sái, não sái, planeja, não planeja, surgiu finalmente a lei que abre para a região a janela da visão concreta das coisas. Aproxima-se, então, a etapa decisiva, a da execução do Plano de Valorização.

Esse plano será tão grande, envolverá aspectos tão variados da nossa realidade geo-sócio-económica, agitará verbas tão fabulosas para um País onde só se fala em necessidade, que não há quem não experimente uma sensação de confiança no ressurgimento disto por aqui.

A Valorização constitui, de fato, uma dádiva do destino para as atuais gerações, novas ou velhas, dos que se preocupam com o desenvolvimento desta parte setentrional do País. Resta, agora, que tenhamos o patriotismo para sabermos aproveitar a oportunidade, juntando à força das verbas prometidas, o conteúdo da nossa competência, do nosso trabalho em prol de uma mentalidade favoravel às condições do progresso e dar grandes realizações.

É o momento de cada unidade da região aquinhoada no grande Plano arregimentar as suas forças, especialmente nesta fase de elaboração do monumental programa.

Ainda domingo passado, em "O Jornal", Miguel Lupi Martins, num magnífico artigo sobre o assunto, chamava a atenção do Estado do Amazonas para a necessidade de se organizar uma "Comissão de Estudos e Planejamento", capaz de proporcionar ao seu representante na Superintendencia de Valorização, para o plano quinquenal do primeiro período de ação". E o articulista, que é um lúcido estudioso dos problemas que a todos nos assoberbam, terminava com uma advertência digna, realmente, da melhor acolhida: "O Plano da Valorização Econômica da Amazônia, para o Amazonas, deve ser traçado por este Estado." Aí está uma evidência que se deve constituir para

os amazonenses, no momento, até num "slogan", profundamente sentido e vivido, de forma a que não venhamos, a nos arrepender, depois, se ficarmos totalmente à mercê de técnicos estranhos à nossa realidade, tão nossa quanto estranha aos demais.



GETÚLIO E A VALORIZAÇÃO

No dia de hoje, há precisamente um ano atrás, voltava a esta cidade, pela terceira e última vez, o então presidente Getúlio Vargas. Naquela oportunidade, é claro, ninguém poderia prever o destino trágico que o aguardava, para levá-lo ao suicídio pouco mais de seis meses depois. 44

Muito se tem dito e ainda se dirá a favor e contra o grande presidente suicida. O que não se poderá negar, senão por cegueira ou ingratidão, que eu não acredito sejam capazes mesmo os seus ferrenhos inimigos políticos, é ter sido ele o primeiro presidente da República a conclamar a consciência nacional para uma justa efetiva e inadiável tomada de posição em prol do desenvolvimento econômico e social desta terra.

O seu famoso "Discurso do Rio Amazonas" aqui pronunciado, na sua primeira visita à nossa capital, valeu, não há dúvida e os fatos posteriores vêm demonstrando, como uma clarinada de alerta vibrada pelo grande estadista. Clarinada que despertou a consciência da nação e logo depois, passada a fase do Consulado e reimplantadas no País as franquias democráticas, ecoaria nos ouvidos dos constituintes de 46 para levá-los a incluir na Carta Magna por eles elaborada o dispositivo que assegure os recursos para a Valorização da Amazônia, pelo menos durante 20 anos.

A verdade indiscutível é que este Estado, depois da advertência feita em torno da sua vida, da sua existência presente e da preocupação e das atenções do Governo Central incorporando-se, como se torna hoje evidente, não obstante o seu descalabro administrativo estadual, num verdadeiro "capítulo da civilização", consoante preconizou o ilustre e profético autor daquele discurso.

Getúlio mostrou-se nos seus dois governos um grande amigo do Amazonas. Os nossos grandes problemas e as nossas possibilidade de progredir foram sempre olhados com simpatia por ele. Na sua última estada em Manaus, dentre os acontecimentos que marcaram aquí a sua passagem, figuraram a inuguração do nosso novo e moderníssimo aeroporto e a instalação, em solenidade que se realizou no palacete da Associação Comercial, da Divisão de Manaus da S.P.V.E.A.

Cumpria, dessa forma, o presidente Vargas a promessa solenemente feita ao povo amazonense. Fora ele o verdadeiro doutrinador da nossa recuperação. Fora ele que sancionara a Lei n.º 1.806, que deu execução ao Plano de Valorização. E para o nosso povo estava, ainda, reservada a honra de vê-lo instalar a Divisão da S.P.V.E.A. nesta capital, naquela oportunidade, o que se verificou com a presença, dentre outras pessoas de destaque, desse conterrâneo probo e culto que em boa hora escolhera para seu Superintendente que é o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis.

Faz hoje, portanto, um ano que a Divisão da Valorização sediada nesta cidade começou a ter vida própria.

Entregue a sua Chefia à competente e dinâmica responsabilidade de Newton de Menezes Vieiralves e a Chefia do seu Expediente à experiência do professor Crisólogo Gastão de Oliveira, esse órgão da S.P.V.E.A., desenvolvendo as suas atividades dentro das atribuições regulamentares que lhe foram conferidas pela autoridade superior, tem sabido cumprir à risca a sua missão entre nós, subsidiando continuamente a Superintendência com uma cópia inestimável de dados e informações atinentes aos múltiplos aspéctos da atividade econômica e social do Amazonas.

E, em que pese a grita dos descontentes e dos que ainda não souberam ou não quiseram penetrar-se das altas, profundas e patrióticas finalidades que a Valorização tem a cumprir, a Divisão de Manaus vai, segura e paulatinamente, firmando nesta terra o seu conceito de órgão sério, inclusivé pelo seu papel de sentinela avançada na defesa da boa e correta aplicação das verbas que figuram nos orçamentos daquela para serem aplicadas aqui por estas bandas.

Um acontecimento assim, pelo significado social e administrativo de que se reveste, merece ser comemorado com regosijo, ainda que prescinda, para isso, do estrépito do foguetório e do ruído das fanfarras tão próprias das comemorações de fatos destinados a serem varridos da lembrança dos homens.



VIAJANDO NUMA COMITIVA DA SPVEA

-1-

Como acontece com a maioria dos brasileiros e mesmo dos amazonenses até dias atrás desconhecia eu completamente os vizinhos territórios do Acre e Guaporé, unidades administrativas federais, como se sabe, formadas por extensas faixas de terras outrora pertencentes ao Amazonas. 45

O meu desejo de conhecê-los, porém, sempre foi grande. Esperava apenas uma oportunidade para ter essa satisfação. Confesso que me sinto possuido sempre de incontido orgulho e de profunda emoção, toda vez que se me oferece ensejo de percorrer mais um recanto até então por mim desconhecido deste nosso imenso País. Esse orgulho e essa emoção nada têm, todavia, com aquele ufanismo de que falava o escritor Afonso Celso, já que promanam não de um impulso de embevecimento face à simples visão da terra fabulosa e tão decantada nas suas riquezas, mas unicamente da ânsia de conhecimento mais completo da nossa realidade social e administrativa, que se me afigura uma condição fundamental para a compreensão dos problemas brasileiros, para uma compreensão adequada das nossas necessidades de progredir.

.....

O avião que me conduziu a Rio Branco, progressista capital do Território do Acre, deixou Manaus, precisamente, ao amanhecer do dia 17 último, decolando do Aeroporto Internacional da Ponta Pelada. Pouco mais de duas horas após, estava o pássaro metálico deslizando nas águas do rio Purús, frente à cidade de Canutama. Um pasageiro, ao meu lado, que por sinal ia abusando do direito de faiar, apressou-se em fazer a primeira apreciação sobre aquela cidade ribeirinha:

— O senhor está vendo isso aí? É Canutama, a cidade onde o diabo enterrou o rabo. Não passa de meia dúzia de casébres. E falta tudo, tudo, as pessoas só faltam se comerem mutuamente, apesar da população ordeira e resignada que aí vive.

A próxima parada, para abastecimento do Catalina, foi Lábrea, cidade centenária onde se fala do passado com nostalgia, afirmando os que lá moram, ou conhecem a sua história que ela já teve isso e aquilo, à guisa, certamente de justificação para as aperturas e deficiências do presente.

Enquanto o avião preparava-se para um novo abastecimento, resolvi acompanhar sua tripulação e outros passageiros, galgando o enorme barranco que conduz à rua principal da cidade. Não foi dificil, ao primeiro golpe de vista, diante do capinzal que lhe absorve a incipiente configuração urbanística, sentir o drama da sua vida improgressiva, comum a quase totalidade das cidades do interior amazonense. Seu casario simples. seus transeuntes desanimados, em meio aos quais se nota, mesmo na classe mais destacada, que o uso do paletó é luxo só concebivel em dias excepcionais de festa, são traços perceptíveis, ao primeiro contato, de que a cidade está aquem das condições de conforto e progresso a que faz juz o seu povo. Foi o meu colega e ex-discípulo no Colégio Estadual, dr. Trindade, atual titular da Promotoria dali, quem sintetizou para mim, a largos traços, a história dos últimos tempos daquele município. A cidade tem progredido, deu-me ele a entender, porque as verbas de que dispõe o município não têm sido aplicadas de há muito, em benefício do seu desenvolvimento. As que provêm da CERA, especialmente, têm sido desbaratadas de forma criminosa. Seu povo vive depauperado, lembrando o regime alimentar a que são obrigados os labrenses, pela constância das conservas que entram na sua dieta, os primeiros tempos da colonização naquela unidade municipal. Segundo o meu informante, que é um moço de crédito, carne, peixe, verduras, frutas são alimentos raríssimos para aquele povo sem qualquer formação agrária, em luta tremenda pela aquisição dos gêneros de primeira necessidade, mesmo as conservas.

Assim é Lábrea e pela cidade se pode aquilatar o que se passa no resto do município, um dos maiores do Amazonas, onde vive uma população apática, sem concepção de progresso, à espera de que Deus dela se apiede e a arranque do marasmo em que se encontra.

.

Depois de Lábrea, visto de cima, mesmo sem ser de grande altura, o Purús parece um filete inexpressivo, num serpentear infindável até suas cabeceiras. As terras que agora são vencidas, já nas proximidades do território acreano, apresentam uma configuração diferente das que são comuns no Baixo Amazonas e Solimões. São terras firmes, sem as constantes hidrográficas daquelas.

A aterrizagem no aeroporto do Rio Branco se deu às 11,30 horas de Manaus. Aí juntei-me momentos após, ao grupo de assessores, técnicos e funcionários da Valorização da Amazônia que lá se encontravam, desde o dia anterior, vindos de Cruzeiro do Sul a objeto de fiscalização das obras financiadas pela S.P.V.E.A. Eram eles os seguintes: Cel. Omar Emir Chaves, chefe do Gabinete da Superintendência, dr. Francisco Custódio Freire, representante do Território do Acre na Comissão do Planejamento, dr. Orion Loureiro, assessor de saúde, contador Américo Vespúcio Chagas, assessor de economia, dr. Roberto La Roque Soares e dr. Menahem Serruya, engenheiros, agrimensor Cesar Bernardo do Nascimento e sr. Joan Biard, técnico da F.A.O.

Organizados pelo grupo, sob a chefia do Cel. Omar, os planos de atuação naquela cidade, coube a mim, como assessor de educação, além da visitação das obras beneficiadas com verbas da Valorização, tomar conhecimento através do Departamento de Educação e de observações nos estabelecimentos escolares, das condições gerais do ensino no Território, recolhendo, a esse respeito, todos os dados passiveis.

Foram sete dias, na verdade, de contato útil e emocionante com a terra que a bravura cavalheiresca de Plácido de Castro, dentre outros, livrou das garras dos bolivianos conquistando-a definitivamente para o Brasil. Minhas observações nesse Território amazônico robusteceram-me a impressão de que ele é, no conjunto formado pelos municípios do interior amazonense e pelos territórios limítrofes, quem apresenta, talvez, condições mais favoráveis para o progresso em todos os sentidos. Isso graças, especialmente, à amenidade do seu clima, em boa parte do ano e à excelência das suas terras propícias a um recuperador surto agrário, capaz de libertá-lo da dependência exclusiva da borracha, hoje, sustentáculo principal da sua economia e, paradoxalmente, como sucede com o Amazonas, fator entravante do seu maior desenvolvimento.

Sente-se que o Acre está marchando para dias melhores de prosperidade, apesar das enormes dificuldades naturais de comunicações e transportes com que se defronta. E Rio Branco, com os seus traços simpáticos de cidade menina, em crescente aperfeiçoamento urbanístico, onde começam a bruxulear os primeiros clarões de uma urbes moderna, será sem dúvida, o fulcro dessa arrancada civilizadora.

Afigura-se-me, assim, iniludivel o proveito das verbas que o Governo Federal tem aplicado no seu solo, em que pese a grita confusionista e rouquenha de certas vestais dominadas pelo prurido de honestidade, mas indiferente aos anseios de progresso que palpitam no espírito do povo acreano. É o que continuarei a mostrar, ainda que sinteticamente, no meu próximo artigo.

VIAJANDO NUMA COMITIVA DA SPVEA

-- 11 ---

Em artigo anterior, ⁴⁶ relatei ao leitor algumas impressões colhidas na minha recente viagem aos territórios do Acre e Guaporé, participando de um grupo de funcionários e assessores da Valorização que percorreram essas duas unidades federais, com o objetivo de fiscalizarem o andamento de diversas obras que nelas estão sendo realizadas com a cooperação financeira da S.P.V.E.A. E, ao terminar, expressava o meu entusiasmo face o dinamismo que se observa no território acreano, notadamente em Rio Branco, ao influxo das verbas federais que alí são aplicadas.

Para os que não compreendem bem o complexo da vida amazônica, com todas as dificuldades do meio físico, quer as decorrentes da vastidão de suas terras, quer as que resultam da inclemência do seu clima tropical, o caso do Acre como, de resto, das demais unidades federais da região, resume-se numa questão formal: um orçamento para as suas despesas administrativas e um quadro rígido de aplicação dos fundos de que dispõe. Desde que o governante não se afaste um milímetro das disposições graníticas do Código de Contabilidade Pública, terá os aplausos dos observadores de gabinetes, para os quais os problemas locais, as reivindicações do seu povo, seus anseios, suas angústias, seus desejos de ver a terra natal ou adotiva progredir são fatos de somenos importância.

Estas considerações vêm à propósito da guerra de nervos que domina, presentemente, em Rio Branco, após a passagem por ali de duas pomposas comissões oriundas do Distrito Federal e destinadas a apurar o malbarateamento de verbas públicas de que estão sendo acusadas administrações anteriroes à do Cel. Paulo Torres.

Esse militar, homem de conhecidos e elogiados predicados morais ex-chefe de Polícia do Distrito Federal, parece ter sido guinado ao governo acreano justamente para aí desempenhar as funções de juiz no correr das diligências que vêm sendo efetuadas para a apuração das irregularidades apontadas. Mas o mesmo já não se poderá afirmar daquelas comissões, que comparecerem ao Rio Branco com a preocupação eminentemente formal de descobrirem o crime dos estornos de verbas, os erros na contabilidade, completamente indiferentes às razões de ordem pública, aos imperiosos problemas locais que possam ter ditado aos governantes e seus auxiliares hoje indigitados ao pelourinho, os atos agora condenados com incontida sofreguidão.

Governar, procurando promover o desenvolvimento de uma área extensa e quase despovoada como é o Acre, não é tarefa para ser empreendida dentro de um gabinete, com a preocupação dominante de equilibrar a receita com a despesa. O comando de um território desses reclama, acima de tudo, do governante, espírito empreendedor, vontade de vencer os obstáculos que se antepõem ao desenvolvimento e ao progresso do lugar.

Conversando com o Cel. Fontenele, homem radicado à região e que há mais de 30 anos vem desempenhando cargos os mais destacados na administração acreana, pelo seu dinamismo e pelo seu passado, uma das reservas morais daquela terra, disse-me ele que tem assistido as transformações que se vêm operando na vida social e administrativa do Acre, notadamente em Rio Branco, sua capital que, antes de 1938, ano em que foi para o governo o sr. Hugo Carneiro, não ia além das feições de um vilarejo. Daí por diante, somando-se à ação desse governante a de outros que lhe sucederam, principalmente à do major José Guiomard Santos, hoje deputado federal pela terra, onde tem criado e estimulado empreendimentos os mais valiosos, a capital acreana foi-se transformando na cidade em franco crescimento que é hoje, com o seu magnífico palácio

governamental, suas praças e jardins bem cuidados, seus educandários modernizados, seus hospitais, seus prédios públicos e particulares, sua boa iluminação, seu aeroporto, suas estradas, finalmente, uma série de obras e iniciativas que despertam a simpatia e o entusiasmo do visitante, por verificar que alí se está assimilando de forma animadora os hábitos e processos dos centros mais civilizados do País. Desse influxo progressista se vão beneficiando, aos poucos, os outros municípios do território.

Diante de sintomas assim tão animadores, em que um povo. apesar de viver afastado dos centros mais adiantados da comunidade brasileira vai se servindo produtivamente da ajuda que lhe concede a União, impõe-se que se encare com a indispensável reserva a atitude inquisitorial dos diletantes metropolitanos sofregamente impulsionados pelo desejo de apurar responsabilidades, de surpreender deslizes, de descobrir negociatas e desvios em dinheiros públicos, o que pode corresponder em certos aspectos, a uma situação de fato, mas que pode ser também, em grande parte, o produto de intriga, de políticos capazes, como se observa pelo Brasil afora, de lançar mãos dos recursos soezes para se vingarem dos seus adversários. Nesta última hipótese percebe-se, facilmente, como seria profundamente injusto, num meio de vida provinciano como é o Acre, envolver-se em fato ultrajante, que tal representa se incriminar de deslizes, procedimento de rotina administrativa levados a efeito visando beneficiar à coletividade, ainda que contra as normas muitas vezes petrificadas da Contabilidade Pública, cidadãos cuja folha de serviços em prol da grandeza daquela terra se credencia à estima e à admiração da gente que lá vive.

Não quero terminar as minhas impressões sobre o Acre, sem tecer algumas considerações a respeito da sua economia, da questão social do seringueiro e da sua admiravel organização escolar.

Às vésperas da partida do nosso grupo, rumo ao Guaporé, o Cel. Omar Chaves fez uma palestra no Rio Branco Clube so-

bre os objetivos da Valorização e seu sistema de trabalho. A hora marcada ali estavam, além do governador Paulo Torres, seus auxiliares imediatos, pessoas representativas da elite local e os membros de uma das referidas comissões. O Cel. Omar fez um relato geral das atividades da Valorização, seus trabalhos até o presente empreendidos visando atingir os seus fins, finalizando com uma referência especial aos problemas acreanos.

O fator ainda hoje básico da economia desse território, como é sabido, é a borracha. Fonte maior de sua riqueza e, paradoxalmente, trabalhada com os métodos rotineiros que vêm do século passado constituiu-se em elemento entravante do seu mais rápido desenvolvimento econômico. Na sua palestra, entre outras coisas, falou o orador da preocupação que a S.P.V.E.A. tem demonstrado, no sentido de fomentar a atividade agrária na região, com a facilitação de empréstimos através do Banco de Crédito da Amazônia. Frizou a necessidade de ser instalada uma usina de beneficiamento da borracha em Rio Branco, afim de que os seringalistas, como vem acontecendo, não fiquem sob a dependência da praça comercial de Manaus, com prejuízos indiscutíveis aos interesses daquela região líder na produção do latex.

Ao terminar, dentre os apelos e pedidos de esclarecimentos que recebeu o orador, gerando um verdadeiro debate entre os presentes sobre a situação econômica e social acreana, houve um que a todos sobrelevou, mormente pelo cunho de pitoresco de que se revestiu. Foi o do sr. Abraim Isper Júnior, que ali acumula as funções de Presidente da Associação Comercial e Presidente da Legião Brasileira de Assistência, mantendo a profissão de comerciante e seringalista. Um manda-chuva local. O sr. Abraim usou da palavra, com ares de orador acadêmico e tentando defender as condições em que trabalham os seus míseros seringueiros, fez uma verdadeira apologia da vida que estes levam, apregoando até o conforto que segundo ele, cerca a existência desses campeões da miséria hinterlandina. Para o sr. Abraim as condições duríssimas em que mourejam os anônimos extratores do latex prodigioso, obrigados a sangra-

rem, como um dos últimos recursos para a sua subsistência, ainda nas caladas da madrugada, a "árvore que chora", durante pouco mais de cem dias em cada ano para daí arrancarem o sustento próprio e de suas famílias para o ano inteiro, nada representam de anormal. O fato do seringueiro continuar, durante e após o período propício ao seu labor extrativo, morando em casebres infectos e indignos da sua condição de ser humano, num baixíssimo nível social, constitui, para o sr. Abraim, uma normalidade absoluta, contanto que os seringalistas, como ele, possam continuar habitando vivendas luxuosas, fumando charutos quilométricos, participando de noitadas nos clubes granfinos, saboreando champanhotas e experimentando tantos outros requintes que o dinheiro honesto ou desonestamente ganho pode proporcionar.

A defesa articulada por aquele magnata do Acre, como é compreensível para as pessoas sensatas, não passou de uma pilhéria, pilhéria naturalmente de estranhar partida de quem preside a Legião Brasileira de Assistência. Porque a verdade é que, conheça ou não o sr. Abraim a nossa realidade social ou econômica, tenha ele ou não culpa do seringueiro ser um pobre diabo vivendo uma existência só compreensivel em período elementar, da civilização, esse é um fato universalmente conhecido, explorado até pela literatura de ficção e que fere a sensibilidade de todos os brasileiros estudiosos dos problemas de sua terra.

A desenvoltura do assunto, como vê o leitor, não me permitiu abordar a questão do ensino nas plagas acreanas, o que, entretanto, farei no meu próximo comentário.

VIAJANDO NUMA COMITIVA DA SPVEA

- III -

A esta altura dos comentários que venho tecendo, a partir dos meus dois últimos artigos, em torno às observações que fiz na minha recente viagem ao Acre e ao Guaporé, integrando uma comissão da Valorização da Amazônia, convém advertir ao leitor que os elogios dedicados ao dinamismo que surpreendi nas plagas acreanas, notadamente na sua capital, que faz pressentir a elaboração de um notável surto civilizador a eclodir por ali em futuro próximo, têm um objetivo fundamental de justificar a tése talvez desconcertante para os amazonenses "chauvinistas", qual seja a da necessidade imperiosa da interferência da União na área amazônica, especialmente em grande parte do território do Amazonas, como o meio mais viável e racional de promover-lhe o desenvolvimento, ou a recuperação, para usar uma expressão do momento. 47

Penso que é chegada a hora de meditarmos sobre o direito que nos assiste de não continuarmos indefinidamente estú pidos, bestificados na contemplação do maior rio do mundo em volume dágua, produzindo a melhor borracha do universo, emoldurados por florestas inigualáveis, refletidos no espelho interminável das águas de rios, lagos e igarapés sem fim, finalmente, embalados na lenda maravilhosa do El-Dourado e ao mesmo tempo, num contraste desolador, sofrendo o impacto desanimador da dura e triste realidade em que vegeta a nossa população hinterlandina.

Urge que abandonemos, por prejudicial, esse ufanismo ingênuo estratificado no nosso espírito, herança de uma era de aventura e pioneirismo já ultrapassada por novas concepções de vida e de progresso social e passemos a reivindicar para e ta terra condições de existência e métodos de trabalho que nos possibilitem avançar, na esteira do progresso, ao ritmo do movimento que se nota nos estados do sul e do centro deste País.

Nova Olinda pode ser o marco de uma éra de ressurreição semelhante à daquela cognominada do "Ouro Negro", que nos deu Manaus com o seu magnífico Teatro Amazonas, mas pode, igualmente, como aconteceu com o ciclo da borracha, trazer no seu bojo, concomitantemente com clarões efemeros de civilização, a marca triste do atraso, do sofrimento, da desilusão, personificados no homem que ainda hoje extrai o latex nos nossos seringais.

Devemos, diante da dolorosa experiência que possuimos, procurar avançar por uma via mais racional, menos sensacionalista, porém mais segura. Uma bem dirigida política agrária, com a utilização do braço imigrante, para o aproveitamento das nossas terras despovoadas ou de baixo índice populacional, paralelamente ao aproveitamento industrial de algumas das nossas múltiplas reservas naturais, está neste caso. Será um caminho muito mais seguro e sem o entrave dos planos mirabolantes, em demanda da recuperação econômica e social desejada.

Mas isso tudo só me parece viável com a interferência tanto quanto possível direta do Governo Federal, de modo a afas tar os obstáculos de ordem técnica ou administrativa que atualmente impossibilitam o êxito de qualquer empreendimento nesse sentido. A própria Valorização da Amazônia, face a tais modificações, encontraria, ao contrário do que presentemente está acontecendo, as condições favoráveis à colimação plena dos seus objetivos.

Que se crie, então, novos territórios, sob a condição inicial de ser o Amazonas imediatamente indenizado, pelo menos, num terço do que lhe couber em dinheiro pelas perdas que sofrer no seu patrimônio físico. E ver-se-á como em pouco tempo ajudados, inclusive, por essa indenização, sairemos da situação improgressista que nos acorrenta a um passado que nos deve ser caro apenas historicamente. Não deve ser outra, de fato, a

convicção a que chegará todo aquele que se der ao trabalho de estabelecer um confronto entre a paisagem estacionária dos municípios do interior amazonense e o dinamismo dominante nos territórios hoje assistidos efetivamente pela União.

Não quero terminar os meus comentários sobre o Rio Branco, todavia, sem dizer duas palavras (elásticas como a borracha do Acre) a respeito da sua elogiável organização escolar. Neste particular, temos mais uma prova indiscutível das vantagens que advêm para uma terra assim distante dos centros mais adiantados do País, do fato de receber o influxo direto do Governo Federal.

Há pouco mais de cinco anos, quando esteve à testa do governo acreano o atual deputado federal José Guiomard Santos, teve ele, levado pelo seu reconhecido discortino administrativo, a feliz lembrança de entregar à Secretaria de Educação dalí a uma educadora de Belo Horizonte, a professora Maria Angélica de Castro.

Conhecedora profunda dos rumos mais avançados da didática contemporânea, possuidora, além do mais, de um excepcional dinamismo, essa educacionista, durante o curto tempo que diriglu o ensino naquele território, voltou-se com excepcional carinho para a organização do ensino primário acreano, dando-lhe um cunho de atualização pedagógica que pode ser apontado como uma obra primorosa no gênero.

Essa atualização se observa não só na boa organização do seu Departamento de Educação, onde se pode colher, logo no primeiro contato, qualquer informação sobre a legislação e a sistemática educacional do Acre, sua população escolar, seu número de escolas, a situação geral do seu professorado, como ainda, pela técnica pedagógica com que funcionam os seus estabelecimentos de ensino, principalmente os de Rio Branco. Neste particular, convém notar, que esse território luta com tremendas dificuldades financeiras para atender as suas necessidades educacionais, decorrentes, naturalmente, da petrificação das dotações orçamentárias que não comportam a elasticidade exigida pelos problemas locais.

Mesmo assim, a técnica vai se sobrepondo ali às dificuldades financeiras e o magistério acreano, que encontra, presentemente, no profesor João Coelho de Oliveira e na professora Nilce Leite, aquele, por ocasião da minha estada em Rio Branco, diretor do Departamento de Educação e esta última, chefe da sua Secção de Estudos Pedagógicos, ambos cultos e profundos conhecedores dos assuntos educacionais, dois dos seus lídimos representantes e continuadores vitoriosos da obra da professora Maria Angélica, estimulado por uma repartição cretora à altura das suas responsabilidades, vai oferecendo à Amazônia e ao Brasil o exemplo magnífico do quanto pode a competência e o amor à terra a serviço de uma nobre causa, a causa da educação.

A demora da comitiva em Porto Velho foi curta, apenas três dias. O bastante, porém, para nos possibilitar tomar contato com os empreendimentos que vão impulsionando para frente aquela ex-cidade amazonense, dando-lhe a configuração de urbes progressista.

RODOVIA MANAUS-ITACOATIARA

Como vem acontecendo nos seus números anteriores, o de 14 do corrente da revista "Visão", que se edita na capital paulistana, estampa dois informes a respeito de problemas administrativos enfrentados pelo atual governo deste Estado, colhidos através do correspondente daquele periódico nesta cidade, o jornalista Felipe Daou. 48

Vale a pena um ligeiro comentário em torno à primeira dessas notícias, ou seja, a que se refere à construção da estrada que ligará a cidade de Manaus à de Itacoatiara.

Diz ela: "Itacoatiara, segundo município amazonense em prosperidade, vai ser ligado a Manaus graças à construção de importante estrada, que terá a extensão de mais ou menos 500 quilômetros."

Um pouco adiante, acrescenta o informante: "Essa realização faz parte do vasto plano de colonização que o governo do sr. Plínio Coelho pretende executar, objetivando o desenvolvimento da agricultura e da pecuária pela instalação de granjas em ambas as margens da nova rodovia, mediante financiamento a particulares com o pagamento, a longo prazo e a juros módicos."

E termina: "Segundo o contrato assinado pelo Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Amazonas (DAERA) com a empresa ECIBRA Ltda., sediada em Belém do Pará, a estrada custará 200 milhões de cruzeiros e deverá estar pronta dois anos após a data do início dos trabalhos".

Não formo no grupo daqueles que, honestamente e com isenção de ânimo, defendem a necessidade dessa rodovia. O meu ponto de vista é justamente o oposto. Devo dizer, entre-

tanto, que acredito na boa fé dos que lhe atribuem papel econômico futuro, achando que ela propiciará desenvolvimento agrário às terras por onde irá passar.

Do outro lado, opinando favorável ou desfavoravelmente, se encontra o grupo daqueles que encaram o assunto pelo prisma político-partidário, olhando a estrada através das lupas do seu personalismo.

Vou sintetizar para o leitor algumas das razões que me levam a duvidar das vantagens da estrada e da sua oportunidade presente.

Em primeiro lugar, vejamos se ela poderá encurtar a distância Manaus-Itacoatiara, que é o primeiro motivo favorável a um empreendimento desse vulto. 300 quilômetros de estrada, numa marcha média de 40 quilômetros por hora, uma viatura destinada ao transporte de carga ou ao transporte coletivo, com as indispensáveis paradas, levará, na melhor das hipóteses, oito horas. Saindo do porto desta cidade, por via fluvial, num navio veloz, Itacoatiara será atingida com nove horas de viagem; de lá para cá, a mesma embarcação não gastará mais de 12 horas.

Por aí se vê que a estrada não terá quase utilidade como via de transporte para a gente da Velha Serpa. Mesmo porque, numa viagem de oito horas por terra, de ônibus, por exemplo, por quanto não iria sair essa passagem? Por preço incomparàvelmente mais alto do que o cobrado no transporte fluvial. O mesmo ocorrerá com o frete das cargas.

.

Segundo o noticiário aquí comentado, a decantada rodovia terá como justificativa fundamental um objetivo de colonização.

Eis aí, realmente, um aspecto de grande significação do problema: a função colonizadora da rodovia. Isto, porém, envolve uma pergunta. Já foi encarado pelo atual governo o problema dessa colonização em todos os seus ângulos científicos e técnicos, tal como se entende o assunto modernamente?

Falando da carência alimentar da população amazônica, diz Josué de Castro, no seu livro "Geografia da Fome", 3.ª ed. pg. 80: "Para melhorar as condições alimentares da área amazônica faz-se necessário todo um programa de transformações econômico-sociais na região. As soluções dos aspectos parciais do problema estão todas ligadas à solução geral de um método de colonização adequada da região. Sem alimentação suficiente e correta a Amazônia será sempre um deserto demográfico. Sem um plano de povoamento racional e de fixação colonizadora do elemento humano à terra nunca se poderá melhorar os recursos da alimentação da região."

Um plano de povoamento, como o que se pretende levar o efeito às margens da aludida via pública, deve ser precedido de um programa preliminar de pesquisas climatológicas, ecológicas, de experimentação agrícola e sócio-econômica, dentro da moderna técnica colonizadora.

Além desse, outro aspecto do problema diz respeito ao tipo de colono a ser utilizado, cogitação que leva fatalmente a pensar em corrente imigratória, necessariamente do exterior do País, já que a experiência mostra o fracasso a que nos pode conduzir nesse sentido o elemento humano local.

Como experiência de colonização com o emprego do elemento alienigena, temos a que nos tem oferecido, na região amazônica, o imigrante japonês, o único, realmente, no Vale, que logrou fazer da agricultura atividade econômica e financeiramente compensadora. A sua atuação em colônias no Pará, e, aquí neste Estado, em Parintins; mais recentemente, a sua atuação na Colônia Agrícola do Amazonas, que esteve durante mais de dez anos improdutiva antes de receber o influxo decisivo do colono oriental, comprova, exuberantemente, essa assertiva.

Agora, renovo a pergunta anterior. Será que esses aspectos da questão foram encarados de modo a possibilitar um povoamento racional da região que será servida pela rodovia Manaus-Itacoatiara?

Se não o foram, convenientemente, é quase certo que a tentativa colonizadora será uma empreitada de danosas consequências não só para os nucleamentos que ali se forem formar

como ainda, e especialmente, para o erário público.

Outras considerações que a estrada suscita: a das terras firmes que ela irá atravessar, terras conhecidamente improdutivas ou de preparo técnico oneroso e de resultados pouco compensadores; e a da sua posterior conservação.

Como se sabe, a rodovia será plantada num deserto. Ao contrário do que é comum em outros lugares, onde a estrada surge sempre como um reclamo de população e atividades econômicas preexistentes, a nossa vai ser construida antecedendo a esses imperativos. Surgir;, não há dúvida, como uma experiência de colonização. Essa experiência, entretanto, não terá a seu favor nenhuma outra de vulto feita em terras semelhantes no Amazonas. O que vale afirmar, poderá dar, mas também poderá não dar resultado. Por outro lado, uma coisa é certa: Serão dispendidos 200 milhões de cruzeiros, nestes dois anos, com a construção da concorrente do Rio Amazonas, e, certamente, outro tanto com a atividade colonizadora.

Teremos, assim, uma previsão de gastos da ordem de 400 milhões para dois anos, importância inegavelmente fabulosa para quem vive, como o Amazonas, permanentemente com o pires na mão mendigando as migalhas da União.

Enquanto isso, tudo indica que, apesar dos gastos desses milhões, esta cidade continuará sob a pressão da falta de gêneros alimentícios, especialmente da falta de carne de gado vacum tão fundamental na dieta da nossa população. Sim, porque, na melhor das hipóteses, aceitando-se mesmo como vantajosa, como de efeitos positivos indiscutiveis, a experiência colonizadora em questão, a verdade é que com menos de cinco anos não poderemos de modo algum começar a sentir esses efeitos, nós que ansiamos por providências de cunho imediatista para a solução dos problemas que a todos angustiam.

Quatrocentos milhões, que serão possivelmente gastos em dois anos os quais, aplicados num plano menos mirabolante, dariam muito bem para dinamizar os seguintes empreendimentos de viabilidade incomparavelmente mais segura:

- a) Cr\$ 100.000,00 para a formação de campos de engorda e de criação para gado vacum, por exemplo, nos municípios de Manaus, Itacoatiara, Careiro, Manacapurú, Codajás;
 - b) Cr\$ 100.000,00 para compra de gado para aquele fim;
- c) 50.000,00 para a formação de granjas e Cr\$ 50.000,00 para agricultura de um modo geral, com o aproveitamento de elemento imigrante. Tudo em zonas compreendidas nos aludidos municípios;
- d) Os restantes Cr\$ 100.000,00 poderiam ser aplicados na compra de uma frota de 20 lanchas possantes destinadas a fazerem linhas para as regiões mais próximas de Manaus, facilitando o transporte nos nucleamentos agrícolas, envolvendo Itacoatiara, Manacapurú, Codajás, Careiro, Autazes, Canutama, em tráfego regular.

Muitos outros planos poderiam ser feitos à base de auxílios financeiros federais, visando arancar sem delongas esta cidade e os municípios do interior do Estado, do cinturão de fome em que se encontram.

O que fica aí, porém, unicamente a tentativa de mostrar que a Rodovia Itacoatiara-Manaus parece mais uma solução de ordem remota para a nossa crise alimentar.

É uma opinião, certamente, que colide com a dos que pensam em sentido contrário. Estes, a meu ver, deveriam vir a público para exporem e defenderem o seu ponto de vista, esclarecendo, na esfera larga dos debates culturais, o povo e os que não estão obrigados a encarar assuntos de construção de estrada com fins colonizadores como coisa dogmática.



COLONIZAÇÃO

Oportuno discurso acaba de pronunciar na Câmara dos Deputados o representante amazonense Áureo Melo, a propósito do povoamento deste Estado. 50

Trata-se de um brado veemente daquele deputado perante os demais representantes da Nação, na Câmara Baixa, visando defender o povoamento do Amazonas, através de críticas e indagações que faz ao Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

Não há dúvida de que o assunto em apreço, numa hora em que os nossos parlamentares costumam perder o seu precioso tempo com tanta questão de somenos importância, reveste-se de um sentido de palpitante atualidade, tanto é certo que está ligado a um dos ângulos fundamentais do desenvolvimento do Amazonas.

Só uma bem orientada política colonizadora, realmente, será capaz de ajudar a transformar o imenso deserto geográfico em que vivemos e que assoberba de sentimento contemplativo e de medo panteista o homem hinterlandino, numa área verdadeiramente produtiva, capaz de suprir, com o trabalho da terra, as necessidades de sua gente. Esse trabalho, todavia, é tarefa que deverá ser feita com o auxílio do braço advena, pelo imigrante, com as inúmeras reservas de entusiasmo, de otimismo, de confiança no futuro, com que se costuma transferir do seu para outros "Habitats".

O Amazonas precisa, sem demora, de ser povoado, para que suas riquezas possam ser dinamizadas com vantagens econômicas para o seu desenvolvimento. Fora daí, a experiência indica que é malhar em ferro frio. Qualquer política desenvolvida com base nos quadros demográficos existentes, será, não tenhamos dúvida, uma política de decepções, de desilusões, de fracasso...

Somos uma população quase estacionária. O aumento dos nossos índices demográficos, nas múltiplas unidades municipais que compõem o Estado, é tão diminuto, que se tem até a impressão que as noções sobre limitação de filhos divulgadas recentemente num livro do escritor Moacyr Rosas "Demografia Desesperadora", já vêm sendo aplicadas de longa data por estas bandas...

Vivemos, esta é a verdade, menos num paraiso, do que num meio inóspito, de natureza agressiva, dificilmente dominada pelo homem que a ela se sobrepõe, mas não a vence, no sentido de conseguir prosperidade, conforto, bem estar, e folgança econômico-financeira, a custa do seu árduo trabalho.

O homem do interior amazônico é, via de regra, um homem vencido pelos inúmeros e impiedosos fatores telúricos com que se defronta.

Impõe-se, dessa forma, que se povoe o deserto. Que se povoe, entretanto, racionalizadamente, com técnica, com atentamento aos princípios e ensinamentos que hoje norteiam as atividades colonizadoras.

Tudo o que vai mencionado é o que demonstrou conhecer e sentir o deputado Áureo Melo através das considerações que vem de fazer, em forma de clamor, em torno de problema. Parece que Áureo está percebendo mais do que os seus companheiros de bancada que não adianta perder tempo com problemas secundários, quando os de maior expressão, os de importância dominante, inúmeros problemas de base vão ficando para o Deus dará, como ocorre com o do povoamento que reclama este pedaço da Planície Amazônica para poder progredir, saindo, de uma vez por todas, do ciclo dos emolientes e entorpecentes espalhados no ar pelos interessados na perpetuação da sua pobreza e do seu atraso.

Daí a clarinada que acaba de dar em favor da terra. Clarinada é claro, que só pode ter ressonância gratíssimas no espírito daqueles que, como o deputado Áureo, sem povoamento não vêem salvação para a diluvilândia pelo menos neste século.

IMAGENS JAPONESAS

Os jornalistas locais noticiaram as demarches empreendidas pelo Sr. Plínio Ramos Coelho junto ao Cônsul Geral do Japão no Brasil, sobre a vinda de 30 famílias japonesas para este Estado. ⁵¹

Os imigrantes nipônicos, logo que aquí cheguem, serão localizados às margens da estrada Manaus-Itacoatiara, entre os quilômetros 40 a 51, o que, vale dizer, a uma distância de 2 horas desta cidade, em percurso por automóvel ou outra viatura de velocidade semelhante.

Trata-se de uma notícia alviçareira, ninguem pode negar. O problema da colonização das áreas despovoadas próximas desta capital, através do braço imigrante, de há muito devia ter sido levado a sério pelos nossos governos estaduais.

Não acreditamos em progresso desta terra, em melhoria desta cidade, no seu sentido real, profundo, insofismável, sem que sejam criadas condições alimentares favoráveis para o seu povo.

E somente através do trabalho agrícola, do desenvolvimento da nossa agricultura e pecuária poderemos atingir essas desejadas condições.

Dias atrás, comentamos um projeto do deputado Áureo Melo, no qual o problema imigratório, em relação ao Amazonas, era focalizado com entusiasmo e nos seus devidos termos.

Somos, de fato, um Estado que antes de tudo precisa cuidar do seu povoamento e da base de alimentação para a sua população.

Porisso, toda medida governamental que tenha por objetivo a colonização das nossas imensas áreas despovoadas, encarado o assunto, é claro, pelo seu prisma científico e técnico, dentro das modernas concepções ruralistas e colonizadoras, deve merecer o aplauso daqueles que se preocupam com a solução dos nossos problemas de base.

O IMIGRANTE que agora está sendo cogitado é, justamente, aquele que parece mais adequado para a faina agrícola na região amazônica.

Ao tempo do dr. Arthur Reis, à frente da Valorização da Amazônia, isto há pouco mais de 2 anos, por iniciativa sua, centenas de japonêses foram instalados nas terras da Colônia Nacional. E ainda que essa colônia deixe muito a desejar, sobretudo em virtude da carência de recursos técnicos com que luta, alguns positivos resultados mostram o valor do trabalho realizado no sentido de enfrentar o problema da colonização nesta terra.

Ficou evidenciado, acima de tudo, que os nipónicos quando para cá se transferem, na ânsia de realizarem núpcias com a pátria adotiva, carregam consigo uma reserva enorme de experiência de trabalho haurida no seu solo de origem, uma vontade férrea de vencer e uma esperança de melhoria econômica que constituem a força atuante do seu espírito em demanda do êxito, geralmente alcançado.

É o elemento indicado, portanto, para com ele enfrentarmos a ingente tarefa de modificação para melhor do nosso panorama rural, promovendo a dinamização das nossas riquezas agrícolas.

A QUESTÃO da colonização com o imigrante estrangeiro, no entanto, deve ser encarada com a amplitude de visão científica que ela exige em nosso tempo para que não sejamos surpreendidos, mais tarde, com um fracasso causado pela nossa própria imprevidência ou incultura.

Como disse o professor Arthur Reis em notável trabalho divulgado pelo Ministério da Educação e Saúde sobre o assunto, "ao analisar a situação das nossas populações rurais é preciso abandonar certas idéias "Progressistas" e certos complexos de superioridade mal encobertos em planos de "reformas que visam o homem do campo".

E prossegue: "A cultura cabocla — para usarmos uma expressão de um sociólogo, — não pode ser "reformista". O que podemos fazer é uma enxertia cultural, isto é, adicionar nos seus membros, traços, materiais e imateriais de outra cultura, para que, através dos mecanismos de contato, de imitação, de intercâmbio, haja uma fertilidade recíproca. A fixação do imigrante em núcleos homogêneos, a multiplicação desses núcleos, focos de disseminação de idéias e práticas novas, lentamente, organicamente, realizarão esse objetivo".

No caso presente, não sabemos quais são os propósitos do governador atual deste Estado, ao encarar a colonização das margens da estrada Manaus-Itacoatiara, através do braço imigrante, a ter início com a vinda das 30 famílias japonesas anunciadas.

Somos de opinião, porém, que face à experiência favorável que o tipo de colono agora cogitado para o Amazonas, tem oferecido, em muitos pontos do Brasil, mas, principalmente, no vizinho Estado do Pará e aqui mesmo, um plano de muito maior envergadura poderia ser posto em prática com a utilização de um número mais avultado de imigrantes, de modo a que o problema pudesse revestir, na maneira do governo enfrentá-lo, todas as caractérísticas de um acontececimento verdadeiramente promissor, não só para esta cidade, como, de resto, para todo o interior.

A marcha pela colonização no nosso meio, desde que levada a efeito decisivamente, terá o sentido de uma sugestiva aventura de bandeirantes, tais serão os horizontes que semelhante orientação administrativa nos discortinará!



ENSINO RURAL

BREVEMENTE as férias escolares estarão esgotadas, voltando nossa mocidade estudantil às lides das suas atividades. 52

É tempo, portanto, de se pensar em tais assuntos com os múltiplos problemas que eles envolvem.

Já se disse que essa questão de percepção clara ou mesmo aguda de um problema é sempre resultante de uma anormalidade no meio social, ou melhor, no seu organismo, do mesmo passo que uma pessoa só se aperceberá de um problema seu de saúde, quando a doença lhe leva à consciência o aviso do órgão ou órgãos afetados.

Em matéria de ensino, que é um fato social, seus problemas são tão mais percebidos quanto mais afetado o organismo da sociedade, pelas suas anormalidades.

......

NO AMAZONAS, como temos repetido em outras oportunidades, talvez como decorrência das nossas contingências geográficas e do nosso baixo índice populacional, o ensino é um problema da mais alta envergadura.

De fato, apesar do reduzido rendimento das nossas escolas, notadamente as que estão espalhadas no vasto interior, o erário estadual dispende altas somas com a sua manutenção.

Tal desproporção entre o montante das somas que o governo gasta com o ensino e a precária produtividade das nossas escolas públicas, é que levou o sr. Desirée Guarany a afirmar quando no exercício do cargo de Secretário de Finanças, ser o nosso professorado um verdadeiro peso morto no orçamento estadual. Peso morto, não. Mas peso pesado, é indiscutível.

O problema, porém, é dos mais complexos e não basta a observação de um dos seus ângulos, apenas, para justificar uma opinião de âmbito geral.

De qualquer forma, como acentuamos acima, é tempo de nos prepararmos para enfrentar o próximo início das atividades letivas, encarando os inúmeros problemas que o ensino oferece no nosso meio.

DENTRE esses problemas, a nosso ver, ocupa lugar de destaque a ruralização das nossas escolas do interior. É um assunto que de há muito devia ter sido encarado pelas nossas autoridades educacionais.

É bem verdade que, ao situá-lo, vem logo à consideração este outro problema: a formação de professorado especializado.

É um problema cuja solução não deve ser procrastinada indefinidamente.

De início, na esfera do ensino primário, cumpre iniciar a preparação de professorado adequado aos fins da ruralização.

Um simples curso de férias, para as professoras distritais, podia constituir um início da nova cruzada.

Devemos pensar, entretanto, na estruturação em moldes técnicos e pedagógicos de uma escola normal rural, que poderá começar por uma das atualmente existentes com esse nome neste Estado, notadamente a que funciona, ou funcionava, no Instituto Benjamin Constant.

Nossa Faculdade de Agronomia, agora abandonada e desprezada, deveria ser também objeto de atenções imediatas.

Temos uma Escola de Iniciação Agrícola do Paredão, estabelecimento que funciona deficientemente e está longe de cumprir suas finalidades reais.

Por que, então, nossos representantes federais não pensam e não levam a efeito um trabalho visando dotar aquela escola de elementos suficientes para que possa fazer jus ao seu nome? Enfim, o ensino rural no Amazonas está a reclamar de todos que têm responsabilidade de ordem pública nesta terra e podem fazer qualquer coisa em seu benefício, uma ação imediata.

Enquanto não dermos à nossa gente hinterlandina formação rural adequada, ela continuará a viver em função dos seus planos imediatistas de se transferir para os subúrbios de Manaus, onde se desenvolve o caldo de cultura dos múltiplos aspectos de desajustamento sociais com que se depara, com ameaças cada dia mais alarmantes, esta capital.

Falar em solução de problemas rurais, sem concorrer para a modificação e aperfeiçoamento da mentalidade dominante no nosso homem do interior, é, não tenhamos dúvida, pregar no deserto.



ASPECTOS DA RURALIZAÇÃO DO ENSINO UMA ANÁLISE SÓCIO-ECONÔMICA DO HINTEHLAND AMAZONENSE

Nesta fase de inquietação e dúvidas que assaltam o espírito dos estudiosos e dos homens públicos desta terra, em virtude das dificuldades atinentes à solução dos nossos problemas rurais, para onde deita raizes a crise alimentar com que se debate Manaus, achei oportuno trazer a público um trabalho que elaborei algum tempo atrás, visando alertar os responsáveis pela recuperação econômica da Amazônia, notadamente do Amazonas, em torno à importância da educação rural, através da ruralização do ensino, coadjuvante poderoso naquele monumental empreendimento. 53

Trata-se de tema de significação correlata com os demais que visam a fixação do homem à terra, dentro da solução do problema agrário, que será elemento preponderante no conjunto dos fatores que tiverem de assumir, futuramente, posição de vanguarda no desenvolvimento econômico e social deste pedaço de terra brasileira.

De fato, a ruralização do ensino, notadamente no interior deste País, é hoje assunto pedagógico que escapa, ao contrário do que acontecia há alguns anos atrás, ao âmbito das controvérsias, tão acordes se encontram agora os educacionistas brasileiros a respeito da sua utilidade e mesmo, da sua infugivel necessidade, como condição indispensável à formação da mentalidade agrária de que precisamos.

Ninguém desconhece que a evolução agrária de uma região está condicionada pelo grau de preparo dos seus habitantes da zona rural. Dessa forma, as técnicas agrícolas só se incorporarão ao acervo de hábitos de uma coletividade rural, se tiverem como base os conhecimentos indispensáveis sobre os quais elas devam repousar.

Em outras palavras, jamais se preparará o homem do interior brasileiro para o grande papel agrário que lhe está destinado, no drama da nossa amancipação econômica, sem que se substitua o seu anacrônico equipamento mental, infenso à faina campesina, sob a influência de idéias e preconceitos errôneos, por idéias novas que o habilitem ao trabalho do campo, mostrando-lhe as vantagens da fixação à sua gleba, e o valor desta como fonte de riqueza, de bem-estar, de progresso.

Não é outra coisa, realmente, o que se propõe o ensino rural, que deve começar, como em todos os países onde a ruralização tem produzido positivos resultados, pela escola primária.

Encarando o assunto com a serenidade que ele impõe, é que o "Primeiro Plano Quinquenal" da SPVEA, publicado ao tempo que dirigia esse órgão o Dr. Arthur Reis, na parte que diz respeito ao Desenvolvimento Cultural, estabelece rumos que se nos afiguram seguros para a ruralização das escolas da Amazônia.

E assim é que, à pag. 280, do Cap. 111, do segundo volume, referindo-se ao ensino primário existente na região nos adverte:

"A instrução primária na Amazônia, como, de resto, em todo o País, se tem circunscrito aos estreitos limites do ensinamento das técnicas de leitura, de escrita e de contagem. Acresce, ainda, que as escolas urbanas e rurais, embora se dirijam a meios inteiramente diversos que deveriam refletir-se em sua estrutura, são essencialmente iguais e servem-se dos mesmos materiais e dos mesmos métodos de ensino".

Diante da realidade educacional al retraçada, objetivando um reajustamento das escolas da Amazônia às suas verdadeiras finalidades, com o aproveitamento das unidades atualmente existentes, prevê aquele plano uma atuação complementar da Valorização, com os seus propósitos assim resumidos:

- "a) aparelhar a rede de escolas primárias atualmente existentes através do fornecimento de material didático mais adequado;
- b) organizar cursos intensivos de férias para o professorado rural que o capacite a uma ação educacional mais eficiente;
- c) planejar e realizar o reaparelhamento das escolas normais rurais (op. cit.). Tratando da questão do treinamento de professores rurais, diz o Plano;

"A única forma de atender rapidamente toda a rede de ensino primário da região para dinamizar seus métodos educacionais e reajustá-lo às necessidades educacionais da população é atuar sobre o professorado que atualmente leciona nessas escolas". (op. cit.)

Um pouco adiante, abordando o problema da "Readaptação das escolas normais para a formação de professores rurais", acrescenta:

"Na região amazônica se conta hoje com um número considerável de estabelecimento de ensino rural, a maioria deles situados nas cidades mais populosas e só aparelhadas para a formação de professores urbanos. Existem, entretanto alguns estabelecimentos criados com o propósito de formar professores especializados para escolas rurais, que, por diversos motivos, deixaram de funcionar como tal" (op. cit. pág. 283).

Vê-se, pela citação que fiz de topicos do capítulo "Desenvolvimento Cultural", do segundo volume do PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL, que a S.P.V.E.A., ao publicar sua primeira planificação de larga envergadura, visando a recuperação da Amazônia, deu ao problema do ensino, especialmente ao ensino rural, expressivo destaque.

Alí foram traçados, com acuidade, pelos seus técnicos, a orientação a ser seguida pelo grande órgão de recuperação regional. No setor educativo, visa essa orientação dotar as escolas espalhadas pelo vasto interior amazônico das condições indispensáveis à realização dos seus fins. Em resumo: aponta o itinerário para a progressiva ruralização do ensino nessas escolas.

No que diz com o Amazonas, setor regional que tomei para objeto deste trabalho, é possivel aos estudiosos mais afeitos ao estudo dos seus problemas sociais, em geral, oferecerem contribuição de maior polpa ao conhecimento do assunto.

Afigura-se-me, na verdade, da maior urgência que se alerte aqueles aos quais incumbe a responsabilidade pública na dinamização do progresso no Amazonas, e, dentre eles, os que ocupam posição de vanguarda, na hora atual, como é o caso do governo estadual e a SPVEA, no sentido de que enfrentem, com decisão, o problema da ruralização do ensino, tão oportunamente colocado no citado "Primeiro Plano Quinquenal".

Acredito que a ruralização do ensino no interior deste Estado representará a mais propulsora força educacional capaz de contribuir para que sua população possa dinamizar as riquezas indispensáveis ao seu bem estar e à sua prosperidade. É uma tarefa, realmente, que deve ser encarada sem mais delongas ou procrastinações. A modificação da mentalidade do homem do interior amazonense, pela erradicação de hábitos obsoletos de trabalho e de idéias improgressivas a respeito da sua atividade econômica e social, envolve esforços de cunho psicológico e educacional, que só poderão atingir seus objetivos através do ensino adequadamente ministrado.

Tal modificação representa, não resta dúvida, a substituição de uma mentalidade ou de uma cultura por outra. E isso só se conseguirá trabalhando o espírito das gerações mais novas, moldando-as no sentido dos rumos indicados pelo progresso dos nossos dias. Sobre as gerações mais velhas, também, com efeitos menos rápidos, mas inegáveis, o ensino atuará através de uma educação de base bem dirigida.

Sem educação rural é que será dificílimo atuar no espírito de uma população dominada por idéias improdutivas, para transformá-la no elemento indispensável que terão de contar os pregoeiros e executores dos planos de recuperação da gleba verde subdesenvolvida. Em nosso Estado, os problemas rurais sobrelevam hoje, como ontem, os demais. É um Estado que para o seu abastecimento alimentar vive, quase exclusivamente, na dependência da importação. Sua pecuária, sua agricultura, finalmente, sua atividade agrária em geral produz, muito aquém, das necessidades dos seus habitantes. Daí porque há um panorama de fome, de crise alimentar, que se discortina em todos os quadrantes do seu vasto território. Tudo isso, em grande parte, porque o homem, das nossas zonas rurais, além de desassistido dos poderes públicos, ou defeituosamente assistido, não está educado para o trabalho da terra, onde ele se sente, geralmente, à semelhança de um hóspede que espera uma oportunidade para se trasladar para os centros urbanos.

A população dos subúrbios de Manaus, população pobre, paupérrima, que hoje absorve, por assim dizer, o centro urbano antigo da cidade, gerando os mais sérios problemas sociais, é a prova mais eloquente da falta de uma política educacional rural capaz de orientar em sentido contrário às suas naturais inclinações, o homem do interior, pela fixação à sua gleba.

A observação dese fato, que é do conhecimento de todos que aquí vivem, de há muito robusteceu-me a convicção de que sem atividade econômica que abra novos horizontes para o homem hinterlandino e sem educação rural em bases pedagógicas e científicas, jamais se conterá o êxodo que está transformando a grande maioria das sédes dos municípios amazonenses em centros de pauperismo, que é o campo propício para a eclosão de multiplos e graves problemas sociais.

Uma análise das condições sociais e econômicas que cercam em nossos dias a vida da população pobre do Amazonas, mostraria, de maneira chocante, o contraste existente entre o habitante de terras tão extensas e sua desconcertante situação de pobreza e miséria geradoras das mais diferentes formas de desajustamento. Para não alongar demais o assunto, focalizarei apenas alguns aspectos da vida neste Estado que parecem indispensáveis à compreensão do tema educacional aqui proposto.

Todo aquele que percorre, mesmo algum dos seus principais pontos, esse verdadeiro deserto geográfico que é o território amazonense, detendo-se, aqui e alí, nas sedes dos seus pouquíssimos municípios do interior, para observar-lhe os múltiplos aspectos de sua vida social, logo verificará a importância dos problemas rurais, em cuja solução se encontra o caminho aberto para a solução dos demais problemas.

Aí vive o homem, realmente, cercado das condições mais precária de existência. Tudo lhe é difícil e hostil e não passa de um joguete ante os imperativos telúricos do mundo em que se agita. Comporta-se, no seu próprio meio, sobretudo o meio físico, para lembrar uma imagem de Euclides da Cunha, como um estranho, um desajustado. O desajustamento que mais lhe é prejudicial, todavia porque lhe anula os ímpetos naturais de progresso, é o econômico. Finalmente, pobre, mal alimentado, desassistido, oculto, não dispõe do equipamento mental para vencer as dificuldades inerentes ao meio e produzir os bens indispensáveis a uma vida confortável, como elemento útil a si mesmo, à sua família e à coletividade.

Presa ainda segura do subdesenvolvimento, como parte de uma vasta região assim caracterizada, a hinterlândia amazonense não oferece condições de vida para que o homem aí construa o seu bem estar, ajude a impulsionar o progresso, a aprimorar a civilização.

Dentre as múltiplas limitações que se observam no panorama social e econômico deste Estado, às quais não escapa hoje nem mesmo a sua Capital, está a falta de gêneros alimentícios, que o transforma numa verdadeira área de fome, para usar uma expressão do conhecido nutricionista Josué de Castro. É nessa carência alimentar, que castiga implacávelmente sua população, que se depara este verdadeiro absurdo: o de um povo pobre, sub-alimentado e anemiado vivendo, apesar disso, em extensos tratos de terra que esperam ser cultivados, que desafiam o trabalho capaz de fazer brotar a riqueza, fator de desenvolvimento e de progresso.

......

Como orientar, o homem do nosso interior para o trabalho compensador da terra, para a atividade agrária, se nele existe uma irreprimível e indisfarçável descrença a respeito do valor da faina do campo? Nosso hinterlandino, de fato, sente-se mais á vontade como participante da atividade econômica fundada no extrativismo. Nessa atividade, que ele acumula com a de pescador e caçador, pensa residir o seu trabalho mais rendoso e de maior futuro. Só de poucos anos para cá, o cultivo da juta, em alguns setores do Estado, vai firmando a convicção de uma nova fonte de riqueza, de reais vantagens para os que nela empregam sua atividade. Fora daí, limita-se a assegurar a sua subsistência com o trabalho assalariado, que nem sequer possibilita-lhe ganho indispensável à manutenção própria e da família. E trabalha com os olhos voltados unicamente para as necessidades do dia que pasa, sem hábitos de poupança, de economia, ligando suas aspirações ao círculo estreito das condicões empíricas e retrógadas em que vive.

Não é outra a impressão que oferecem ao observador as próprias sedes dos municípios. Um ligeiro contato com a vida que levam seus habitantes, é bastante para nos convencer do empirismo econômico em que se assenta, aí, a vida social. Quase todos esses municípios mostram-se estacionários, lutando desesperadamente para conservar os padrões de existência e de trabalho a que atingiram, no período áureo da borracha, ainda hoje, apesar das condições de miséria que cria para o seringueiro o produto básico da economia do Estado.

Basta dizer que algumas das cidades do interior não possuem uma fábrica, mesmo de tijolo, sequer. Este primarismo econômico impõe a fisionomia característica do atrazo do homem. Essa situação, que só percebem exatamente os que não deixam influenciar pela cor local, assume proporções desanimadoras, quando se confronta uma cidade nossa, digamos, dentre as 10 principais do Estado, com outras de situação seme-Ihante das unidades mais desenvolvidas do País.

Precisamos, por conseguinte, seguir uma nova política agrária, visando o abandonado e estacionário interior amazonense. Uma política que possa sustar o êxodo rural hoje dominante, em decorrência do qual processou-se o desequilíbrio populacional de Manaus que continuamente recebe para o parazitamento dos seus subúrbios o imigrante que não encontrou condições de vida e de trabalho compensador nos nossos demais municípios.

Uma política desse tipo encontraria na ruralização do ensino elemento coadjuvante da maior importância.

Referi-me, acima, ao fluxo imigratório que transformou, nos dias que correm, esta capital, principalmente sua área suburbana, numa presa de múltiplos problemas, alguns dos quais comprometedores da sua fisionomia urbana e dos seus foros de cidade civilizada.

A transformação, não resta dúvida, foi brutal, eis que Manaus perdeu um conceito honroso e lisongeiro que já desfrutou nos seus áureos tempos, chegando mesmo quase a perder as condições elementares para a vida da sua população, não fosse o surto econômico que de 15 anos para cá teve lugar em nosso meio, de que é prova, no âmbito da administração pública estadual, o nivel altíssimo a que atingiu o orçamento da sua receita e despesa.

Mas essa transformação, em grande parte, tem sido a responsável pela mudança de centenas e milhares de famílias que se transportam para o sul do País, passando alí a fixar residência, erigindo a antiga Capital da República em centro permanente de suas atividades. Ainda há poucos meses, o amazonense Peri Toledo, procurando certificar-se do número exato dos seus coestaduanos que vivem no Rio, onde ele também agora reside, foi informado no IBGE de que atinge a cifra dos cincoenta mil. Quase 10% da população total deste Estado. Resta acrescentar que a grande maioria desses nossos conterrâneos

pertenciam, aquí, à nossa classe média e à mais alta, podendose afirmar que se trata de uma elite que deixou a sua terra de nascimento, ou de eleição, para tentar a vida lá fora. Uma elite, inclusive desta terra.

Não vai neste registro, absolutamente, a negativa do desenvolvimento indiscutível por que vem passando Manaus, no plano material e mesmo no plano da aplicação da inteligência dos seus homens públicos e de negócios, e dos que aqui vivem, em geral, bastando citar o número avultado das suas construções modernas e os empreendimentos de ordem pública ou privada, que têm, no Banco do Estado e na Companhia de Petróleo da Amazônia, as suas manifestações mais altas.

Acredito, porisso, que Manaus possui, hoje, condições para, dentro de cinco anos, no máximo, voltar a pontificar como expressivo marco da civilização plantado na selva, numa nova edição melhorada e aperfeiçoada dos tempos áureos da borracha. Para isso, basta que sejam concretizados, como se espera para breve, os planos da sua eletrificação.

É preciso, portanto, que nos preparemos para esse futuro radioso em perspectiva, quando esperamos ser reintegrados no lugar privilegiado em que vivemos situados no conjunto das capitais brasileiras, no princípio deste século.

É preciso, igualmente, que se comece a empreender a marcha civilizadora rumo ao interior, onde nada poderemos fazer sem encontrarmos uma solução para os seus problemas agrários.

E repito o que afirmei anteriormente: urge que se prepare o homem, do campo, ou melhor, das margens dos nossos rios, lagos e igarapés, para a tarefa de recuperação da terra. Que se equipe o seu espírito, dotando-o de idéias, de hábitos, de aspirações que girem em torno dos valores da terra, do seu meio físico e social, de modo a que ele, partindo de uma nova compreensão sobre as vantagens da fixação à sua gleba, possa transformá-la, pelo seu trabalho produtivo, na fonte de riqueza impulsionadora do progresso.

O passo inicial para que atinja este desiderato é a modificação ou substituição da mentalidade antiga por uma nova, de acordo com o papel reservado ao nosso caboclo, na transformação agrária por que terá de passar a gleba verde.

Daí a confiança que mantenho no poderoso instrumento que seria, para esse fim, a ruralização do ensino tal como não passou desapercebida aos técnicos da SPVEA no PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL, e como se impõe aos que se preocupam com o futuro do Amazonas, como um postulado de reeducação capaz de ajudar nosso heroico caboclo na sua monumental tarefa econômica e social da sua terra.

SOBRE UNIVERSIDADE

DO RIO DE JANEIRO veio a notícia das demarches que ali está empreendendo o deputado Áureo Melo, junto ao presidente Kubitschek, objetivando a criação da Universidade do Amazonas. 54

A idéia, como era natural, tomou conta da imaginação de alguns líderes estadistas desta cidade, entre os quais o academico Agnelo Balbi, presidente da UEA, e começa a adquirir vulto, com características sugestionantes, nos nossos meios escolares.

E já se fala num movimento maior, envolvendo os meios intelectuais amazonenses, visando a defesa da Universidade do Amazonas, pela concretização da idéia da sua criação.

.............

O ASSUNTO é daqueles que fascinam, inegavelmente, a mentalidade estudantil. Uma Universidade para o Amazonas!

É bem verdade que Manaus, sob esse ponto de vista, já foi mais adiantada. Sim, no primeiro quartel deste século, teve a sua Universidade, ou pelo menos, coisa parecida. As extintas Faculdades de Odontologia e Farmácia e Escola de Agronomia foram o resultado daquele impulso universitário criador. Nossa Faculdade de Direito, hoje federalizada, viveu, também, longos anos dentro daquela aura universitária, nos bons tempos em que era chamada de "Jaqueira". Mas a idéia não foi para frente por falta, certamente, do mesmo atuante impulso criador que a fez nascer e, como conseqüência, desapareceu no nosso meio o espírito universitário, ou seja, aquele espírito que é a mola propulsora da cultura, do arejamento intelectual, humanístico.

ULTIMAMENTE, porém, por influência de alguns amazonenses que foram à America do Norte e ali tiveram oportunidade de fazer cursos nas universidades estadunidenses, ainda que, na maioria dos casos, cursos intensivos, como aconteceu com Samuel Benchimol e João Martins da Silva, para só citar estes, a idéia de uma universidade passou a ser acariciada entre nós, por estudantes e elementos das nossas elites intelectuais e administrativas.

A explicação é simples. Na terra de Tio Sam a ciência, a cultura, a técnica, a educação do povo, o progresso nos seus múltiplos aspectos, todos esses fatores de ordem moral e material encontram as suas mais importantes sementeiras nas universidades.

A universidade está intimamente ligada, como fator de propulsão ao desenvolvimento extraordinário que os EE.UU. apresentam, nos dias que correm, vinculada, igualmente, a sua evolução histórica.

Esse é um fato sabido e que constatam todos aqueles que visitam o país dos dólares.

Daí o fascínio que a própria palavra universidade exerce, sobretudo nas inteligências jovens, a que não é alheio, como foi dito acima, o nosso meio.

CONVEM lembrar, todavia, que esse assunto constituiu uma das primeiras preocupações do atual governo, que, apenas com 15 dias do Sr. Plínio Coelho no poder, baixou um ato nomeando uma comissão para estudar as possibilidades da fundação da Universidade do Amazonas.

Dessa comissão, lembramo-nos que participou o dr. Samuel Benchimol. Mas não sabemos se ela chegou a se desincubir da missão que o Governo lhe confiou. Apenas, temos vivos na memória dois fatos. O primeiro foi o esquecimento a que foi relegado o assunto, a ponto do Governo não mais se interessar, ao que nos é dado conhecer, por ele.

O outro fato, porém, é muito mais grave e muito mais triste. Diz respeito ao esquecimento, ao descaso, ao desinteresse completo a que foi votada a nossa Escola de Agronomia cujas obras, de construção do seu prédio, quando do aparecimento do ato sobre os estudos para a criação da Universidade do Amazonas, a Valorização da Amazônia assumira a incumbência de continuar, dependendo para isso unicamente do Governo do Estado ultimar a legalização da doação do seu terreno. O Governo, que tinha a Universidade e outros planos educacionais em vista, desinteressou-se por completo de tomar medidas para essa legalização. E, como conseqüência, a Valorização não pode levar para frente o seu intento de dotar o Amazonas com a Escola de Agronomia que constitui um dos seus mais impressionantes reclamos na órbita do ensino.

Agora, resta como lembrança das tentativas de homens bem intencionados para dotar esta terra de uma escola daquele tipo, uma construção em ruínas nos Bilhares, com o mesmo melancólico destino a que foi lançado, em pleno centro da cidade, a construção do edifício onde deveria funcionar a escola de Farmácia e Odontologia.

. **. .** . . **.**

DIANTE de tais fatos, realmente desconcertantes, é preciso mesmo ter muita fé, do tipo daquela que é capaz de mover montanhas, para crer na viabilidade de uma Universidade por aqui.

A não ser que o pomposo nome seja apenas a indicação de um movimento capaz de integrar esta capital, no correr do tempo, com aquisição parciais, das múltiplas escolas de ensino superior de que se compõe um agrupamento de unidades escolares dessa envergadura.

Só por esse aspecto poderá adquirir sentido o movimento que agora se inicia em torno de reivindicações de tão grande amplitude, depois de um inexplicável silêncio guardado pelos moços a respeito do abandono criminoso a que foram relegadas as duas escolas acima referidas, sendo que uma delas, a de Agronomia, a de mais urgente necessidade para o Amazonas.



PEREIRA DA SILVA E A SPVEA

O matutino "O Jornal" publicou, ontem, com o maior destaque, parte de um longo discurso pronunciado pelo deputado Pereira da Silva, da tribuna da Câmara, a respeito da Valorização Econômica da Amazônia. 55

Publicou, parcialmente, dada a extensão da peça oratória, prometendo continuar na publicação do restante, o que deve estar fazendo hoje.

Pelo introito, vê-se que se trata de substancioso exame sobre a situação da SPVEA, os seus primeiros anos de atuação na Amazônia, seu sistema de trabalho, as dificuldades que tem encontrado para cumprir os seus objetivos, notadamente no que se refere ao recebimento das verbas que lhes são assegu radas por lei, anualmente, no Orçamento Geral da República.

O destaque que o conceituado orgão da imprensa baré deu ao trabalho do ardoroso parlamentar amazonense, sem dúvida nenhuma, na Câmara BAIXA do País, o mais categorizado representante do Amazonas na presente, como na última legislatura, por si só evidencia a importância revestida pelo notável discurso, o qual, ao ser pronunciado, como se pode verificar do seu entrecho, pelos apartes dirigidos ao orador, galvanizou as atenções dos mandatários da Nação alí reunidos.

Trabalho exuberantemente fundamentado, sereno e isento de paixão partidária tão propícia ao abnubilamento do raciocínio, foi feito exclusivamente, como acentuou o autor, no objetivo de esclarecer os representantes do povo reunidos no Palácio Tiradentes, sobre os rumos que vão tomando os negócios da SPVEA, com os quais procura atingir seus altos desideratos. No exame da questão, feito com absoluto conhecimento de causa, Pereira da Silva, que já na Constituinte de 46 fo-

ra, segundo as expressões do deputado Fonseca e Silva, "o apóstolo" do trabalho alí desenvolvido em prol da Amazônia, que, posteriormente, tivera atuação decisiva na luta pelo estabelecimento do Plano da Valorização até a instalação da sua Superintendência, que, finalmente, participou da Comissão de Planejamento, o que lhe possibilitou um contato e um conhecimento direto com o sistema de trabalho da SPVEA, pode ser absolutamente objetivo, preocupado somente com alertar seus pares e a Nação em geral em torno ao valor de uma obra que ainda não está produzindo os seus verdadeiros resultados devido a falta de cumprimento exato das leis que lhe asseguram os fundos para a sua existência e atuação, por parte de quem de direito.

É um discurso, esse do querido representante do povo desta terra no Palácio Tiradentes, que deveria ser lido e meditado com atenção.

Nele está perfeitamente caracterizada a situação da Valorização. Ela é um serviço cuja existência lembra uma verdadeira cruzada patriótica de parlamentares, escritores e homens públicos da Amazônia para conquistá-la, depois de ter sido conseguida a confiariça de representantes de todos os estados e das autoridades centrais do País a respeito da sua necessidade.

Agora, o que cumpre a todos os brasileiros que se preocupam com a recuperação do Vale imenso é robustecerem a consciência desse objetivo, de modo a interessar a alta administração, nos seus trabalhos de cunho, aliás, eminentemente patriótico, pois que envolvem a preocupação com o desenvolvimento de uma imensa área subdesenvolvida do território pátrio

Infelizmente, lá fora ainda existe um clima tremendo de incompreensão para com as coisas desta região. Os homens públicos dos outros estados, os que formam na alta administração, via de regra, canalizando para as funções que exercem a opinião errada do seu meio com relação à vida e às neces-

sidades dos amazônidas, olham sempre com indiferença os nossos clamores visando a um lugar ao sol, à semelhança daquele que já desfrutam outras unidades nacionais privilegiadas. Porisso, tudo que é instituido em nosso benefício, mesmo revestindo a forma solene de dispositivos constitucionais ou legais, costuma ser procratinado, pois que ainda pesa contra nós a mentalidade daqueles que nos consideram como reservas para o futuro.

É essa mentalidade que até o presente tem impedido que, a Valorização da Amazônia encontre nos poderes centrais clima mais favorável a respeito dos seus direitos, possibilitandolhe, assim, cumprir as suas verdadeiras finalidades na região.

.

O brado de alerta do deputado Pereira da Silva, com a autoridade e o espírito patriótico que todos lhe reconhecem, certamente é uma tentativa, possivelmente vitoriosa, de aproveitar a boa vontade do Presidente Juscelino para com a Amazônia, mostrando-lhe por um exame límpido dos fatores que até agora têm entravado a boa marcha das atividades da SPVEA, que esses fatores são o resultado unicamente da incompreensão daqueles que não querem encarar os direitos de uma região durante tanto tempo olvidada nos seus substanciais interesses, através da visão progressiva resultante de imperativos da hora nacional que estamos vivendo.

A questão de promover o progresso da Amazônia não se prende mais apenas aos anseios e às esperanças do seu povo. Ela hoje assume contornos diferentes, profundamente ligados aos interesses maiores da Pátria, urge, revisionando idéias anacrônicas, alijando paixões improdutivas, se ponha o carro para a frente. Chegou a hora desta região progredir e o resto é com o patriotismo dos brasileiros, ou com a sua criminosa indiferença. Isso é o que se colhe, realmente, do notável discurso aquí comentado e que os intelectuais desta terra não devem deixar de ler.



A SPVEA E O PROBLEMA DA ENERGIA NO AMAZONAS

"NENHUM processo de desenvolvimento econômico podese verificar em uma região em que faltam energia e transporte, ainda que nela ocorram, em abundância, matérias primas e recursos naturais. A formação de indústria e a sua concentração em atividades industriais de alta produtividade só pode efetuar-se rapidamente depois que um povo consegue construir a infra-estrutura de seus serviços básicos de transportes e de suprimentos energéticos". 56

As palavras que aí ficam podem ser colhidas no 2.º volume do "PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL" publicado em 1955 pelo setor de Coordenação e Divulgação da SPVEA e no qual estão enfeixados os estudos e planos elaborados pelos técnicos da Comissão do Planejamento e até o presente pendente de aprovação do Presidente da República, para entrarem em fase de execução definitiva na região amazônica.

Execução definitiva, convém repetir, porque, depois de cumprir rigidamente suas obrigações determinadas em lei, a SPVEA não ficou em inatividade, aguardando a aprovação superior, com todas as formalidades de praxe, do plano elaborado com entusiasmo, patriotismo e competência pelos seus técnicos.

Bem ao contrário, continuou agindo, estudando e completando o equacionamento de problemas ali encarados na premência do tempo conferido por lei, com o objetivo de rasgar novos horizontes para a sua solução que, paralelamente, vem sendo enfrentada, com recursos técnicos e financeiros de que dispõe, dentro dos seus desideratos de concorrer, ao lado das demais entidades e serviços existentes, na órbita pública ou privada, para o desenvolvimento econômico e social da Amazônia.

Todas as considerações acima nos são sugeridas ao encararmos, como nos propusemos hoje, o que tem feito realmente a SPVEA para a solução do problema da energia neste Estado.

Firmes nos nossos propósitos de informar o público sobre a ação daqueles que, pessoas ou entidades, das mais variadas maneiras, concorrem para ativar o nosso progresso ou, pelo contrário, representam entraves ao desenvolvimento do Amazonas, recolhemos nas fontes que têm figurado no orçamento da SPVEA, consignadas a empreendimentos que visem a solução do problema de energia nesta unidade da federação, nestes últimos anos.

De fato, grande é o impulso que o Amazonas vem recebendo nesse sentido, sendo de notar que assim agindo a SPVEA mostra-se fiel à orientação apontada pelos seus técnicos no aludido "PLANO QUINQUENAL".

Depois de ter enfrentado, com decisão, o problema de transporte, dando-lhe o seu primeiro grande impulso com a renovação da frota dos SNAPP, com a qual despendeu a elevada soma de cento e vinte milhões de cruzeiros na aquisição de mais de 10 unidades fluviais, voltou-se, imediatamente, para a parte executiva dos seus planos sobre a eletrificação da Amazônia, pelo critério de zoneamento que acolhera, visando um melhor rendimento de seus trabalhos.

E assim é que Belém e Manaus formam os primeiros pontos visados nesse outro setor de atuação. Em Belém, como se sabe, a companhia de eletricidade montada com verbas, na sua maior parte, da Valorização, já entrou em eficiente funcionamento, mudando por completo no que depende de energia a vida daquela cidade que, apesar de alguns entraves naturais, está praticamente com o seu problema de força e luz resolvido.

Com referência a Manaus, não foi menor o interesse com a SPVEA, desde o princípio, encarou a solução do seu proble-

ma de energia. E as verbas que para isso figuraram longo nos seus primeiros orçamentos, por si só, atestam esse interesse, que só não produziu até o presente melhores resultados, em virtude de fatores entravantes do nosso próprio meio.

Mesmo assim, para que se tenha uma idéia do que tem sido esse empenho, basta mencionar o montante das verbas até o presente recebidas pela Companhia de Eletricidade, até 1957: nada menos de 50 milhões de cruzeiros, destinados, em caráter parcial, à integralização da cota com que a SPVEA participou do seu capital. E no seu orçamento para o corrente ano figura, novamente, uma verba, ainda para idêntico fim do mesmo elevado montante de 80 milhões.

Há mais, recentemente a SPVEA, em atenção a uma exposição que lhe fez o governador Plínio Coelho, referente à situação da energia nesta cidade e tentando lhe dar uma solução de emergência, adiantou-lhe a quantia de 25 milhões de cruzeiros, possibilitando, dessa forma, ao Estado do Amazonas, fazer a aquisição da Usina Flutuante que em breve funcionará em Manaus como coadjuvante das já existentes, no fornecimento de energia elétrica.

Por outro lado, desde 1954, vinham os Serviços Elétricos, hoje absorvidos pela Companhia de Eletricidade, recebendo um notável auxílio da SPVEA para a compra de combustivel: 4 milhões em 55, quantia igual em 56 e 57 e para 58 figura uma dotação no orçamento daquela de 5 milhões.

Pasando ao interior do Estado, vemos que 6 milhões de cruzeiros foram entregues no ano recém-findo pela Valorização a Itacoatiara, e 2.500 a Parintins, para compra de conjugados e instalações destinados à renovação dos serviços elétricos naquele município. Várias outras unidades hinterlandinas encaminham, com sintomas de viabilidade, seus pleitos visando a solução dos seus problemas de energia elétrica nas suas sedes com a ajuda da SPVEA.

Verifica-se, assim, que a participação daquele órgão federal na luta pela solução de tão importante problema nesta região é relevante e inestimável.



NOTAS

- Artigo publicado no matutino a CRÍTICA, da imprensa amazonense, em 1958.
- 2 A CRÍTICA, 1958.
- 3 A CRÍTICA 1958.
- 4 Discurso lido na Federação das Academias de Letras do Brasil, em 15/9/73.
- 5 Artigo publicado no seminário amazonense O MOMEN-TO, em 1946.
- 6 A CRÍTICA 1952.
- 7 William Durant, no prefácio de "OS GRANDE PENSADO-RES".
- 8 A CRÍTICA, 19/01/956.
- 9 A CRITICA, 10/12/956.
- 10 Artigo publicado na REVISTA DA ACADEMIA AMAZO-NENSE DE LETRAS, n.º 14, em 1969.
- 11 Artigo publicado em O JORNAL, matutino amazonense, na Página da Academia Amazonense de Letras, em 16/5/970.
- 12 Idem, em 24/5/970.
- 13 Artigo publicado em A FORMIGA, periódico estudantil amazonense, em 1948.
- 14 A CRÍTICA, em 24/4/952.
- 15 A CRÍTICA.
- 16 Trabalho publicado na REVISTA DA ACADEMIA AMA-ZONENSE DE LETRAS, n.º 13, em 1968.
- 17 Artigo publicado no JORNAL DO COMÉRCIO, de Manaus, em 10/10/948.
- 18 A CRÍTICA.
- 19 A CRITICA, em 11/11/957.

- 20 A CRÍTICA, em 29/07/952.
- 21 A CRÍTICA, em 20/12/956.
- 22 A CRÍTICA, em 04/12/956.
- 23 A CRÍTICA.
- 24 A CRÍTICA.
- 25 A CRÍTICA em 18/12/51.
- 26 A FORMIGA, em 1948.
- 27 A CRÍTICA, em 17/06/952.
- 28 Artigo publicado no matutino O TRABALHISTA, de Manaus, em 25/03/963.
- 29 A FORMIGA, em 1949.
- 30 A CRÍTICA, em 08/07/952.
- 31 A CRÍTICA, em 1952.
- 32 A CRITICA, em 04/01/958.
- 33 A CRITICA, em 23/04/957.
- 34 Ο TRABALHISTA, εm 28/02/963.
- 35 A CRÍTICA, em 19/01/957.
- 36 A CRÍTICA, em 1950.
- 37 O TRABALHISTA, em 15/12/963.
- 38 Discurso pronunciado no C.E.A., como paraninfo dos concludentes das série clássica e científica, em 1947, ocasião em que o Autor era diretor desse Colégio. Publicado na revista AMAZÔNIDA, que era dirigida pelo saudoso professor Carlos Mesquita.
- 39 A CRÍTICA.
- 40 Discurso proferido na ASSOCIAÇÃO AMAZONENSE DOS PROFESSORES, no dia 5 de Setembro de 1953.
- 41 Série de 5 artigos sobre o tema UM CURSO DE AMA-ZONOLOGIA, publicados os 4 primeiros em setembro e o último — O QUE DEVEMOS AO ÍNDIO — em 04/10/956.
- 42 A CRÍTICA, em 23/03/953.
- 43 A CRÍTICA, em 19/01/953.
- 44 A CRÍTICA, em 1955.
- 45 A CRÍTICA, em 1955.
- 46 A CRÍTICA, em 1955.
- 47 A CRÍTICA, em 1955.
- 48 A CRÍTICA, em 27/09/956.

- 49 Quase 20 anos decorridos após o Autor haver defendido aquele ponto de vista, que hoje, de boa fé, revê para tomar uma posição, em parte, diferente. A rodovia MA-NAUS-ITACOATIARA já se encontra, há alguns anos, construida e parece estar preenchendo uma das suas finalidades — a de via de transporte e comunicação. Mas o modo de ver do Autor, no que respeita à colonização racional das margens da importante via pública, para que se transforme num estímulo propulsor do povoamento da área por ela cortada, continua inalterado. É que no que tange ao incremento agrícola, sua presença como elemento de interligação de dois municípios, sendo que um deles o da capital do Estado, ainda se mostra sem maior relevância. A deficiência de gêneros alimentícios com que defronta Manaus, hoje agravada pelo fluxo populacional atraido pela ZONA FRANCA, com o consequente aumento do custo desses gêneros, continua a indicar a necessidade da postulação da tese defendida no presente artigo, pelo menos neste aspecto. Notadamente agora, quando a região tornou-se pólo de atração enfática das vistas da Nação e está sendo dinamizada por uma rêde de estradas importantes, dentre as que figura a portentosa TRANSAMAZÔNICA.
- 50 A CRITICA, em 28/12/957.
- 51 A CRÍTICA.
- 52 A CRÍTICA, em 22/01/958.
- 53 A CRÍTICA, em 1960.
- 54 A CRÍTICA, em 1957.
- 55 A CRÍTICA, em 29/11/956. Poucos dias eram decorridos do envio deste livro para a sua publicação, quando o Autor recebeu a notícia do falecimento do velho e indormido lutador. Tinha ele, nestes últimos anos, transferido sua residência do Rio de Janeiro para Manaus. Isso, apesar da sua idade provecta, para atender a um impulso permanente do seu espírito: o de servir ao Amazonas, terra que desde adolescente elegeu como fulcro da sua meta de lutador e patriota. O Autor lamenta, as-

sim, que o bom e fiel amigo seu que foi Pereira da Silva tenha deixado este cenário de lutas, antecipando-se aos seus companheiros na definitiva caminhada, sem ter tido a oportunidade de ver este livro impresso, que certamente lhe daria sincera satisfação.

56 - A CRÍTICA, em 1958.

INDICE

Explicação Necessária	5
Apresentação	9
A Fazenda de Huascar de Figueiredo	13
A Morte de Severiano Nunes	17
Homenagem a Leopoldo Peres	23
Saudação ao Professor Agnello Bittencourt	27
Pedrinho: Louvores de Uma Geração	33
Um Varão Plutarquiano: Waldemar Pedrosa	35
Perfil de um Político: Ruy Araújo	39
Político em Férias	43
Minhas Recordações de Alvaro Maia	47
O Aderson que eu Conheci — I	55
O Aderson que eu Conheci — II	61
Farias Brito — O Filósofo Brasileiro	65
Silvio Romero e a Cultura Literária no Brasil .	69
Gilberto Freyre e a sua Visita a Manaus	73
Rui Barbosa — Figura Ciclópica da Cultura Bra-	
sileira	79
Estudos de Sociologia — André Araújo	87
"Verdades contra Verdades" — de Adauto Ro-	

cha	93
Artistas Vitoriosos	97
A Pintura de Anízio Melo	101
Exposição	105
Fatos, Gordos e Magros — Demografia Deses-	
peradora	109
Viagem à Amazônia	113
Um Livro de Djard Mendonça Arquivo Aberto	117
Considerações Sobre o Hábito	123
Existencialismo	127
Falando Sobre um Mundo Novo	131
Um Problema de Psicologia — A Interpretação	
dos Senhores	135
A Escola de Serviço Social de Manaus	139
Apoteose Ecarística	143
A Última Mensagem	145
Um Jornal de Tradição	147
Clarões de Intelectualidade	149
Um Debate Sobre a "Aliança Para o Progresso"	153
Criminalidade e Meios de Defesa	157
Reflexões à Margem do Natal de Jesus	161
Um passeio na Seara Filosófica	165













